
LAST
chance
A SECOND CHANCE ROMANCE
KIRA BLAKELY



QUEENS OF SHADOWS

TRADUÇÃO: EQUIPE QUEEN
REVISÃO INCIAL: EQUIPE QUEEN
REVISÃO FINAL: EQUIPE QUEEN
LEITURA FINAL: EQUIPE QUEEN
FORMATAÇÃO: EQUIPE QUEEN
2019

Quero uma esposa.

É o que estará no anúncio.

Vou precisar de um bebê também, mas podemos facilitar isso.

É como uma merda de filme.

Minha herança está em jogo e não tenho escolha.

Mas nunca esperei que Janine Davis respondesse. A que eu deixei para trás.

A deusa curvilínea e macia é tudo que uma mulher deveria ser.

Estourar sua cereja foi o mais doce evento da minha vida.

Mas então a guerra veio bater em minha porta.

Esta é a nossa segunda chance.

Nunca falhei em uma missão e não vou começar agora.

Vou, vou conquistar, vou devorar porra.

1

Dash

Novembro de 2005

Pergunto-me se serei perdoado por minha família pelo que estou prestes a fazer.

O quebra-cabeça insinua-se em minha mente enquanto eu ando pela South Charles Street, mãos enfiadas nos bolsos do meu casaco preto e laranja do Baltimore Ravens para mantê-las aquecidas. É uma tarde fria, e prefiro estar de volta ao meu apartamento com uma garrafa de gim ou uma mulher embaixo dos lençóis - as únicas duas coisas que podem esquentar um homem. Em vez disso, estou a caminho de encontrar com meu irmão, Billy, prestes a contar-lhe, provavelmente, a maior decisão que já tomei em minha vida.

É o certo? Só o tempo responderá. Meus pais aprovarão? Foda-se, não, mas minha decisão já esta tomada. Tudo o que resta é compartilha-la com meu irmão. Em breve saberei o que pensa.

Nosso local de encontro é o Metropolitan, ao entrar percebo que o bar está relativamente vazio, algumas poucas mesas ocupadas, pessoas alheias que conversam e sorriem enquanto desfrutam dos seus pratos ou optam apenas por uma xícara de café.

Meu olhar varre cada rosto, a procura de algo familiar, mas não o vejo em lugar algum. Como esperado, meu irmão deve estar no andar de cima.

- Você está atrasado, Dash - Cumprimenta-me amargamente, enquanto alcanço o último degrau.

Como de costume, ele sempre age como o irmão mais velho, embora seja três anos mais novo do que eu.

- Eu também senti sua falta, mano.

Dou tapinhas em seu ombro antes de deslizar para o banco vazio ao lado dele. Olho ao redor e percebo que além dos bancos que eu e meu irmão ocupamos, em um canto mais afastado encontra-se solitário homem, usando uma jaqueta de couro surrada, afoga suas preocupações em uma caneca de cerveja. Todos os demais lugares estão vazios. Provavelmente ainda não são cinco horas, horário em que as multidões saem de seus trabalhos e reunem-se para beber e conversasr ante de retornarem aos seus lares.

- Eu vou ter o que ele está tendo - Eu digo ao barman, que parecia ter pouco mais de cinquenta anos, enquanto polia uma caneca de cerveja, que brilhava tanto quanto sua careca.

- Obrigado. - Responde o barman, colocando diante de mim a caneca polida cheia de uma brilhante cerveja da torneira atrás dele.

Eu pego a alça grossa e levo a caneca aos meus lábios. Seu sabor é agradável, não é forte como esperava, mas tanto faz. - Como está a escola? - Pergunto ao Billy.

- Bom - Ele responde, descansando os braços sobre a mesa - eu poderia te perguntar a mesma coisa.

- Que escola? - Tomo outro gole.

Ele franze a testa. - Mamãe e papai estão preocupados com você, sabe como é.

- Eu sei.

- E eles ficaram chateados quando você não apareceu para o jantar no outro dia.

- Estava ocupado - Eu coloquei minha caneca para baixo.

- Você poderia ter ligado. - Rebate meu irmão.

- Muito ocupado. - Responde de volta.

- Fazendo o que porra? - Ele pega sua própria caneca para beber dela.

Giro o banco para me apoiar na barra e encará-lo - Você deveria tentar algum dia.

Ele não diz nada. *Tão fechado.*

Pego minha caneca novamente, mas paro bruscamente ao ver o reflexo do espelho a minha frente - uma ruiva vestindo uma blusa verde de gola alta, uma saia de camurça marrom e botas pretas. Quando viro a cabeça para olhar para ela melhor, ela cruza as pernas magras sob a mesa, os dedos girando a caneta enquanto olha para a tela do laptop com as sobrancelhas franzidas.

Mais uma cliente, séria. Mas essa aqui é muito quente.

Billy pigarreia - Então, o que você quer falar?

Volto minha atenção para ele - O futuro

Ele ri baixinho - Já estava na hora.

- Estou desistindo da escola.

- E qual escola você pretende transferir para este horário?

Fora do estado, talvez?

- Não estou irei para nenhuma outra escola, - digo a ele, respirando fundo - Eu estou me juntando aos fuzileiros navais.

Algo faz barulho no chão. Giro a cabeça para a origem do barulho, percebo que foi a caneta da ruiva. Murmurando um pedido de desculpas, ela pega apressadamente. Quando se endireita, coloca alguns fios soltos de cabelo atrás da orelha, nossos olhos se encontram brevemente.

- Você está brincando certo? - Pergunta meu irmão, chamando minha atenção de volta.

Sacudo minha cabeça - Estou falando muito sério. - Ele permanece em silêncio enquanto avalia minhas palavras, me conhecendo tão bem, sabe que falo a verdade.

Pego minha cerveja, os olhos de volta para o espelho, onde vislumbro a ruiva acaricia seus cabelos, lábios franzidos enquanto continua olhando para seu laptop. Por que não consigo parar de olhar para ela?

- Nossos pais sabem?

- Não. Desejava compartilhar primeiramente com você.

Ele coloca a caneca no balcão - Por quê?

- Por que eu estou me juntando aos fuzileiros navais? - Levanto uma sobrancelha - Ou por que eu estou comunicando a você primeiro?

- Ambos.

Esfrego minha bochecha - Bem, unirei-me aos fuzileiros navais porque acho que é um uso melhor do meu tempo, e estou dizendo-lhe porque, bem, você é meu irmão. - Porque apesar de todas as nossas diferenças, ele é o mais próximo que tenho de um melhor amigo.

Olhando-me amargamente - Tem certeza que esse é o real motivo ou é para que eu faça seu papel e comunique aos nossos pais ao invés de você, e assim, evitar fiquem bravos com você?

Minhas sobrancelhas arqueiam automaticamente - Quando eu pedi a você para que fizesse meu papel?

- Nunca, mas sempre fiz de qualquer maneira, pois me preocupo mais com nossa família do que com qualquer outra pessoa.

Nunca pensei sobre isso, mas percebo a verdade. Meu irmão sempre foi

aquele que fazia todos rirem, que dava sugestões e arranjos para a família passar um tempo juntos, e, claro, ele sempre foi o único a parar com os argumentos. Como não me dei conta antes?

- Billy...

- Desta vez, você comunica a eles - Interompe-me enquanto olha para longe.

- Eu vou, mas não importa o que digam, estou decidido.

- Claro. Você sempre faz o que quer. O que mais é novo? - A crescente amargura em sua voz surpreende-me.

De onde vem tudo isso?

- Você não quer que eu vá - Uma declaração.

- Claro que não quero que você vá - Suas mãos se fecham em punhos sobre balcão, enquanto respira fundo - Você se lembra de quando éramos crianças e nossos pais deram uma festa em casa?"

- Eles deram várias.

- Havia uma em que você deveria fazer um discurso.

Eu toco meu queixo - Eu lembro disso.

- Mas você desapareceu. E adivinha quem teve que discursar em seu lugar? Eu.

Pisco envergonhado, não sabia disso também. Escapei e escondi-me nos canis, não desejava falar o que nem sequer entendia, para um bando de estranhos. Esperava que simplesmente esquecessem a coisa toda do discurso e fossem dançar e se embriagar.

- Tive que tomar o seu lugar - Billy aponta para o próprio peito - E adivinha? Se você sair, é exatamente o que vai acontecer novamente. Terei que sair da faculdade de medicina, mudar meu curso para negócios, para poder

administrar a empresa. Preciso esquecer todos os meus planos e preencher seus sapatos.

Sacudo minha cabeça - Você não precisa fazer nada disso, Billy.

- Bem, quem diabos vai? - Ele bate com o punho na mesa.

- Ei! - O barman advertiu.

Billy o ignora, ficando em pé - Você acha que mamãe e papai levariam a empresa para um estranho? Você acha que eles deixarão alguém que não é sua própria carne e sangue colher as recompensas de todo o sacrifício cim trabalho duro?

Suspiro - A empresa vai ficar bem e nossos pais também.

- Você não dá a porra de uma merda, não é, Dash? - Apertou seus punhos enquanto se eleva diante de mim - Você é um idiota egoísta, sempre foi e sempre será. Bem, foda-se.

Envolvo meus dedos em torno da minha caneca de cerveja, forçando o álcool amargo na minha garganta junto com as palavras de Billy. Posso sentir meu temperamento elevar-se. Há tantas palavras que um homem pode joga-las afinal de contas. Mas ao mesmo tempo, consigo senti-la olhando minhas costas, observando, a espera. Reuno forças para manter minha compostura - Acalme-se, Dash - Digo a mim mesmo.

- Por que você não pode, ao menos uma vez, deixar de ser uma decepção porra?

Então é isso? Coloco minha caneca vazia no balcão com um baque e saio do meu banco.

- Meninos - Adverte novamente o barman.

Olho para o meu irmão mais novo - Por que você nao deixa suas bolas de merda crescerem e começa a caminhar por si mesmo pelo menos uma vez?"

Ele observa-me em silêncio com os punhos cerrados, sua mandíbula está

tão tensa que penso ter ouvido um estalo.

Ah! Não tão ousado agora não é irmãozinho?

Por um momento, ele apenas fica ali parado, as veias em sua testa parece prestes a se romperem. Vejo seu braço mover-se rápido e percebo sua inteção, seu desce em direção a mandíbula. Consigo evitar o golpe, mas ele está apenas começando. Ele golpeia novamente, ao menos ele tenta golpear, o barman que estava observando interpõe-se entre nós contendo seu avanço.

- Exploda sua merda famíliar longe do meu bar - Diz ele enquanto agarra o braço de Billy - Este estabelecimento é para homens, não garotos. Especialmente os moleques estragados, então encara-me - Eu não vou deixar vocês dois destruirem tudo só porque você está acostumado que as pessoas limpem sua bagunça.

Billy finalmente deixa de lutar, seus olhos focados observando-me sem desviar, com as narinas infladas e as veias alteradas. Sinalizando para o barman, ele livra braço preso e pega sua jaqueta, eleva o dedo no ar para mim antes de descer as escadas.

Solto uma respiração profunda enquanto inclino-me contra no balcão. Isso foi muito bem! - Ironizo.

O barman limpa a garganta, as mãos nos quadris - Você vai pagar por a bebida.

- Claro - Respondo.

- Ótimo, então acho que é melhor você ir embora. Eu não quero o seu tipo aqui. Olho-o surpreso. Meu tipo?

- Ei, não fui eu quem começou a cunfusão - Rebato enquanto ergo minhas mãos em sinal de rendição - Estava apenas bebendo.

- Beber e conversar - O garçom aponta - Nunca é uma boa combinação. Agora, pague a porra da cerveja e tire sua bunda daqui.

Não posso acreditar no que este barman careca está dizendo. Billy foi embora furioso. Por que eu deveria sair também? Além do mais, sinto que preciso de outra bebida, ou duas.

- Ei! - Digo a ele, sinto meu temperamento subir novamente - Isso não é maneira de tratar um cliente?

- *Isso* não é maneira de agir como um cliente.

Meus ombros ficam tensos, punhos cerrados – Seu filho da puta atrevido, você já disse o suficiente.

O humor que sobrava desaparece, minha raiva fervendo meu sangue, quando meu dou conta que não estou totalmente sozinho, olho para o lado, onde repolsa tranquilamente a bela mulher de cabelos de outono. Por um momento a esqueci completamente. Respiro fundo completamente consciente de sua presença.

Ela coloca as mãos nos bolsos e suspira - Lloyd, conheço esse cara. Você acha que poderia deixa-lo ficar?

- Você o conhece realmente? - O garçom olha-me com descrença. Esperar! Ela me conhece?

- Difícil de acreditar que estamos no mesmo planeta, sem bem - Diz Redhead, encolhendo os ombros - Mas sim, somos, vamos até para a mesma universidade.

- Há! - Lloyd zomba - Não sabia que crianças ricas estudavam.

- Nós fazemos de vez em quando - Rebato.

- Bem, desde que ele prometa parar de agir como se tivesse um dedo no rabo. - Lloyd afasta-se.

A bela mulher então encara-me com um sorriso esperançoso - Você pode fazer aquilo?

- Sim – Respondo - Acho que eu posso.

- Bom! – Beldade volta para a mesa.

Sigo-a com os olhos. Agora que meu irmão se foi, posso dar uma boa olhada nela.

Suas feições são fortes e orgulhosas: testa alta e maçãs do rosto, nariz elegante e boca firme. Lembra-me uma menina e uma princesa ao mesmo tempo. Seu cabelo ondulado e acobreado, é incrivelmente brilhante, como se ela tivesse acabado de sair do salão. Magra embora não tenha nada de frágil nela. Parece firme e macia ao mesmo tempo, em sua elegante blusa branca de gola rulê e saia marrom na altura dos deliciosos joelhos. Apesar de não medir mais que um metro e sessenta e cinco de altura, ela usa sapatilhas, talvez não seja o tipo de garota que usa saltos.

Que tipo de garota você é? Pergunto internamente. Não seguro mais a curiodidade e vou até sua mesa - Você disse que estuda na UMD? – Pergunto enquanto puxo a cadeira vazia para sentar-me, meso sem ter sido convidado.

- Sim - Responde enquanto coloca os cotovelos sobre a mesa e começa a mexer o pingente em forma de coração do colar de ouro em torno de seu pescoço - Assistimos uma aula. Estatisticas.

Nós assistimos?

- Eu sinto Muito – Digo enquanto inclino-me para frente - Mas não acho que peguei seu nome na aula.

- Bem, você teria se estivesse prestando atenção, Dash Siegel.

Porra. Ela sabe meu nome, e eu nem sei o dela - Você vai me dizer seu nome ou ...?

- É Janine - Sorri de forma que tira-me o fôlego - Janine Davidson.

- Janine - Saboreio seu nome em meus lábios - Belo pingente - Ela o soltarapidamente - Obrigada.

- Presente de um amor.

- Não, meus pais deram-me assim nasci - Doce.

Olho para o pingente que descansa acima do vale de seus seios firmes. Vejo-me encarando o zíper no topo da sua blusa, desejando puxá-lo completamente para baixo, apenas para que ver o que há por baixo.

Comporte-se Dash.

Ok! Já me comportei mal o suficiente por uma hora. Talvez espere até a noite antes de fazer algo novo.

Ou talvez não.

Está ficando abafado ou essa linda mulher meu deixou quente, tiro meu suéter e o coloco na cadeira vazia ao meu lado, inclinando-me para trás confortavelmente - Então, posso fazer algo por você?

2

Janine

Gostaria de ter um pedaço de você.

- Não, obrigada - Sacudo minha cabeça elevando minha mão direita - Oh vamos lá! Deve haver algo que você queira e que eu possa te pegar.

Dash inclina- se em minha direção, o rosto a centímetros do meu, polegadas. Tão perto que posso cheirar sua colônia de terra, aquele mesmo cheiro que senti quando ele sentou na cadeira bem na minha frente durante a aula que tivemos. E faz minha boca encher de água.

Eu nem sabia que uma colônia poderia fazer isso.

- Salada de atum - Respondo. Fecho a boca antes que comece babar.

- Salada de atum – Ele repete enquanto alonga o braço tonificado, sua manga deslizando para trás para revelar um firme bíceps - Camarão ao molho de Buffalo e salada de atum. Espere aqui.

Ele vai embora, dando-me uma bela visão dos seus músculos firmes de suas costas e aquele glorioso traseiro duro, fazendo-me morder uma unha quando tudo que eu realmente quero é dar uma *mordida* nele.

Ainda não consigo acreditar que Dash Siegel, estava sentado na minha frente. Ou que ele está pegando comida para mim.

Claro, eu o conheço. Estava prestando atenção nele durante o primeiro dia de aula. Além disso, é difícil desviar da visão que ele é – obviamente, Dash é

mais velho da turma, talvez três ou quatro anos - os alunos mais velhos geralmente se destacam, principalmente por todos estarem curiosos para saber o motivo de não terem deixado a escola. Há rumores de que Dash costumava estar em Hopkins e em Loyola. Por que ele não está mais lá?

Mais importante, ele é um barco dos sonhos.

Enquanto ele caminha de volta com passos poderosos, ombros largos um pouco abaixados, as lindas mechas de seu cabelo loiro que me lembra areia, dança acima das grossas sobrancelhas, vejo-me prendendo a respiração, coração batendo forte. Oh, o que eu daria para afastar essas mechas teimosas de sua testa, passar meus dedos por aquela mandíbula teimosa ou ...

Merda, Agora estou babando!

Fecho boca enquanto Dash fica diante de mim, embora tenha chegado a conclusão outras áreas tenham começado a umedecer - Aperto as pertas firmimente.

- O que você está estudando? - Dash pergunta enquanto olha pelo meu laptop.

- Oh, nada - Respondo, fechando-o rapidamente.

Movimento errado. Com o meu laptop fora do caminho, estou olhando direto para as curvas do tórax de seu peito, delineadas por sua camisa branca de algodão. Levanto o olhar para pega-lo encarando-me, estou presa por esses olhos cativantes, que mais parecem o céu antes de uma chuva torrencial.

Ele estreita esses o olhar - Você não estava assistindo pornografia, estava? Você agiu igual a mim, quando minha mãe costumava me flagrar...

- Não – Interrompo-o balançando a cabeça.

Ele toca seu queixo quadrado - Faz sentido, você sabe, ficar aqui no andar de cima sozinha, sentada em um canto.

Franzindo a testa - Estava estudando para a minha aula de

contabilidade."

- Desculpa - Ele ri - Só estou brincando.

E o som de sua risada, brincalhona, profunda e controlada, é o suficiente para me fazer perdoá-lo instantaneamente.

Merda, ele até tem um sorriso tão sexy.

- Sinto muito pelo que presenciou mais cedo - Diz ele enquanto ele acaricia a alça de sua nova caneca de cerveja - Devemos ter distraído você.

- Sim, vocês não estavam exatamente quietos - Levominha xícara de café aos lábios, segurando-a com as duas mãos - mas não se culpe. Já estava em minha própria batalha quando você entrou e decidi desistir. Além do mais, este é um bar. Não é para ser um lugar silencioso.

- Exatamente - Ele diz - o que faz-me pensar no motivo você está estudando aqui.

Dou de ombros - Eu não sei, simplesmente não consigo estudar na minha pensão. O quarto é muito pequeno, aqui há muito espaço, além de ser silencioso durante o dia, e tem as cadeiras, que são confortáveis, Lloyd tem bom gosto musical, o café é delicioso e mais barato que o café da Starbucks.

- Só você viria a um bar e pediria café - Ele empurra a caneca para mim - Quer experimentar?

Olho a caneca, especificamente na borda onde seus lábios estavam apenas momentos antes. *Tentador, mas não.*

- Não, obrigada - Coloco minha xícara na mesa - Estou bem com café.

O que agora? Fale sobre escola? Com base nessa conversa que ele teve com o irmão, não é um assunto que goste de tratar. Trago isso a tona? - Melhor Não - Parece rude. Então o que? Falar sobre o tempo? *Frio*. Mas o que mais podemos falar? Além do que acabei de ouvir, não sei nada sobre Dash, e definitivamente não acho que tenhamos algo em comum.

Por que não deixar que ele inicie o assunto?

A comida acabou de chegar. *Que momento mais oportuno.*

- Hum - Ele acaricia o queixo novamente enquanto olha para o prato de comida com os olhos -Isso parece bom.

- Sim - Concordo quando olho para minha salada de atum acompanhado de verduras mistas - Você não terá uma refeição igual ao que vê nos fuzileiros navais.

Oops! Eu acabei de mencionar isso?

- Ah! - Ele leva uma das batatas fritas à boca - Então você estava ouvindo.

Eu pego meu garfo - Como eu havia dito, você não estava exatamente silencioso - Ele franze a testa - Meu irmão e eu nos damos bem, mas sabe, todos passam por momentos difíceis de vez em quando.

- Não, eu não saberia - Balanço a cabeça e espeto o garfo em um pedaço de alface - Eu não tenho irmãos.

- Oh! - Dash se recosta na cadeira - Sorte a sua.

Ele estreita os olhos novamente, seu olhar intenso sobre o meu, fazendo a gola de malha da minha blusa parecer transparente. E não é apenas minha gola alta. Algo naqueles olhos estreitos, brilham com mistério e travessura, estam fazendo-me sentir completamente nua. Coro, para distrair-me, começo a comer rapidamente.

- Devagar! - Dash diz - Você não pode encher tanto a boca, você sabe - Minhas bochechas queimaram. - tem que lembrar de engolir. - Acrescenta ele.

Eu quase engasgo, então deixo de encher a boca e bebo o resto do café.

- Você gosta de salada tanto assim?

Dou de ombros, devolvo minha xícara vazia à mesa, com um guardanapo

limpo meus lábips para garantir não ficou nenhum resíduo da salada - Você gosta de camarão? – Procuro mudar de assunto.

- Gosto de frutos do mar - Admite, dando uma mordida em seu camarão - Mas o que estou apreciando é ainda melhor.

- O que? - Pergunto com escárnio sai de mim - uma garota magricela enfiando o rosto na comida?

- Uma linda garota, decidir o que ela quer, e o toma.

Quase engasgo novamente. Não estou acostumada a caras falando assim comigo. Estudei duroi durante todo o período acadêmico. *E ainda sou virgem!*

Alcanço minha xícara de café só para desviar do assunto, apenas para lembrar que eu bebi todo o conteúdo.

- Você sabe o que? – Pergunto a ele - Acho que vou tomar um pouco de cerveja.

- Ouça isso, Lloyd? - Dash chama - A senhorita vai uma caneca.

- Certo? - Lloyd pergunta-me atrás do bar.

- Sim – Confirmo. Olho para Dash novamente - apenas uma caneca.

Dash sorri - Qualquer coisa que você queira.

* * *

- Então, se você não se importa que eu pergunte - Largo minha terceira caneca. *Duas não tendo sido o suficiente* - O que levou você a desejar juntar-se aos fuzileiros navais?

Dash toma outro gole de sua quarta caneca - o*u é a quinta?*

- Desejo de servir o meu país.

- Besteira - Rebato. O álcool pode acalmar os nervos, mas também solta a língua. Quanto mais longa a conversa, menos educada fica.

Ele ri enquanto coloca sua caneca sobre a mesa - É mais uma experiência, eu acho. Quero descobrir do que sou feito, qual o meu real propósito aqui, e, talvez descobrir o que devo fazer com o resto da minha vida.

- Nossa! - Eu concordo - Isso é profundo.

- Você pediu-me para soltar toda a porcaria – Lembra-me.

- Parece que você está entrando em um monastério em vez das forças armadas.

- Um mosteiro? - Ele coça o queixo.

- Sim. Se você pensar sobre isso, eles têm coisas em comum.

Para começar, você é todo homem...

- Há mulheres na Marinha também.

- Mas ainda é principalmente homens. E então, você está longe de casa, come comida ruim e passa muito tempo em treinos ou sem fazer nada.

Dash bate os dedos longos na mesa novamente - Tem razão, mas você perdeu algo muito importante. Os monges não pode ter as mulheres querem.

Ele está dando-me aquele olhar de novo, aquele olhar que faz meus joelhos ficarem fracos e meu coração bater forte. Minha calcinha está encharcada. Ele nunca olhou para mim desse jeito antes, mas agora que estamos sentados, juntos, esses olhares tornaram-se constantes.

- Não se engane Janine - Ele começa a fazer círculos sobre a madeira com os dedos - Eu não sou monge, muito menos santo.

Respiro fundo - Eu entendo que você teve todas as mulheres que você quis.

- Eu acho que nós vamos descobrir.

Inalo agudamente, pego minha caneca e tomo um grande gole.

- E você - Ele levanta os braços enquanto senta-se. Sua camisa sobe para dar-me um vislumbre de seu pacote de seis gominhos - Por que ser contadora?

- Eu apenas gosto de números - Respondo, afastando meu olhar daqueles músculos - Sempre fui boa com eles.

- Ah! - Ele aperta as mãos na mesa.

Coloco o cabelo atrás da orelha - Acha que vai dar um bom soldado?

- Eu sempre sou bom em tudo o que estou disposto a fazer.

- Você não gosta de seguir ordens - Observo.

- Quem gosta? - Ele encolhe os ombros - Mas vou me ajustar.

- E você não parece um jogador de equipe.

- Nossa! - Ele passa o dedo pela parte externa da minha caneca - Algumas pessoas perdem a visão depois de beber, mas parece que a sua está ótima.

- Só é preciso tempo para avaliar bem. - Deixo escapar.

Não sei porque disse isso. Talvez queira conhecê-lo melhor, talvez queira que ele me conheça melhor ou talvez tenha bebido demais. Seja qual for, é tarde de mais para voltar, então continuo - Talvez seja por ser filha única, mas nunca gostei de trabalhar em grupos ou ingressar em clubes. Eu nunca tive muitos amigos.

- O mesmo aqui - Dash traça círculos em minha caneca - Talvez seja essa a razão pela qual estou me inscrevendo para o Corpo de Fuzileiros Navais, talvez eu esteja procurando um lugar para pertencer.

Eu respiro fundo novamente - Bem, não somos todos nós?

Pego minha caneca para tomar outro gole, meus dedos roçam contra os dele e sinto a eletricidade percorrendo todo meu corpo.

Sinto meu celular vibrar, a sensação percorre meu corpo novamente. *O*

que é com todo esse zumbido?

Tiro-o da minha bolsa e olho a tela, duas mensagens. A primeira mensagem foi a uma hora atrás, minha colega de quarto Shannon, que de alguma forma senti falta, dizendo que foi dormir na casa de um amigo. A sengunda mensagem é que a Sra. Cook , a proprietária da pensão chegou e está procurando por mim, e lembrando-me será trancada às dez horas.

São nove horas e cinquenta e dois minutos!

- Merda! - *Realmente estive no bar por todo esse tempo?*

Coloco meu telefone de volta na bolsa e começo a arrumar minhas coisas - O que há de errado? - Dash pergunta preocupado.

- Eu não deveria estar aqui a essa hora, e se não voltar para a pensão em menos de dez minutos, não terei lugar para dormir.

Dash se levanta - Então, vamos torcer que possamos levá-la para casa em menos de dez minutos.

Nós? Não tenho tempo para discutir.

- Você tem um carro?

- Sim.

- Ótimo! - Digo com esperança – Então vamos.

Espero que eu possa voltar no tempo.

No momento que Dash e eu chegamos à pensão, já havia passado do horário estipulado, apenas as luzes da varanda estão acesas, as portas da frente e dos fundos trancadas.

- Merda! - Sento-me nos degraus da varanda, passando minhas mãos pelo meu cabelo, exasperada. Agora estou trancada pela noite.

- Você não pode pedir a sua senhoria para deixá-la entrar? - Dash olha

para o relógio enquanto ele permanece em pé ao meu lado - Não passou tanto assim.

- Para a Sra. Cook, regras são regras. O toque de recolher é o toque de recolher. Se você violar a lei, você não poderá dar desculpas.

Ele toca o queixo - Soa como uma dona de casa difícil.

- Ela é legal, quando você segue as regras – Suspiro - Bem, não o fiz, então eu vou ter que dormir aqui, eu acho.

Deito-me na varanda, de repente me sentindo tonta - Isso é o que ganho por beber com Dash Siegel.

Dash franze a testa - Não há mais alguém que possa deixá-la a entrar?

Coloco um braço sobre a minha testa – Não, minha colega de quarto decidiu passar a noite em outro lugar e, atualmente, somos as únicas pensionistas.

- Provavelmente por causa de suas regras.

Provavelmente.

- Não há alguém para quem você possa ligar? Certamente, alguém tem um sofá.

- Eu não tenho muitos amigos lembra?

- Parece que você realmente não tem nenhum.

Eu faço cara feia para ele - Obrigada por fazer-me sentir melhor.

Ele não responde meu comentário sarcástico, em vez disso, desaparece na esquina da casa. Depois de alguns minutos retorna, senta nos degraus da varanda e tira um sapato.

- O que você está fazendo? - Pergunto a ele, sentando-me.

Ele tira o outro sapato sem responder minha pergunta. Eu engulo seco.

Ele está se despindo?

- Espera! - Levanto a mão, apoiando-me no outro braço para manter o equilíbrio - Nós não vamos fazer isso aqui na varanda, vamos?

Ele se levanta - Apresse-se e tire seus sapatos. Nós vamos escalar a árvore.

Meus olhos se arregalam. *Nós vamos fazer o que?*

- Isso não vai ser muito áspero?

Dash olha para mim - Subir em uma árvore? Sim, pode ser difícil - Mas você vai conseguir. Vamos! - Pisco ainda confusa.

- Vamos subir em uma árvore para entrar no segundo andar - Eplica Dash - Vi uma janela aberta.

- Oh!

Tiro meus sapatos e sigo-o procurando a janela aberta com as cortinas amarelas.

Eu inclino minha cabeça - É a janela para o meu quarto?

- Diz-me tu.

- Espera. Você está sugerindo que eu entre por lá? - Eu aponto para o local.

- Estou dizendo que você pode.

- Mas se a Sra. Cook descobrir que eu entrei pela janela - Começo, mas ele interrompe-me.

- Apenas saia antes que ela descubra - Dash estende a mão para mim - Você quer dormir em sua cama ou não?

- Eu quero, mas - Engulo o nó na garganta quando olho para a janela novamente.

- Vamos. - Ele pega minha mão e leva-me para debaixo da árvore ao lado da casa, em seguida, ele solta minha mão e cai de joelhos no chão.

- Fique em meus ombros.

- O que?

- Fique em meus ombros para que você possa subir na árvore; então pegue o galho que leva à janela.

Recuo balançando a cabeça quando vejo o quão alto e torto é o ramo - De jeito nenhum, acho que não posso fazer isso, mesmo que estivesse sóbria.

- Mas você não está - Dash lembra - Então você vai fazer algo corajoso, tolo e divertido.

Bem, tenho que admitir, há algo excitante em entrar em um quarto, mesmo que seja o meu próprio quarto. E eu quero dormir em minha cama.

Coloco uma mão no ombro de Dash e depois o meu pé - É melhor você não olhar a minha saia – Alerto-o.

- É melhor você não cair em cima de mim.

Coloco meu outro pé em seu outro ombro, seguro em sua cabeça enquanto tento manter o equilíbrio. *E falhe*. Depois de alguns segundos, escorrego soltando um grito quando caio nos braços de Dash.

- Shh - Ele segura um dedo nos lábios - Você não quer acordar toda a vizinhança.

Eu sei - Desculpa.

Vamos tentar de novo.

Mais uma vez, coloco minhas mãos e pés em seus ombros. Desta vez, consigo manter o equilíbrio, apoiando-me na árvore, enquanto Dash se levanta devagar, pelo menos nos dois primeiros minutos. Assim que Dash está na

posição vertical, ele balança e eu também, meus pés escorregam. Eu solto outro grito quando envolvo meus braços ao redor da cabeça e do pescoço de Dash, minhas pernas enganchadas sobre seus ombros.

- Janine, eu não posso ver - No instante seguinte, nós dois caímos no chão, eu na grama com minhas pernas esparramadas.

Sento-me rapidamente e aberto bem meus joelhos - Você disse que não olharia.

- Você disse que não iria cair.

- Quem está aí? Ouço a voz da Sra. Cook, junto com uma janela abrindo-se, luzes acesas no primeiro andar.

Merda!

Não consigo me mover - felizmente, Dash entra em ação, puxando-me para fora da grama apertando-me contra ele, enquanto ele se esconde atrás da árvore, sua mão sobre a minha boca.

- Você ouviu alguma coisa, Henry? - A Sra. Cook pergunta.

- Não Sra. Cook.

- Você é surdo como um rabo de cavalo. Eu ouvi alguma coisa.

- Melhor surdo do que louco, mulher.

Graças a Deus Dash está com a mão na minha boca, ou eu teria rido.

- É melhor não ser aqueles malditos gatos novamente.

A janela é fecha e as luzes se apagadas, momentos depois. Assim que Dash retira sua mão, agarro meu estômago rindo.

- Deus, isso estava perto!

- Vamos tentar de novo?- Dash sugere.

- Sim - Respondo - Sem a queda desta vez.

- Você é a única que caiu. - Desta vez, eu não caio, alcanço o galho e dou um impulso, estremecendo quando raspo um joelho.

- Merda, eu deveria ter usado calças.

- Você está dizendo isso agora?

Dash se levanta no galho - Bem, não posso dizer que não gosto da vista - Como eu deveria cruzar o ramo com ele olhando para minha calcinha?

- Deixe sua mochila comigo, entrego para você quando estiver em seu quarto.

Sigo suas instruções, fazendo o meu caminho através do ramo. Ele mergulha sob o meu peso, deixa-me tremendo na brisa, sinto-me aterrorizada, mas de alguma forma, eu consigo, abrindo a janela completamente e caindo dentro. Dash entra no galho para entregar-me a bolsa conforme combinamos.

- Veja - Diz ele - Sua primeira tentativa de invadir seu quarto foi sucesso.

- Só por sua causa – Resondo-lhe, pegando minha bolsa e a coloco no chão. Se não fosse por ele, eu teria congelado até a morte na varanda.

- Bem, foi em parte minha culpa que você perdeu seu toque de recolher - Ele sorri como se estivesse orgulhoso disso, parcialmente.

Levanto minhas sobrancelhas - Você quer dizer inteiramente.

Ele ri baixinho - Então eu acho que isso é um adeus.

Adeus? - Certo. Ele está se inscrevendo para os fuzileiros navais, então provavelmente nunca mais o verei – Espere - Digo rapido assim que ele começa a se afastar - Não saia ainda - Não quero que ele vá embora. Ainda não. Assim não.

Ele para, segurando meu olhar - Você sabe o que vai acontecer se eu

entrar aí certo?

Eu aceno, lambendo meus lábios. Eu sei bem o que vai acontecer. Meu corpo responde em antecipação, meu coração bate tão forte, que tenho medo de pular para fora das minhas costelas, minhas mãos estão tremendo e suadas. Minha mente, por outro lado, está gritando que devo parar. Mal conheço Dash, e em breve estará indo embora - eu nunca fiz sexo antes, a segunda base foi a mais distante que eu já fui. Talvez seja por ter bebido um pouco álem, talvez seja por causa do fato de ele estar saindo ou talvez seja por ter sonhado com isso uma e outra vez, mas eu não quero que ele vá. Eu não quero que a noite termine assim. Eu quero que ele fique, que seja meu, mesmo por apenas uma noite, eu quero ele.

- Você tem certeza? - Dash pergunta, sua voz e seu olhar segurando o meu, um pedido e um aviso.

- Sim - Respondo, minha voz tremendo.

Quando ele avança o restante do galho, meu corpo começa a tremer de excitação, o calor percorrendo minhas veias e me enchendo, algumas delas vazando de dentro de mim e deixando minha calcinha ainda mais molhada. Eu o quero - repito a mim mesma - estou pronta.

- Eu te disse que eu não sou um monge - Dash diz assim que ele está no meu quarto, fechando a janela silenciosamente atrás dele.

- Não - Eu concordo - Você é um soldado, e você merece uma boa despedida.

Ele se afasta da janela, parando bem na minha frente e passando os dedos pelo meu cabelo - É isso mesmo que quer?

Eu engulo - Eu não sei. - Tudo o que sei é que cada nervo do meu corpo está aceso como um pavio, cada centímetro da minha pele formigando. Eu posso sentir adrenalina nas minhas veias, me enchendo de pura excitação e desejo cru.

Eu quero mais dele. Eu preciso de mais dele.

Na ponta dos pés, coloco minhas mãos em pescoço e o beijo. Pelo menos,

eu pensei que estava beijando ele, mas quando ele coloca delicadamente uma mão na minha bochecha e a outra firmemente em minhas costas, pressionando seus lábios contra os meus, percebo que isso é um beijo.

O melhor que eu já tive.

Posso sentir cada centímetro de seus lábios macios contra os meus, posso sentir o polegar dele contra a minha bochecha, o calor de sua respiração misturando-se com a minha enquanto aprofundamos o beijo, sua língua invade minha boca e estou perdida, agarro-me em seu suéter, sinto o gosto da cerveja e algo muito mais picante e uma sensação deliciosa passa por mim, fazendo minha cabeça girar e meus joelhos tornarem-se fracos.

Dash prende-me contra a parede, abro as pernas, posso sentir o roçar de algo duro, a consciência disso fazendo meu sexo derreter ainda mais. Ele pressiona-me mais firmemente enquanto sua língua roça a minha, as mãos abrindo o meu suéter, liberando meus seios inchados e desejosos.

Tive vontade de fazer isso a noite toda - Diz ele com voz rouca. Não sei como responder, então, simplesmente suspiro quando ele esfrega meus mamilos duros com os polegares.

Dash leva-me em direção a cama sem interromper o beijo e sem tirar as mãos dos meus mamilos. Meus dedos perderem- se em seus cabelos, entregando-me completamente ao beijo, puxo seu cabelo, quando ele abandona meus lábios para dar mais atenção aos meus seios. Seus dedos rastejam sob a minha saia até minha coxa, fazendo-me sentir cócegas antes de chegar ao seu destino.

Quando eles roçam minha calcinha encharcada, um gemido escapa dos lábios, mordo meu lábio inferior para reprimir outro som – não sei o que faria se a Sra. Cook entrasse e me visse assim, tanto por constrangimento quanto por Dash, parando.

Mordo com mais força quando Dash chupa meu mamilo, o calor de sua boca rapidamente se espalha por todo meu corpo como lavas de um vulcão em toda sua atividade. Ao mesmo tempo, seus dedos começam a acariciar-me

através do algodão molhado, roçando meu clitóris.

- Merda - A maldição escapa dos meus lábios quando outro arrepio passa pelo meu corpo. Ele puxa minha saia para baixo, sorrindo enquanto olha entre as minhas pernas - Por que você está sorrindo? - Pergunto-lhe.

- Nada - Responde, sustentando meu olhar enquanto ele se move para baixo, estabelecendo-se entre as minhas pernas. Ele abaixa a cabeça para que tudo que eu possa ver agora são seus olhos e o topo de seus cabelos, aqueles olhos hipnotizam-me ao mesmo tempo que seus dedos escorregam por baixo da minha calcinha.

Fecho os olhos, incapaz de olhar por mais tempo, mas arregalo-os no momento seguinte, quando ele puxa minha calcinha para longe e me beija lá.

Céus! - Tento empurrá-lo - Isso é muito - Demais? Muito embaraçoso? Muito sujo?

- Bom para se perder - Ele termina minha frase - Confie em mim. Choramingo cedendo. Havia prometido a mim mesma, ao chegar para a faculdade, tentar coisas novas. Dash continua beijando, mas não apenas beijando. A ponta da sua língua esfrega contra o meu clitóris, me deixando mais molhada. Em seguida, sua língua move-se ainda mais baixo, mergulhando no meu canal. Agarro os lençóis enquanto minha boca se abre para soltar um grito silencioso. *Merda, tão bom!* Bom demais. Cada golpe dessa língua, posso sentir meu corpo enfurecido e minha mente se esvaindo.

Não é suficiente, quero mais, mais dele – Dash - Seu nome escapa dos meus lábios como um apelo.

Ele para, lambendo os lábios enquanto olha para mim com os olhos escuros - Me diga o que você quer.

Eu alcanço a protuberância em suas calças, acariciando-a. Sua respiração se agita em um assobio baixo - Eu quero você.

Ele balança a cabeça, tirando a camisa. Meus olhos se arregalam enquanto eles devoram os músculos do seu peito e seu abdômen. Incapaz de

resistir, corro meus dedos sobre eles, deleitando-me em cada protuberância, eles parecem treme sob o meu toque- Bonita.

Dash ri - Não tenho certeza se essa é a palavra que gostaria de ouvir - Ele continua a se despir, tirando as calças e depois as cuecas.

Ao ver seu pênis, maciço e pulsante, eu suspiro, esta parte dele é magnífica. Estou cheio presa em admiração, meu coração batendo de excitação. Ao mesmo tempo, sinto um pouco de medo. Isso vai caber dentro de mim?

Ele pega minha mão e a leva para seu pênis - Você tem certeza que quer isso?

Eu aceno, envolvendo meus dedos ao redor dele, deliciando-me com a suavidade da pele naquela região, especialmente a cabeça aveludada.

- Cuidado – Adverte - Eu tenho que confessar, estou no meu limite. – Aceno em resposta. Eu não estou mais com medo.

Ele acomoda-se entre as minhas pernas, beijando-me quando começa entra em mim. Envolvo minhas mãos ao redor dele, agarrando-me com a respiração presa. Polegada por polegada, ele preenche-me completamente, esticando-me tanto que eu sinto uma pontada de dor, mas que desaparece depois que ele mantem-se congelado, e tudo o que resta é o quão perfeitamente ele se encaixa dentro de mim, o incrível conhecimento de que nossos corpos estão unidos pela primeira vez. Esta é a primeira vez que tenho um homem dentro de mim e é sublime - sintindo-me mulher. Eu empurro meus quadris contra ele, de repente mais ousada. Dash quebra o beijo soltando uma risada.

- Você gosta disso.

- Não é tão ruim quanto pensei que seria - Respondo.

Suas sobrancelhas franzem - Bem, vamos fazer melhor?

Ele agarra minhas coxas, levantando-as quando começa a mover-se dentro de mim.

A cama range, o som amplificado pelo silêncio em toda a casa.

Eu não me importo mais. Abraço-o mais apertado, as unhas raspando suas costas gloriosas enquanto ele balança meu corpo com o dele, causando uma explosão de prazer dentro de mim.

Amo o jeito que como você move-se.

Quer dizer assim? - Ele levanta a cabeça e dá um impulso particularmente profundo.

Eu suspiro e sorrio - Mais rápido.

Dash sorri e me faz uma saudação - Sim, senhora. - O sorriso desaparece quando ele vai bem fundo, fecho meus olhos. Os lençóis torcem no meu punho, saboreio cada impulso. Ele vai me quebrar em mil pedaços.

Nunca me senti mais vulnerável e, ao mesmo tempo, segura. Posso sentir tudo e ainda nada ao mesmo tempo. Como na terra, as pessoas sobrevivem a essa loucura? E como vou sobreviver sem isso, agora que sei como é incrível?

Mais e mais, ele desliza dentro e fora de mim, mergulhando nas profundezas do meu ser. Envolvo meus braços ao redor dele, separando meus lábios, tentando forçar tanto ar em meus pulmões, para compensar o que está sendo roubado, embora não consiga acompanhar. Meu corpo está queimando, cada polegada zumbindo, cada nervo formigando.

- Janine. - Diz meu nome pela primeira vez, desde que veio ao meu quarto e eu abro os olhos. Aquele olhar escuro e meio fechado é mais intenso do que nunca, me pegando de surpresa, e ainda assim, de alguma forma, é mais suave, mais terno.

Merda, é sexy. Não apenas seus olhos, mas como ele tem essa fina camada de suor em sua testa, seu cabelo está ainda mais bagunçado agora, suas feições parecem estar dilaceradas entre êxtase e agonia.

Pergunto-me se tenho a mesma aparência - sei que sou uma bagunça,

posso sentir algumas mechas do meu cabelo grudadas em minhas bochechas. Lágrimas se formam nos cantos dos meus olhos. Eu não me importo.

Eu escovo alguns fios de cabelo da testa e puxo o rosto para mais perto, beijando-o. Ele começa a se mover de novo, mais rápido, incontrolavelmente. Não há padrão no ritmo selvagem. Ele só bate dentro de mim, o atrito entre nossos corpos leva-me ao precipício.

- Dash! - Grito seu nome ao mesmo tempo em que meu corpo se arqueia contra o dele, o é prazer esmagador. Cada nervo do meu corpo explode, acendendo fogos de artifício em minha visão antes fechar meus olhos firmemente. Minha mente fica em branco quando eu jogo minha cabeça para trás.

Recupero meus sentidos assim que Dash impulsion-se uma última vez, grunhidos saindo de seus lábios, enquanto seu corpo treme e pênis explode dentro de mim, e ele desmorona em cima de mim. Fnalmente deito-me, os braços pousados em meus lados e olhos fixos no teto. Posso sentir seu coração batendo forte.

Envolvo meus braços ao redor dele, correndo os dedos em suas costas fortes e percebo que sentirei falta disso. Toco seu cabelo suavemente, deleitando-me com as mechas sedosas. Chego a uma realidade - não quero que ele vá. Não digo nada, no entanto, liberando-o quando ele sai de mim para levantar-se. Sinto-me repentinamente vazia e triste, mas forço um sorriso enquanto me apoio nos cotovelos - Para duas pessoas que não são jogadores de equipe, fazemos um bom time. – Pego-me dizendo, acariciando meu pingente.

- Nós fazemos - Dash concorda com um sorriso quando ele coloca as calças, quando ele coloca sua camisa e o suéter, vem até mim, beijando-me na testa - Tenho que ir, Janine.

Aperto meu pingente, puxando-o ligeiramente, pergunto-me se eu deveria dar-lhe como uma lembrança minha, mas eu deixei esse pensamento ir. Aceno enquanto saio da cama com o cobertor enrolado em volta dos meus ombros - Adeus, Dash- Digo quando ele abre a janela – Cuide-se.

Ele olha de volta para mim - Você também. - E coloca os pés no peitoril da janela e pula no galho. Fico debruçada janela, dedos ainda no pingente enquanto vejo-o correr pelo galho e pular da árvore em segundos, aterrissando em seus pés. Então ele olha para cima, me dá um último sorriso e corre para seu carro, o Benz prata desaparece de vista sob o luar.

Ele se foi. Levo um pouco de tempo para constatar a realidade, o cheiro de sua colônia ainda no ar, seu suor grudado em minha pele, sua semente ainda escorrendo entre minhas coxas.

Como ele se foi tão cedo?

Deixo escapar um suspiro e vou ao banheiro para tomar um banho - coloco meu pijama e vou para cama. Adormeço imediatamente, com uma pergunta gravada em minha mente enquanto eu passo a ponta do meu dedo sobre os meus lábios ainda inchados. *Eu verei Dash novamente?*

3

Dash

Março de 2017

Eu nunca mais vou ver meu pai.

Enquanto o Boeing 747, paira sobre o mar de nuvens na minha viagem de volta da Síria, meus pensamentos são de meu pai, cuja morte tomei conhecimento poucos dias. Foi um choque, claro, especialmente quando disseram que ele morreu de derrame.

A última vez que o vi, ele estava perfeitamente saudável. Então, novamente, lembro-me de um médico na TV, dizendo uma vez que o coração é o maior traidor de todos, voltando-se contra você quando menos se espera. Além disso, faz séculos desde a última vez que estive. Doze anos, para ser exato.

A última vez que estivemos próximos, ele gritou que eu deveria voltar com um cadáver coberto de bandeiras.

Agora, aqui estou, em um avião com destino ao Aeroporto BWI, voltando para casa vivo, apenas algumas cicatrizes. As mais profundas são invisíveis a olho nu. Meus dedos percorrem uma das cicatrizes, localixada logo abaixo da orelha direita, causada por um pedaço de estilhaço de uma bomba que explodiu muito cedo. *Doze anos.* Parece muito tempo, porémpassou tão rápido, especialmente desde que a maioria desses anos, foram gastos em implantação - a minha escolha. O combate tornou-se minha vida, não existia uma razão para voltar para casa. *Até agora.*

- Posso pegar alguma coisa para você? - A aeromoça, cujo nome diz Lisa, interrompe meu devaneio. Antigamente teria dito: uma boa foda. Entretanto, apenas nego com a cabeça, sem vontade alguma de flertar.

Talvez eu superado isso.

Ela olha minha jaqueta, seu olhar demorando-se na insígnia - Há quanto tempo você está nos fuzileiros navais?

- Doze anos.

Indo para casa para permanentemente?

- Sim - Mudo de posição em meu lugar - Finalmente.

Ela sorri Se houver algo que possa fazer por você, é só chamar. - Ela diz antes de partir.

Tiro a jaqueta, colocando-a sobre um braço enquanto viro meu olhar para a janela, imaginando o que espera-me em casa.

Durante todo o tempo ausente, mal falei com minha mãe, nunca com meu irmão ou pai. Todos os meus colegas receberam e-mails, vídeos do Skype, até mesmo mensagens do Facebook de casa. Quando abandonei minha família, eles também abandonaram-me, orgulho de ambos os lados para reconsiderar. *Mas o campo de batalha modificou-me.*

Quase me arrependo de deixar as coisas do jeito que eles ficaram. Estava preparando-me meu retorno para casa, e tentar conciliar-me com minha família, quando recebi a ligação sobre o falecimento do meu pai. *Tarde demais.*

Estou atrasado para o funeral. Tive que finalizar alguns arranjos antes que pudesse voltar para casa. Suspiro quando olho para o meu relógio, papai o deu para mim.

Eu tento me lembrar dele, não como foi da última vez, mas como ele estava ocupado, sempre ocupado com o trabalho, golfe ou fugas com a mamãe.

Lembro-me das poucas férias em família, e como ele ensinou-me a jogar golfe e a pescar durante duas delas, lembro-me dele na minha formatura do ensino médio e dos Natais. Ele nem sempre estava por perto para o Dia de Ação de Graças ou Quatro de Julho - mesmo aqueles feriados eram tomados por

deveres corporativos, mas ele estava sempre por perto para o Natal ,e sempre usava um suéter vermelho na manhã de Natal e tinha o primeiro pedaço do peru. Um Natal, ele até deu-me meu primeiro filhote, um labrador preto de dois meses de idade: Spaghetti. O espaguete tinha uma vida plena e, quando chegou a hora, papai a enterrou no quintal.

Quaisquer que fossem os desentendimentos que tivemos, ele ainda era meu pai. Não sei do que senti falta nesses últimos anos, mas espero que tenham ficado felizes apesar da minha ausência. Espero que o ele descanse em paz.

Adeus papai.

Fecho os olhos, tentando tirar uma última soneca antes de o avião pousar em Baltimore.

* * *

Baltimore não mudou muito, fico em frente à imponente casa, com sua fachada marrom-avermelhada, branca e cinza, e suspiro. Ninguém está aqui para receber-me, assim como não houve ninguém no aeroporto. Devem estar ocupados com o funeral ou cansados devido os preparitivos.

Deixo minha mala nos degraus e vou até a parte de trás da casa, vejo aglomerados de tecidos usados aqui e ali, provavelmente soprados pelo vento da pilha de lixo ou jogados por hóspede desleixado. Também vejo um cartão fúnebre descartado, examino-o, nele está meu pai, em um campo de golfe escocês sorrindo, uma das minhas fotos favoritas dele. Sem dúvida, mamãe sentia o mesmo.

Vejo as cadeiras para os convidados vazias, as guirlandas de flores brancas penduradas em colunas improvisadas e as longas mesas com restos de comida. Parece que perdi a recepção do funeral por apenas alguns minutos.

Enquanto as empregadas se mexem, limpando a bagunça, me aproximo de uma das longas mesas, removendo a tampa de uma das bandejas. Goulash de cordeiro, o favorito do papai. Eu pego a colher e experimento. *Papai teria*

adorado. Sirvo-me de uma garrafa de vinho -Felicidades, papai.

- Dash?

Termino o conteúdo da taça, coloco-a na mesa antes de virar-me para enfrentar uma mulher alta de cinquenta anos. Ela usa óculos escuros e um elegante vestido preto - Mamãe.

Ela tira os óculos de sol para revelar os olhos doloridos de chorar - Oh, Dash.

Ela corre para meus braços, apertando-me com força, nenhuma palavra é necessária, posso sentir tudo em seu abraço - a saudade, alívio por ter-me de volta em segurança, como ela sempre rezou. Queria ter voltado para casa mais cedo e ver meu pai uma última vez. Agora que papai se foi, percebo o quanto ele ela estará só. Abraço-a com mais força - Senti tanto a sua falta, perdoe-me mamãe, por perdido o funeral do papai.

Mamãe se afasta, sacudindo a cabeça enquanto secava as lágrimas - Está tudo bem.

Mas ela não está bem, parece mais velha, bem mais velha do que me lembro, algo me diz que ela envelheceu muito mais nos últimos dias, do que nos últimos doze anos. Ela ainda é linda, porém está pálida e mais magra, parece exausta e frágil. Sou eu quem vem para casa de uma zona de guerra, no entanto, ela que parece ter acabado de sair da Terceira Guerra Mundial.

- Deveria ter vindo mais cedo - digo a ela - Eu deveria ter vindo vê-lo antes dele partir.

- Ele teria ficado feliz em vê-lo.

- Ele teria? - Pergunto.

Ela não responde - Bem, isso não importa agora - Ela acaricia minhas bochechas - O que importa é que você está em casa, e para sempre, espero.

- Não vou mais para a guerra, se é isso que quer saber Digo a ela.

- Excelente - Ela sorri - Porque você é necessário aqui.

- É ele? - Uma voz familiar interrompe-nos.

Viro-me para encarar meu irmão saindo de casa, em um terno impecável, segurando um de vinho na mão – ele por outro lado, não mudou nada. Seu nariz e queixo continuam pequenos, duas características que eu esperava crescer com o passar do tempo. Seu cabelo bem penteado continua o mesmo tom castanho, está mais magro comparado a última vez que vimo-nos - o mesmo olhar amargo, estampado em seus olhos castanhos.

- Olá, Billy - Digo - Como você está?

- Melhor que você – Responde com voz também amarga - O que você está fazendo aqui? Eu pensei que papai dissesse para você não voltar vivo.

- Billy - Mamãe o repreende - Dash é seu irmão.

- Mesmo? Pelo que lembro, papai disse que sou filho único

- Todos nós sabemos por que ele disse essas palavras - Mamãe rebateu - Além do mais, agora que seu pai se foi, somos tudo o que resta dessa família.

- Então já que papai morreu, Dash é perdoado? - Billy pergunta.

Mamãe franze a testa.

Dou um passo à frente - Sinto muito pelos problemas que causei a você, Billy. Não foi minha intenção. Acredito que deixei isso claro antes de partir.

- Sua partida deixou claro que você não dava a mínima para ninguém nesta família - Diz Billy.

- Billy - Mamãe repreende novamente - Pare com isso, já passou, o que importa é que Dash está aqui agora, ele voltou.

- E daí? Você vai entregar a ele a empresa agora? - Billy pergunta.

- Eu não pretendo assumir a empresa - Asseguro.

- Mas você quer um pedaço não quer?- Billy sacode a cabeça - Bem, você não vai conseguir nada. Papai certificou-se disso.

- Já chega Billy - Diz a mãe - Nem sabemos quais são os planos de Dash, agora que ele está de volta, também ainda não temos certeza sobre nada que seu pai deixou – Encarando-me ela diz - É por isso, que estamos reuniremo-nos com o advogado esta noite. Lembra-se de Walter, não é? Ele lerá a última vontade e testamento de seu pai.

Eu dou-lhe um olhar confuso - Ele deixou?

- Você parece tão surpreso - Diz Billy - Não é foi isso que voltou para casa, irmãozinho?

Encaro-o estreitando os olhos - Não foi por esse motivo que voltei para casa, e você sabe disso.

Billy encolhe os ombros - A verdade é que eu não o conheço, meu irmão morreu há doze anos.

- Isso é o suficiente - Diz mamãe, encarando-me novamente - Dash, por que você não vai para dentro? O advogado estará aqui às seis. Tenho certeza que você vai querer descansar até lá.

- Por que ele deveria estar presente? - Billy pergunta - Ele não está na vontade do papai e você sabe disso.

- Billy - Manmãe começa, mas a enterrompo.

- Você está certa mãe, vou entrar e descansar - Dou-lhe um beijo na bochecha e caminho para a casa, parando na frente de Billy e dando-lhe um tapinha no ombro - É bom ver você de novo, Billy – Inclinando-me sussurro - Por favor, não dificulte mais as coisas para mamãe.

Ele bufa - Você é o único que está fazendo isso. - Não respondo. Em vez disso, faço meu caminho até a casa.

- Você ainda acha que papai te deixou algo depois de tudo que você fez? -

Ele insiste.

Mais uma vez, não me importo. Eu não sei o que pensar. De qualquer forma, nada mais importa.

* * *

- Para Daniel Shore Siegel, meu filho mais velho, que deixou sua família para trás e foi para a guerra - Walter lê a partir do documento em sua mão - Seguro minha respiração - Você me disse que iria encontrar seu próprio destino, então encontre. Eu não te deixo nada.

Eu ouço minha mãe suspirar. *Porra.*

- Tudo o que tenho deixo para minha amada esposa, Nina Patterson-Siegel, e meu filho, William Louis Siegel - Do canto do meu olho, vejo Billy sorrir.

- E agora, algumas outras pequenas coisas, para meu amigo…

Não estou mais ouvindo, perdido em pensamentos enquanto, sento-me na minha cadeira. Sabia que papai estava profundamente magoado com o que fiz, afinal, ele me implorou para ficar, mesmo assim segui meu caminho. Não esperava que ele me perdoasse, não posso dizer que estou totalmente surpreso com sua decisão final - ainda assim, eu estava esperando que ele não o fizesse.

Levanto-me e começo a caminhar pela sala, coloco as mãos nos bolsos perdido em pensamentos. Em seus últimos momentos, esperava que ele lembrasse de mim como seu filho, da mesma maneira que lembro dele, não como a última vez em que nos vimos, mas como antes de tudo acontecer.

Tento convencer-me que ele não teve tempo para refletir ou mudar qualquer coisa no testamento, mas ele me perdoou. Ele desejou que ter-me de volta.

Sinto-me como se estivesse batendo batendo contra a parede. Não sei o que dói mais; meu pai ainda controlar minha vida, mesmo tendo partido ou

como meus planos para o futuro se perderam.

Paro na janela, examinando o jardim abaixo com uma sobrancelha franzida - tinha planos, tinha planos de criar minha própria empresa. Eu ia fabricar melhores armas e equipamentos para o uso militar, salvando centenas de vidas.

Sento-me, enterrando meu rosto em minhas mãos. *Eu realmente fui um filho tão horrível?*

- Isso é tudo Diz Walter quando ele vira a página – Oh, espere. Eu esqueci o adendo.

Um adendo? Eu levanto minha cabeça junto com minhas esperanças - Sobre o meu filho, Dash - Walter lê Se ele voltar para casa vivo e tiver uma família legal para sustentar no momento de minha morte ou dentro de três anos, ele terá sua herança.

O que?

- Caso contrário, minha herança ainda será distribuída unicamente entre minha esposa e Billy.

Pisco, ainda tentando digerir esse adendo, ainda posso ter minha herança, mas eu preciso ter uma família para sustentar. *Legal.*

Eles sempre adoraram ver os homens da nossa família se casarem e começarem a ter filhos. *Cabra velha e inteligente me prendeu.*

- Eu acho que você vai ter que se casar, irmão mais velho - Diz Billy,quando ele se aproxima de mim, sorrindo - Não será um problema, certo? Se bem me lembro, você sempre foi irresistível com as mulheres. Oh espere. Foi quando você era mais jovem e tinha muito dinheiro.

Eu franzo a testa para ele.

- Billy, já chega - Mamãe o repreende novamnete, enquanto senta ao meu lado - Tenho certeza que você pode encontrar alguém, um fuzileiro naval, se

quiser, posso até ajudá-lo.

Balanço a cabeça, colocando uma mão em sua perna quase rindo - Tudo bem, mãe, ficarei bem. Não preciso de você para me encontrar uma mulher- Saio do quarto depois de um rápido beijo de despedida no topo da cabeça dela. *Eu posso encontrar uma mulher sozinho.*

* * *

Não tenho tanta certeza se deveria estar fazendo isso.

No escritório do papai, sento-me em frente ao meu laptop vacilante - sim, quero pegar minha herança, preciso dela para começar a empresa, e não, não quero ter uma família só para obter minha herança. Que tipo de pessoa faz isso?

Estou ficando mais velho, e, tenho que admitir, quando estava no campo, houveram momentos que desejei ter uma família, não Billy e meus pais, mas minha própria família, para quem pudesse voltar para casa. *Uma família que eu realmente pertenço.*

Suspiro quando coloco meus dedos no teclado. *Bem, vamos fazer isso.*

Entro no site RealCupid, e começo a fazer meu próprio anúncio. *O que eu estou procurando?* Minha mente volta para a última mulher que realmente marcou-me, foi há muito tempo, levei um minuto para lembrar seu nome, Janine, lembro-me dela claramente, altiva mas séria, cabelo de cor cobre brilhante, que exige ser tocado, ser puxado. Olhos espertos e ambarinos, onde um homem poderia perder-se. Porém, não posso dizer tudo isso, ou ninguém vai responder, nunca encontrei outra mulher assim.

Então eu começo com o básico - procuro mulheres, vinte e cinco a trinta anos. Cabelo vermelho comprido - eu não posso totalmente descontar das memórias que ela deixou impressas em mim, Eu gosto ruivas, então, me processe.

Solteiro. Saudável e fisicamente apto.

Gostaria de poder adicionar todos os detalhes, como lembro-me, pingente em forma de coração em volta do pescoço, seios altos e firmes, jeito orgulhosa - mas não posso dizer tudo isso ou ninguém vai responder.

Estou à procura de alguém com um coração de ouro, alguém que não gosta de quebrar as regras, mas o faz de qualquer maneira para divertir-se. Estou à procura de alguém que não tenha medo de raspar os joelhos escalando uma árvore, acabar com uma briga, hesitar em rir alto, mesmo com a boca cheia de comida, alguém que não se importe de ficar sozinha, mas que esteja sempre pronta para curtir, não gosta de beber, mas não se importa de ficar um pouco bêbada de vez em quando.

Enquanto digito, lembro-me de Janine no bar, tomando cerveja, comendo salada e me avaliando. Quando termino de digitar, sorrio. É ela, tudo bem. Agora, eu só tenho que adicionar mais um pequeno detalhe; pronta para se casar e ter um filho o mais rápido possível.

Na última parte, eu franzo a testa, achando um pouco estranho, bem, a situação toda é estranha. Em fim meu anúncio está completo.

De pé e esticando as pernas, vou até a janela, olhando os altos olmos e o curto cercado de tijolos do pátio.

Eu sei que você está aí fora.

4

Janine

Três meses antes

- Estou morrendo, Janine.

Ao as lágrimas escorrem pelas bochechas da minha mãe, sinto minhas forças vacilarem. Afundo em uma cadeira e olho para o chão, aperto meu peito enquanto a dor irrompe, tornando quase impossível respirar. *Não.*

- O que o médico disse? – Pergunto – Deve deve haver algo que possa ser feito. - Ela segura minhas mãos trêmulas, ajoelhada na minha frente.

- Não adianta Janine, tarde demais, o câncer já se espalhou.

- Não, deve haver - Mas ela não me deixa prosseguir.

- Olhe para mim, Janine – Diz mamãe equanto aperta minhas mãos - Não há mais nada que eles possam fazer. Não há nada que alguém possa fazer.

Levanto-me lentamente, olhando-a nos olhos - meus transbordando de lágrimas, ao mesmo tempo que vejo o apelo nos olhos da minha mãe, meu coração se quebra.

- Mamãe - Eu jogo meus braços ao redor dela soluçando.

Ela abraça-me por sua vez, embalando-me como uma criança no chão de linóleo - Sinto muito, querida.

Sinto-me uma criança novamente, uma criança que acabou de se perder no shopping e foi encontrada, uma criança chorando depois de um dia ruim na escola. Minha mãe sempre soube como reconfortar.

Pensar que nunca mais vou sentir-me assim, depois que ela se for. Não poderei me sentir uma criança novamente.

Talvez eu não possa ser criança de qualquer jeito - o tempo passou e devo comportar-me como uma adulta agora.

Eu tenho que ser uma mulher forte de trinta anos.

- Oh mamãe - Eu a abraço mais apertdo enterrando meu rosto em seu peito quente, incapaz de acreditar que, em breve, eu não vou ouvir seu coração batendo.

É insuportável, mas tenho que tentar ser forte, minha mãe não poderá fazer isso sozinha - queria poder tomar o lugar dela, mas infelizmente é impossível. Tudo o que posso fazer é ficar ao seu lado e tornar as coisas menos dolorosas.

- Quanto tempo? - Pergunto a ela, enxugando meus olhos.

- Meses, talvez semanas.

Aceno, segurando a mão dela enquanto novas lágrimas caem - Estarei bem aqui mamãe.

* * *

Atualmente

Abro a porta de correr e saio para a varanda, onde minha mãe está sentada em uma cadeira de vime olhando para o oceano - um jogo de palavras cruzadas esquecido na mesa do pátio, juntamente com um copo de água gelada.

- O oceano está lindo hoje - Digo quando aproximo-me dela, colocando meu cabelo atrás da orelha - brisa salgada tira-os do lugar novamente.

- Sempre está - Ela responde, olhando para mim.

Forço um sorriso, tentando ignorar as linhas finas em seu rosto pálido ou o quão afundado estão seus olhos - faz apenas três meses, e ela mudou tanto, definhando. É quase como se a notícia, estivesse matado mais do que o câncer em si.

Nesse ritmo, ela vai - Paro o pensamento, tomando outra respiração profunda, não vou pensar nisso, não vou pensar no que está por vir - eu só vou pensar no agora, neste momento, tentando aproveitar ao máximo cada segundo.

- Lembre-se o dia que você, papai e eu fomos velejar? - Puxo um banquinho para sentar-me ao seu lado - Foi em um lindo dia ensolarado, nada poderia dar errado.

- Exceto que seu pai não sabia realmente como velejar - Diz ela, sorrindo - Se outro barco não tivesse passado, teríamos ficado presos no oceano, indo até Deus sabe onde.

Sorrio – Pergunto-me onde teríamos acabado, costumava nos imaginar presos em uma ilha, vivendo uma vida simples e feliz.

- Sem TV? - Minha mãe sacode a cabeça - Seu pai não teria sobrevivido sem seus jogos de futebol.

- Acho que o verei em breve - Acrescenta ela tristemente, outro nó se forma em minha garganta, mas eu engulo. *Não chore, Janine, seja forte.*

- Tenho certeza que ele a está esperando - Digo a minha mãe enquanto levanto-me - Ele estará lá com os braços nos quadris, dizendo: ' Estou faminto, por que você demorou tanto? - Imito papai, fazendo minha mãe rir.

- Tenho certeza que ele fará - Ela concorda - Ele deve sentir falta da minha comida.

E eu vou sentir falta disso. Mas eu não digo isso em voz alta, sentando-me novamente no banquinho.

Mamãe estende a mão para acariciar minha bochecha - Eu vou dizer a ele que boa mulher você se tornou que ele partiu.

- Oh mamãe - Coloco minha mão sobre a dela, piscando as lágrimas.

- Eu estou tão orgulhoso de você querida - Ela encosta sua cabeça contra a minha minha - Você chegou tão longe, e eu sei que é só um começ, você terá uma vida incrível, encontrará um marido maravilhoso, terá seus próprios filhos.

Por um momento, ela fica em silêncio, soltando minha mão, enquanto endireita-se na cadeira.

- Mamãe? - Coloco a mão no braço de sua cadeira, olhando-a com preocupação - O que está errado?

- Nada - Ela sacode a cabeça - Eu só, eu gostaria de ver meus netos antes de ir.

Netos. Arregalo os olhos em descrença - ela nunca trouxe isso antes.

- Gostaria de poder estar lá para você, quando der à luz, dar-lhe conselhos sobre a maternidade, segure meu neto em meus braços - Explica.

- Um neto? - Pergunto, ainda em descrença - Quer que eu tenha um filho?

Não é que eu não queira ter filhos, para ser honesta, sempre esteve nos meus planos. Mas agora?

- Algum dia, certamente - Ela ri um pouco e balança a cabeça - Não agora, só por mim. Só estou dizendo que me faria feliz, saber que você teria sua própria família – Ela retira a mão do meu rosto, e olha para o mar novamente - E ninguém pode completar sua vida como uma criança.

Eu entendo.

- Eu só queria poder ver como meu neto vai ser - Prossegue - Menino ou menina, talvez meus olhos – Encaro-a. Seus olhos estão distantes e, neste momento, ela é está feliz fantasiando sobre um neto.

- Mas não é assim que as coisas acontecem - Ela olha-me, em seguida, acaricia na minha bochecha novamente - Eu apenas pensei que seria legal.

Uma criança, né? Se eu pudesse tirar uma da cartola.

- Ei - Ela inclina-se para mim e sorri, balançando um dedo como se me pegasse fazendo algo ruim - Não saia correndo a procura de um homem Janine. Eu já sei o quanto você me ama e não preciso de grandes gestos.

Eu dou a ela um olhar de alívio - Claro que não, mãe. - Mesmo quando digo isso, as rodas na minha cabeça estão girando.

Certamente, deve haver algum caminho.

* * *

De jeito nenhum.

Balanço a cabeça enquanto olho para a tela do meu computador, uma lista de doadores de esperma e suas fotos bem na minha frente. Não há como eu querer ter o filho de qualquer um desses. Inferno, não conheço nenhum deles. E se o doador que eu escolher for algum psicopata demente? Ou se ele tem alguma doença rara e feia?

Não, um doador de esperma não vai cortá-lo. Além disso, minha mãe disse que deseja que eu tenha minha própria família, não só ter um bebê. E se eu vou fazer isso, deve, pelo menos, ser alguém acessível, não um cara aleatório, que até possa estar morto.

Só então, eu lembro-me de uma conversa do trabalho - algo sobre um colega se casar com alguém que conheceu através de um site de namoro.

Um site de namoro, talvez eu possa tentar isso.

Sento-me em frente à mesa.

Agora, o que foi esse site novamente? Algo Cupido?

Digito 'Cupido namoro site' na barra de pesquisa, e pressiono Enter, olhando para os resultados.

RealCupid ponto com. É isso aí.

Entro na página inicial, sorrindo para a mensagem fofa dos criadores sobre dar a todos uma chance real e justa de amar, o que todo mundo merece, portanto, sem fotos. É quase como a voz, mas para quem procura por datas.

Francamente, eu não gosto de pensar em conhecer alguém através de uma máquina, pelo menos, encontrarei alguém. Haverá alguém envolvido, não apenas alguma ferramenta científica.

É verdade que minha mãe disse-me, especificamente, para não deixar-me levar por um cara aleatório, mas eu não estou conhecendo um cara aleatório, estou escolhendo. Pelo menos, estou tentando, enquanto começo a ler as centenas de anúncios no site.

Sério, todos esses homens estão procurando um encontro? Por que eles não vão a uma cafeteria e tentam dividir uma mesa com uma mulher solitária?

Pela mesma razão, você está procurando um homem para engravidar. Eles estão com medo e não têm o luxo do tempo.

Reviro meus olhos, não posso criticar esses homens quando estou procurando por um encontro, e uma alternativa em potencial. Chega de minhas opiniões, preciso de soluções.

Filtro os anúncios, colocando em preferências para idade - vinte e cinco a trinta e cinco anos, criar perfil, localização – Costa Leste.

E clico em ir.

A página é atualizada, diferentes nomes e descrições aparecem na lista.

Finalmente, um deles chama minha atenção.

Soldado procura uma esposa e uma criança.

Minhas sobrancelhas franzem- *um soldado?* - E ele está procurando por uma parceira e uma criança ao mesmo tempo?

Isso é estranho, mas estou fazendo a mesma coisa.

Clico no anúncio, leio atentamente os detalhes, enquanto seguro meu queixo.

Fêmea. Vinte e cinco a trinta anos. Cabelo vermelho comprido.

Eu toco meu cabelo.

Solteiro. Saudável e fisicamente apto.

Sim, sou eu!

Estou procurando alguém com um coração de ouro.

Olho para esta linha com ceticismo, enquanto coloco minha mão em volta do meu pingente dourado em forma de coração.

Alguém que não gosta de quebrar as regras, mas o faz de qualquer maneira para divertir-se. Estou à procura de alguém que não tenha medo de raspar os joelhos escalando uma árvore, acabar com uma brig, hesitar em rir alto, mesmo com a boca cheia de comida, alguém que não se importe de ficar sozinha, mas que esteja sempre pronta para curtir, não gosta de beber, mas não se importa de ficar um pouco bêbada de vez em quando.

Raspar os joelhos? Eu me lembro de fazer isso uma vez, apenas uma vez, quando eu estava na faculdade e eu estava escalando uma árvore - *com Dash Siegel.*

Ainda lembro-me dele, seus cabelos como a luz do sol, vagando entre as árvores em um dia de verão, seus olhos como nuvens noturnas flutuando sobre a lua. Pergunto-me se ele ainda está nos fuzileiros navais.

Espera, este anúncio não é de um soldado?

Não, não pode ser ele, com certeza Dash Siegel não precisa postar um anúncio. Não Soldados, o uniforme e a promessa de pensão, atrai mulheres mais do que suficiente.

De qualquer forma, eu, definitivamente, cumpro suas exigências. A questão é – ele cumpre as minhas?

Vou para a seção onde o Esperançoso, aparentemente, é o que as pessoas que colocam anúncios no RealCupid são chamados.

"Um rebelde encantador com muitos talentos e truques na manga." *Humm, soa interessante.*

"Prefere ficar sozinho mas pode trabalhar com a equipe certa." *Hah Soa como eu.*

"Odeia ser cercado por pessoas estúpidas e seguir ordens estúpidas." *Quem não faz?*

Adora uma aventura inesperada, cansado de pequenas lutas, mortes sem sentido e oportunidades desperdiçadas.

Reli a última frase enquanto brinco com o pingente do meu colar. É por isso que ele se chamava soldado quebrado? Porque ele está cansado da guerra? Mas e quanto à parte de oportunidades desperdiçadas? Oportunidades para quê?

De qualquer forma, parece ser um homem de profundidade, por enquanto, tudo bem.

Eu prossigo para a última linha.

"Bom na cama."

Uau! - O homem é arrogante ou habilidoso, de qualquer forma, parece que ele é experiente, eu quero engravidar, talvez a experiência seja uma coisa

boa.

Mordo o pingente a consciência vindo a tona.

Eu realmente vou fazer sexo com um estranho?

Sacudo minha cabeça, vou pensar nisso depois, primeiro, tenho que conhecê-lo

Leio o restante do anúncio:

A remuneração mensal e o apoio integral à criança, aguardo a candidata certa.

Arregalo meus olhos, o pingente caindo dos meus lábios. Bem, essa não é a nota que eu esperava. Ainda assim, devo dizer que é prático,e ideal. Se eu tiver um filho, o apoio financeiro do pai seria bom e a compensação mensal, embora seja surpreendente, é mais do que bem-vinda - especialmente desde que deixei meu emprego para cuidar da minha mãe e as economias estão indo embora por suas despesas médicas.

Leio o anúncio inteiro novamente.

Bem, certamente soa bem, na verdade, parece bom demais para ser verdade, quase como se tivesse sido escrito só para mim.

Mas e se for uma farsa? E se esse homem não for real?

Bem, só há uma maneira de descobrir - eu clico em Aplicar e começo a preencher os detalhes.

* * *

Onde ele está?

Com os braços cruzados, bato meus dedos em sinal de impaciência,

enquanto sento-me no canto da Koffee Therapy, minha xícara de café já quase vazia.

Estive esperando por quase uma hora. Bem, de qualquer forma, eu estava quarenta e cinco minutos adiantada, minha intenção é vê-lo bem antes que ele pudesse ver-me - e talvez ter a chance de fugir.

Agora, são dez e quinze - ele ainda não chegou. *Ele está vindo?*

Pego minha xícara, tentando acalmar meu coração a preocupação se arrasta. E se não for real, afinal de contas? E se ficou com medo e decidiu não vir? E se ele já aparecesse, me visse e fosse embora?

Não. Eu, interiormente, sacudo minha cabeça enquanto levo a xícara aos lábios - devo ser paciente, ele já deve estar a caminho, devo aguardar mais cinco minutos ou dez, talvez quinze.

A porta do café se abre com um tilintar, choque atravessa meu corpo ao visualizar o mais novo cliente - um homem vestindo um boné preto da Baltimore Ravens, um suéter azul escuro e jeans.

Levanto-me para que ele possa ver minha camisa, uma blusa rosa pálida com flores amarelas, como descrevi em minha mensagem, minha respiração fica presa na garganta, enquanto espero que ele me veja.

Nossos olhos se encontram e sinto uma avalanche de emoções.

Reconheço imediatamente aqueles olhos azul-gelo, espreitando todo o local por baixo daquele boné dos Corvos, solto o ar, derrubando a xícara de café das minhas mãos.

Dash?

5

Dash

- Janine? Paro no meio da cafeteria para tirar meu boné, a surpresa estamada em meus olhos. Jamais esqueceria aqueles olhar âmbar quente e brilhante, ou aquele cabelo bronze.

Não pode ser ela!

Sim, estava pensando nela quando ao publicar aquiele anúncio, porém, nunca pensei que seria ela,a única a respondê-lo, nunca imaginei vê-la novamente. Julguei que ela pudesse estar casada e com filhos.

E, no entanto, aqui está ela, vestindo uma blusa rosa com flores amarelas, o mesmo descrito em sua mensagem.

A realização do meu desejo, é suficiente para fazer meu peito apertar, meu coração parece pronto para explodir. É como se sente após uma missão, quando, de alguma maneira, retornara ileso, sem saber como, só a certeza que é o bastardo mais sortudo do mundo.

Rapidamente vou até ela, pegando os cacos da xícara que ela deixou cair - embora eu abandone a tarefa quando a garçonete se adianta.

- Obrigado - Digo a garçonete. Minha atenção volta imediatamente para Janine - Você está bem?

- Sim - Responde sem encarar-me, limpando as manchas de sua blusa.

- Deixe-me adivinhar - Coço meu queixo - Você está aqui, porque este lugar, tem um bom café e é mais barato que o da Starbucks.

Ela ri - Bem, sim. Isso e o fato de que estou esperando alguém usando um boné dos Corvos.

Eu tiro meu boné e coloco-o em sua frente - Este?

Ela corre os dedos sobre a insígnia da equipe - Vejo que ainda é um fã dos Corvos.

- Ainda é uma bebedora de café.

Seu cabelo é tão cheio e esvoaçante como lembrava-me, e esse olhar, o mesmo ouro derretido, tão brinlhante quanto as estrelas no firmamento.

Ela devolve meu boné – Jamais poderia imaginar você, como um membro da RealCupid.

- Idem - Digo a ela.

- Touché - Ela balança a cabeça com um sorriso caloroso nos lábios - Bem-vindo de volta ao lar Dash. Eu te daria um abraço, mas eu não gostaria de sujar sua camisa.

Eu não teria me importado.

- Já tive coisas piores em minhas roupas.

Ela acena – Certo, mas prefiro trocar de roupa de qulquer forma. Poderia esperar enquanto troco-me?

Olho a cafeteria, observando que mais da metade das mesas estão ocupadas - Tenho uma ideia melhor.

* * *

Tiro meu boné ao entao entar no apartamento de Janine, paro para olhar em volta.

O teto amarelado e os laços soltos no tapete, sugerem que o apartamento deve ter pelo menos cinco anos, mesmo assim, ainda parece bom, encantador na verdade, com cortinas combinando, vasos de plantas bem cuidados, pinturas abstratas nas paredes que parecem respingos de tinta, adicionam uma explosão

de cores ao ambiente.

- Por favor, sente-se - Janine gesticula para o sofá, agora vazio depois de tirar uma pilha de roupas - Desculpe pela bagunça, não ando ultimamente com tempo para limpar.

- Está bem. – Sento-me.

Depois que ela retira-se, dou uma olhada em volta, acima da TV, há fotos alinhadas lá - fotos de Janine, algumas sozinhas, algumas com o pai, principalmente com a mãe. Uma das fotos, parece que foi tirada em sua formatura da faculdade, antes mesmo que possa conter-me caminhando até foto, passo os dedos sobre na imagem enquanto um pensamento inesperado passa pela minha cabeça. *Eu poderia estar lá.*

- Por favor, abaixe isso - Diz Janine, ao voltar - É embaraçoso.

- Não, não é - Respondo, mas coloco a foto de qualquer maneira antes de virar para ela.

Enquanto ela enfia uma mecha de cabelo atrás da orelha, tomo nota de quão pouco ela mudou ao longo dos anos. Mais amadurecida, mas sempre o foi, ao menos para mim. Ainda esbelta e tímida. O mesmo pingente em forma de coração. Talvez a única diferença, é que ela está usando maquiagem agora, um rubor em suas bochechas e cílios mais escuros, lábios rosados.

- Desculpa, é um lugar pequeno - Diz enquanto cruza os braços sobre os seios firmes, atraindo minha atenção para aquela região - eles também não mudaram.

- É maior do que o quarto que você tinha na pensão - A lembro, voltando para o sofá.

Ela franze os lábios e, apesar do tom das bochechas, posso dizer que está corando.

Ela encolhe os ombros - Sim, eu acho.

- Você ainda gosta de cortinas amarelas – Digo olhando para as cortinas.

- Sim – Responde avaliando as cortinas - Algumas coisas nunca mudam.

Como o quanto estou atraído por ela, percebo.

De fato, volto no tempo, para meus vinte anos, tão imprudente como naquela noite no bar Metropolitan. Quando dou um passo em sua direção, percebo seu perfume frutado, novo também. Dá vontade de comer.

- Então, você ainda está com os fuzileiros navais? – Pergunta-me.

- Na reserva – Sento-me no sofá - Estou cansado de lutar – Faço uma pausa - E se você, é uma contadora agora?

- Sim - Ela olha para baixo – No entanto, dei um tempo do trabalho,

- Gostaria de beber algo?

Sacudo minha cabeça - Talvez devêssemos começar a trabalhar.

- Certo - Ela responde ao sentar-se.

- Então, por que alguém como você se aplica ao meu anúncio?

Ela respira fundo - Porque eu quero ter um filho o mais rápido possível.

Fico chocado.

- Minha mãe está muito doente – Acrescenta.

- Eu sinto Muito.

Ela sacode a cabeça - Seu maior desejo é ter um neto antes de partir.

- Entendo.

- E se você? – Pergunta-me – O que o levou a colocar esse anúncio, desejando uma família tão rápido?

Passo a mão pela minha cabeça - Bem, meu pai morreu recentemente.

- Sinto muito por sua perda.

- Obrigado. Ele morreu teve um derrame - Toco a ponta do meu nariz - Um de seus últimos desejos era que eu me estabilizasse - Não é exatamente verdade, claro, mas acho que é uma maneira de colocar o motivo. *Por que ele colocaria esse adendo se não esperasse que eu tivesse uma família?*

- Oh - Diz Janine abraçando um travesseiro - O gesto parece estranhamente maternal, como o travesseiro fosse uma criança.

- Claro, mamãe está insistindo que eu cumpra esses desejos - Acrescento, inclinando-me para trás e cruzando a perna - Eu a decepcionei muitas vezes, e estive longe por muito tempo. Sinto que é o mínimo que posso fazer.

Janine exala – Nossa, não posso acreditar que estou dizendo isso, mas parece que estamos na mesma posição.

- Parece que sim. - Concordo.

Pego minha tiro o arquivo de dentro mochila, tiro uma das folhas de papel e coloco na mesa de café.

- O que é isso? - Janine inclina-se sobre o papel para examina-lo.

- Um contrato. Basicamente, você concorda em se casar comigo em duas semanas e ter meu filho. Em troca, eu dar-lhe-ei uma compensação mensal generosa, suprir suas necessidades e, claro, apoiar a criança. Depois de cinco anos, se você quiser, podemos nos divorciar e você pode manter a criança junto com uma pequena fortuna.

Ela pega o documento, lendo-o em silêncio. Depois de alguns minutos, ela baixa o papel, balançando a cabeça.

Volto-me para ela - Algo errado?

- Tudo é - Faz uma pausa sem tirar os olhos do papel - Você e eu, usando

o mesmo site de namoro, depois de todos esses anos, levando vidas separadas – Olha para o contrato novamente – Nos reencontramos, ambos desesperados por ter um filho o mais rápido possível para deixar nossos pais felizes Olha-me nos olhos - O que é isso?

Toco meu queixo - Soa como uma coincidência infernal para mim.

Ela coloca as mãos nas bochechas e balança a cabeça mais uma vez - É tão estranho. Você acredita em destino?

- Eu acredito na natureza.

Janine quebra as sobrancelhas para mim.

- Pense nisso - Aproximo-me dela, nossas coxas se tocando - Sou um homem e você é uma mulher. Temos um desejo em comum, ter um filho. Biologia clássica. Somos ambos férteis. Não sou bom em matemática, mas parece uma equação que poderia funcionar.

Ela respira fundo.

- Além do mais, você já sabe como sou na cama - Ela cora novamente.

Ah sim. Ela lembra. Assim como lembro-me daquela vividamente daquela noite, aquela lembrança dela sem fôlego debaixo de mim me fazendo duro.

Ela levanta-se do sofá, torcendo as mãos - É loucura.

- Estamos loucos - Eu mudo de posição para esconder minha ereção - Mas também fomos loucos quando decidimos subir naquela árvore anos atrás.

Ela cora furiosamente, desvia o olhar, esfregando os braços nervosamente, e percebo o quanto ela está assustada.

Toco seu ombro suavemente - Claro, não precisamos fazer nada disso. Quero dizer, você não é uma prostituta. Nós podemos apenas fazer fertilização in vitro.

Os olhos de Janine se arregalam - Fertilização in vitro?

- Fertilização in vitro - Repito - Sabe o que significa.

- Eu sei o que significa fertilização in vitro - Interrompe-me - Então você está bem com isso?

Ela balança a cabeça, mas franze os lábios, dando-me a impressão de não estar convencida. Talvez ela esteja com medo.

Seguro sua mão, apertando-a firmemente, em um esforço para impedi-la de tremer - Prometo cuidar de você, estarei ao seu lado a cada passo do caminho.

Janine puxa a mão dela - Eu sei.

Coloco minha mão no bolso – Então, está tudo bem para você?

Ela senta-se no sofá novamente e pega o documento - Devemos criar uma história sobre nós ou minha mãe vai surtar se descobrir a verdade.

- Claro - Não quero também que meu irmão descubra meu falso casamento. Ele poderia causar problemas - Sinta-se livre para me lançar suas ideias.

Janine pega a caneta, mas não assina, apenas brinca com ela distraidamente.

- O que a aflige - Pergunto.

Ela faz uma pausa - Poderíamos fazer um casamento simples, não gosto de grandes celebrações.

- Certo - Sento-me ao lado dela - Podemos optar por uma pequena recepção, apenas para reunir nossas famílias e amigos. Poderia ser ao ar livre, em uma praia isolada ou em um jardim, e depois da cerimônia, podemos mandar todo mundo embora, ficar bêbados e nos divertir, como a última vez.

Ela levanta uma sobrancelha.

- Você sabe, subir em uma árvore ou duas, só para ver se ainda somos bons nisso.

Janine ri, mas seu sorriso não alcança os olhos. Sua mão ainda treme, enquanto segura a caneta acima da linha pontilhada.

- Ei - Seguro sua mão novamente - Formamos boa equipe. Você disse isso uma vez.

Ela balança a cabeça, respira fundo e assina. Solto um suspiro que nem sabia que estava segurando. Bem, está feito.

- Agora, vamos comemorar? - Brinco - A menos que você queira selar isso com um beijo.

Seus olhos se arregalam - Só brincando - Ela estende a mão e eu sacudo, sorrindo.

Tenho que admitir que fiquei um pouco apreensivo com todo esse arranjo antes, mas agora, estou bastante empolgado. Esta é a Janine afinal. Quem teria pensado que eu estaria nisso com ela de todas as pessoas?

* * *

Ainda vejo-me pensando nela dois dias depois, enquanto participo do grupo de apoio obrigatório para os soldados do pós-guerra. Os homens são completos estranhos aqui e são péssimos contadores de histórias, por isso acho difícil me concentrar.

- Tenente Siegel - Ouço meu nome.

Dra. Jackson, uma mulher em seus quarenta anos, com pele escura e cachos negros, uma psicóloga que afirma ser uma especialista sobre os efeitos da guerra. Eu me pergunto se ela viu as coisas que eu vi no campo.

- Desculpe - Digo a ela enquanto tiro as mãos dos bolsos do meu suéter e

me endireito no meu lugar - Minha mente não pode deixar de vagar de volta ao campo de batalha com todas essas histórias que estou ouvindo.

- Mesmo? - Ela cruza os braços sobre o peito e espreita-me.

Porra. Ela não está comprando minha besteira.

- Bem, por que você não diz a todos exatamente o que você está revivendo? - Ela inclina-se para trás, os olhos ainda em mim - Tenho certeza que todos aqui adorariam ouvir suas experiências.

Alguns dos homens do grupo acenam de acordo.

- Além disso, esta é a sua terceira sessão - Lembra-me - Já é hora de você nos contar sua história, não acha?

Olho ao redor da sala, encontrando cada dos envolvidos e vejo olhos cansados, insones, olhos que viram demais, olhos arregalados de curiosidade, imaginando se os meus viram a mesma coisa que o deles.

Bem, acho que poderia contar minha história.

As mãos da Dra. Jackson caem no colo dela, o olhar em seu rosto mudando de impaciência para simpatia - Continue.

Respiro fundo inclinando-me para frente - Meu nome é Dash Siegel. Eu estava na Síria até algumas semanas atrás.

- Puta merda - Murmura um homem mais velho de camisa preta. Dra. Jackson lança-lhe um olhar de advertência.

Eu aperto minhas mãos - Sim. É o inferno lá fora, muito pior do que as pessoas veem na TV. Engulo o nó na garganta - Perdi muitos amigos. Alguns foram explodidos bem diante dos meus olhos. Alguns foram atingidos por franco-atiradores enquanto corriam em minha direção. Eu tentava alcança-los, levá-los em segurança, mas eles acabaram morrendo em meus braços.

Eu olho para minhas mãos, quase vendo a mancha vermelha nelas. *Sangue. Tanto sangue.*

- Como você sobreviveu? - Outro homem, esse é careca e provavelmente um ano ou dois mais novo que eu.

Dou de ombros, torcendo minhas mãos nervosamente - Raciocínio e sorte, eu acho. - Pensando nos meus pés. Sendo rápido.

- É por isso que te chamavam de Dash? - O homem com o braço na tipóia pergunta.

Não respondo Eu continuo olhando minhas mãos.

- Conte-nos sobre essa cicatriz em seu braço – Essa é a Dra. Jackson.

Olho para minha cicatriz - uma cicatriz de três polegadas de comprimento no meu braço direito, correndo da borda da minha manga até o meu cotovelo. Eu tentei cobri-la com uma tatuagem de um falcão, mas suponho que ainda seja óbvio.

Eu corro meus dedos sobre ela - Estava em Kobane. Conheci duas crianças lá, uma menina e um menino, Sara e Anas. Eles eram irmãos. Eles haviam perdido os pais e estavam procurando por seu tio.

Apoio os cotovelos em cada lado dos joelhos, minhas mãos segurando o queixo.

- Eles não queriam se aproximar de mim no começo. Anas, estava especialmente cauteloso, horrorizado com a visão das armas que carregava. Mas Sara sorriu para mim, ela sabia que eu não era o inimigo.

Abaixo minhas mãos inquieto - Estava os ajudando, tentando levá-los a algum lugar seguro. De repente, começou a chover balas. Mandei-os esconderem-se dentro de uma casa ou o que restou dela, e fui revidar, quando as balas pararam de vir, pensei que nós estávamos seguros. Mas assim que saíram da casa, houve uma explosão. Tentei protegê-los, e foi quando algo afiado cortou meu braço, um pedaço de telhado desse tamanho. - Eu tento mostrar com minhas mãos.

- Anas estava seguro, mas Sara - Corro os dedos pelo cabelo - Ela morreu. Outro pedaço do telhado a atingiu na cabeça.

Eu ouço mais maldições do grupo, desta vez murmurei baixinho.

Dra. Jackson sai do seu lugar, e caminha em minha direção, colocando a mão no meu ombro.

- Isso foi muito corajoso, Tenente Siegel, tanto o que você fez na Síria, quanto abrindo-se para todos nós - Ela aperta meu ombro - Estou muito orgulhosa de você.

Não digo nada, apenas curvo minha cabeça. Não me sinto orgulhoso, não depois de falhar em salvar tantas vidas. Sinto-me exatamente como coloquei no anúncio. Partido.

- Vamos dar uma saudação ao tenente Siegel, e uma salva de palmas, certo? – Diz Dra. Jackson volta para sua cadeira.

Levanto minha cabeça, vejo algumas das saudações. Apenas aceno.

Dra. Jackson senta-se, cruzando as pernas - Agora, quem vamos ouvir a partir da próxima sessão?

* * *

Suspiro aliviado, quando estou no corredor do hospital, parando para esticar o corpo.

Não sei o motivo dessas sessões serem necessárias. Não é suficiente que tenhamos passado por experiências horríveis na batalha? Por que temos que revivê-los e, pior ainda, compartilhá-los? Todo mundo sabe como é estar em uma guerra, matar alguém, mentir para seu companheiro e dizer que está tudo bem, mesmo quando suas entranhas estão espalhando-se, fazendo-o sentir-se impotente, enquanto seu amigo sangra a morte na sua frente. Qual é a utilidade de falar sobre isso?

Quando uma menina em uma cadeira de rodas passa por mim, vejo-me

encarando, lembrando Sara. Ela tinha quase a mesma idade, o cabelo da mesma cor - preto, exceto o dela tinha manchas de cinza de fuligem e marrom da lama. Ainda me lembro dos olhos dela - azuis e cheios de esperança. Ainda me lembro de seu sorriso, ela ...

- Dash?

Viro-me na direção da voz, doce, como um farol chamando-me para longe dos mares tempestuosos.

- Janine - A cumprimento sorrindo.

Desta vez, ela está usando um cardigã preto, sobre um vestido de damasco com um cinto de ouro, a parte de baixo enrolada como uma tulipa e parando logo acima dos joelhos.

Elegante e sexy.

- Ei - Ela devolve o sorriso - O que você está fazendo aqui?

- Eu ... fui visitar alguém - Respondo. Seus olhos se estreitam em suspeita, demorei muito para responder - Um velho amigo que está se recuperando de ferimentos - acrescento.

- Oh - Suas sobrancelhas se endireitaram.

E você? - Coloco minhas mãos nos bolsos, enquanto me inclino na parede.

Janine olha para trás - Bem, minha mãe teve um..

- Janine – Ouvimos alguém chama seu nome. Uma mulher, mais velha usando uma blusa branca, uma longa saia azul e uma bandana rosa em volta da cabeça, linhas sob os olhos e em volta dos lábios finos e pálidos.

- Mamãe - Janine vai até ela, tomando seu braço - Pensei que você e o Dr. Morton ainda tivessem muito o que discutir. Ainda não comprei o seu remédio.

Mamãe?

Não disfarço o espanto.

Apenas quando estou pensando se devo sair, os olhos dela encontram os meus.

- Quem é? - Ela pergunta enquanto olha-me com curiosidade.

- Um - Janine coloca alguns fios de cabelo atrás da orelha - Este é Dash Siegel, meu - Respira fundo. Meu noivo.

- Noivo?

Janine estreita os olhos para mim.

- Sim, isso mesmo - Confirmo, caminhando em direção a Janine - Janine e eu estamos noivos. – Colocando meu braço em torno de sua cintura.

- Noivos? - As sobrancelhas da Sra. Davidson sobem, então seu olhar se dirige para o dedo anelar nu de Janine - Desde quando?

- desde alguns dias - Responde Janine, escondendo a mão - Eu sei que não estou usando anel, mas é que tinha intenção de te contar primeiro, sabia que a surpreenderia.

- Oh, você me surpreendeu mesmo, mas tudo bem. - Responde sra. Davidson.

- Mas não se preocupe, há um anel - Asseguro-lhe - Tenho certeza que está no apartamento de Janine - Viro-me para Janine - Não está querida?

- Claro que está - Janine responde batendo no meu ombro - Estou mantendo em um lugar muito seguro.

- Por que você não me disse que estava saindo com alguém? - Pergunta Sra. Davidson, ainda parecendo confusa, e eu não posso culpá-la. Eu não queria anunciar nosso noivado tão desleixadamente.

- Bem, eu, hum - Janine engole em seco - Eu não queria sobrecarregar

você com tudo isso agora.

- Querida, você achou mesmo que eu não seria capaz de levar isso? - Falou Sra. Davidson, com umas voz desapontada - Eu poderia aguentar algumas boas notícias.

- Bem - Começou Janine, mas a interrompo.

- Bem, agora, eu acho que o gato está fora do saco - Começo levando a mão de Janine aos meus lábios, olhando em seus olhos - O que é bom, porque mal posso esperar para casar com sua filha.

- Sinto muito, mas qual é mesmo o seu nome?

- Dash - Janine e eu respondemos ao mesmo tempo.

- Bem, Dash, não quero ser rude, mas há quanto tempo você conhece minha filha? - Pergunta-me - Como você chegou a conhecê-la?

- Bem - Começo, olhando para Janine, que me dá um olhar encorajador - Conheci Janine em um bar.

- Um bar? - Os olhos da Sra. Davidson arregalam-se.

- Um bar de sobremesa - Diz Janine enquanto aperta minha mão - pois eu realmente não bebo.

Levanto uma sobrancelha. *Ela não faz?*

- Fantasias da Sobremesa - Ela continua – Até levei para casa bolinhos de chocolate. Papai os amava. Você se lembra?

A Sra. Davidson não responde, dando-me um olhar interrogativo - Você não parece o tipo de cara que gosta de bolinhos.

- Oh, ele tem um dente doce, confie em mim- Janine responde antes que eu possa, colocando a mão no meu peito.

- Eu faço - Confirmo.

- Estávamos pegando o mesmo bolinho - Continua Janine.

- Caramelo salgado - Digo ao mesmo tempo em que ela diz - Veludo vermelho.

Oops

Janine aperta minha mão novamente.

- Sim, era de veludo vermelho - Digo, coçando meu queixo com a outra mão - O que é uma loucura. Eu realmente prefiro o caramelo salgado, mas por alguma razão, eu só tinha que ter um veludo vermelho naquela época. Deve ter sido o destino.

Puxo-a para mais perto de mim, lembrando como ela me perguntou na outra noite, se eu acreditava em destino.

Continuo, olhando intencionalmente para seus olhos dourados - Eu soube desde o primeiro momento que a vi.

- Aww - Janine me dá um olhar doce.

- Vocês apenas olharam um para o outro e pronto? - Sra.Davidson pergunta incrédula

- Sim - Respondo ao mesmo tempo em que Janine diz - Claro que não.

- Havia algo mais, eu tenhia certeza - Digo rapidamente, acariciando o cabelo de Janine - Mas tudo o que consigo lembrar agora é como Janine ficou linda naquela tarde, e como conversamos até a noite, eu a levei de volta para o apartamento dela, e nós...

- Dissemos boa noite - Finaliza Janine, olhando para a mãe.

- Eu pensei que nunca mais nos veríamos, mas ele continuou me ligando e, mesmo quando ele foi para a guerra, ele manteve contato - Ela toca meu peito - Tão doce.

Eu seguro a mão dela - Eu não poderia ter sobrevivido todos esses anos sem você.

- Você foi para a guerra? – Sra. Davidson pergunta-me preocupada - Você é um soldado?

- Um fuzileiro naval - Janine e eu respondemos ao mesmo tempo.

- Eu estava implantado em alguns lugares, mas estou em casa agora - Explico para aliviar a preocupação de sua mãe - E a primeira coisa que fiz quando cheguei foi propor casamento a Janine. E ela aceitou.

- Claro que sim - Janine me dá um sorriso doce tocando minha bochecha - Por que diabos eu diria que não?

Eu beijo a mão de Janine novamente – E é isso, sra. Davidson - Ou devo dizer mamãe? - Nossa história.

- Sim - Janine concorda - Isso é muito bonito.

Sra. Davidson toca o queixo - Bem, essa é uma boa história.

- Uma ótima história - Digo.

- Eu gostaria de ter ouvido isso antes. Mas estou feliz por vocês dois - Sra. Davidson acena com a cabeça - Eu ainda estou em choque, eu acho.

- É perfeitamente compreensível - Diz Janine

- Por favor, tome o seu tempo para deixar digerir tudo - Acrescento. Ela apenas dá outro aceno, olhando para longe.

- Eu tenho que ir - Digo, soltando a mão de Janine para que eu possa oferecer a minha para sua mãe - Mas devo que dizer que é bom finalmente conhecê-la. - Sra. Davidson aperta minha mão fracamente.

- Olivia, por favor,

Volto-me para Janine - Eu vou te ver em breve, querida.

- Sim, você irá.

Ela parece assustada quando a beijo, um braço em volta dela para puxá-la contra mim.

Era para ser um beijo rápido, a cereja no topo do bolo para fazer parecer, bem, como um bolo, mas vejo-me incapaz de puxar meus lábios para longe dos dela, viciado em como eles são macios e no seu gosto.

Finalmente, Janine se afasta, com olhar atordoado em seu rosto, suas bochechas estão coradas. Posso dizer que ela ficou tão abalada pelo beijo quanto eu.

Assim como o palpitar na minha virilha não pode ser falso.

Porra. Havia esquecido como é maravilhoso beijá-la - Bem, tchau - Afastar-me dela foi mais difícil do que imaginei.

- Espera.

Paro imediatamente, olhando-a com expectativa.

Ela aponta para os lábios - Acho que você tem um pouco do meu batom.

Oh.

Limpei-o antes de virar-me, sentindo seu olhar nas minhas costas. Continuo andando até estar fora do hospital, onde paro para tomar um grande gole de ar fresco, enquanto corro minhas mãos pelos cabelos.

O que diabos aconteceu?

Não posso acreditar que acabei de conhecer a mãe de Janine, e não tenho certeza se acreditou em nossa história.

Bem, pelo menos, ela sabe de nós agora.

Caminho até meu carro, apenas para parar novamente quando outra realização me atinge.

Foda-se. Eu preciso apresentar Janine para minha mãe também.

6

Janine

Respire, Janine. Apenas respire, digo a mim mesma que, ao que parece ser a centésima vez, respirando fundo enquanto estou fora do chique Charleston, em Little Italy.

Desde que Dash anunciou que eu iria conhecer sua mãe, eu estava ansiosa, quase ao ponto de hiperventilar. Sei que tenho que conhecer a mãe dele, claro. É o que os casais comprometidos fazem. Ainda assim, eu não consegui realmente considerá-lo, e agora que estou diante das circunstâncias, não posso deixar de me sentir aterrorizada.

E se a Sra. Siegel não gosta de mim?

Tudo o que Dash me contou é que ela tem sido rica a vida toda, e isso é assustador. E se ela achar que sou muito pobre? E se ela achar que estou atrás do dinheiro de Dash? E se ela começar a interrogar-me e chegar à conclusão de que não devo fazer parte família?

Basta olhar para a fachada deste restaurante, com portas de vidro elegantes e sua sinalização contemporânea, já começo a sentir-me como um peixe fora d'água. Já estive em Little Italy antes, mas nunca neste lugar, com seus chefs premiados e, claro, o cardápio caro.

Oh garoto. Espero lembrar-me para que serve cada utensílio.

Respiração, Janine.

- Pronto? - Dash pergunta, colocando o braço em minha volta – Não - Digo a ele honestamente.

Ele ri, apertando meu ombro antes de sussurrar no meu ouvido - Não se

preocupe. Você está fabulosa.

Estou? Sei que escolhi um dos meus melhores vestidos - um vestido de renda preta e verde, com mangas longas e transparentes - coloquei meus brincos de diamantes e minha maquiagem mais cara. Eu até puxei meu cabelo para trás em um coque, gastando mais de uma hora e usando um monte de alfinetes para manter os fios no lugar. Mesmo assim, não tenho confiança para entrar por aquelas portas.

- Eu sei que não é fácil - Continua Dash - Eu estava muito assustado quando conheci sua mãe.

- Você estava? - Ergo uma sobrancelha para ele - Você parecia estar se divertindo. Ainda me lembro daquele beijo que ele me deu, o que fez meu coração vibrar.

- Então eu agi bem - Diz Dash - E você também - Ele esfrega minhas costas.

Eu suspiro - Pelo menos você conheceu minha mãe em um hospital, não em algum restaurante chique que provavelmente está na oferta de uma estrela Michelin.

- Pelo menos você teve tempo para se preparar.

Olho para ele - Eu não tenho certeza se é uma coisa boa ou ruim.

- Relaxe - Ele pega minha mão - Tudo vai ficar bem.

- Vai?

Dash beija minha mão - Confie em mim, docinho.

Faço uma careta - Chame-me assim novamente ,e vou bater em você.

Ele ri - Lá. Esta é a Janine que eu conheço - Ele coloca meu braço ao redor dele - Vamos entrar e conhecer sua sogra?

Respiro fundo novamente, assentindo. Avançamos, o *maître* abre as

portas para nos deixar entrar.

Meu coração bate mais rápido. A visão das mesas brancas de linho com botões de rosa, as enormes poltronas de couro em tons de damasco e canela me deixam mais nervosa. Eu quase quero me virar e sair, mas de alguma forma eu chego na parte de trás do restaurante de braço dado com Dash. A Sra. Siegel já encontra-se sentada na mesa, com apenas um copo de vinho para companhia.

E ela é linda. Imaginava ela na casa dos cinquenta anos, porém, aparentemente não quarenta anos, dificilmente uma ruga em seu rosto. Seu cabelo é da mesma cor que Dash, e como o meu, foi penteado para a parte de trás da cabeça, exceto que o dela, parece ter sido feito por um profissionalmente. Nenhum fio fora do lugar. Ela está usando um vestido cinza, mas não parece nem um pouco chata, encaixando perfeitamente seu corpo esbelto, com um colar de pérolas para combinar.

Respiro fundo novamente. *Esta é minha sogra? Ela é maravilhosa.*

- Mamãe - Dash solta meu braço, e vai até a mãe - Obrigado por ter vindo.

Ela sorri, pressionando sua bochecha contra a dele - Por que eu não viria?

- Esta é Janine Davidson - Ele nos apresenta.

Dou um passo à frente - Boa noite, Sra. Siegel. É um prazer conhecer você.

Eu já disse isso certo? Eu tenho praticado a noite toda.

A Sra. Siegel não responde, apenas sorri, olhando-me da cabeça aos pés. Suponho que ela ainda está tentando descobrir se o prazer é mútuo, o que eu acho que depende, em grande parte, de quem eu realmente sou.

Dash puxa a cadeira diretamente para a mãe, sento-me com cuidado, sabendo que ainda estou sendo observada por cima do copo de vinho. Dash então senta- e entre nós, endireitando a gravata.

Sra. Siegel sorri para ele - Vamos pedir?

Ela e Dash fazem os pedidos para cinco pratos, enquanto eu

simplesmente passo por cima do cardápio em silêncio, escancaro minha boca com a descrição dos pratos, e principalmente, os preços.

Inacreditável.

Logo depois que o garçom sai com as ordens, outro se aproxima, servindo vinho em nossos copos.

A Sra. Siegel levanta sua taça - Para Dash, nosso soldado, que finalmente voltou para casa.

Levanto minha taça.

Exceto Dash, seus dedos ao redor da sua taça - Na verdade, mãe, há outra coisa que eu gostaria de brindar.

Sra. Siegel toma um gole - O que seria?

- É a razão pela qual pedi a você para vir aqui hoje, e por ter trazido Janine. - Ele segura minha mão, levantando-a para que sua mãe possa ver o anel de diamante que ele comprou para mim, um dia após conhecer minha mãe.

A sra. Siegel pousa o copo, ofegando - É aquele...?

- Eu sei que pode ser muito cedo - Dash continua, em um tom sério enquanto ele acaricia minha mão - Mas eu queria que você soubesse que, depois de um longo e distante relacionamento, eu propus casamento a Janine e ela aceitou.

- Você vai se casar? - A mãe de Dash fica de pé, seu rosto se iluminando.

- Bem, sim - Dash acena com a cabeça, olhando-me - Não é verdade, querida?

Querida? Primeiro, docinhos. Agora querida? É tão falso, mas forço um sorriso - Esse é o plano.

- Oh, eu não posso acreditar - A Sra. Siegel joga os braços ao redor de Dash - Meu filho vai se casar!

Dash franze a testa, enquanto dá um tapinha nas costas dela - Mantenha a voz baixa, mãe.

- Oh, eu não posso ficar quieta sobre isso.

Ela olha para o garçom que está parado perto, em seguida para os comensais nas mesas ao lado - Meu filho vai se casar!

A sala explode em aplausos, algumas das pessoas nos parabenizam.

Aperto minha boca em uma linha fina, completamente envergonhada. *O que diabos ela está fazendo?*

- Mãe - Implora Dash - Por favor, sente-se.

- Oh, eu estou tão feliz por você - O abraça novamente e pega sua taça - Para o noivado do meu filho.

Dash levanta o copo - Felicidades.

- Felicidades - Levanto meu copo e depois tomo um gole.

Para minha surpresa, a Sra. Siegel vem me abraçar - Janine, certo? - Ela aperta minhas bochechas levemente - Oh, estou tão feliz que Dash tenha encontrado uma mulher tão incrível.

Eu pisco enquanto olho para o linho branco na mesa. *Mesmo?*

Ela acha que eu sou incrível? Ela aprova-me?

Eu quase quero me beliscar.

Finalmente, a Sra. Siegel se senta - Agora, diga-me, quando será o casamento?

Dash apoia as mãos na mesa - Bem, eu sei que papai acabou de falecer, então...

- Absurdo - A Sra. Siegel o interrompe - Você sabe que era isso que seu pai

queria. Além do mais, agora é a hora perfeita para celebrar.

Dash toca seu braço - Mas mãe…

- Sem desculpas - A Sra. Siegel acena um dedo - Estou cansada de luto, e não me importo com tradição. A vida é curta demais para essas coisas. Casem-se agora - Faz uma pausa olhando-me de volta - Oh, olha como ela é linda, e como você parece forte ao lado dela - Seus olhos brilham como se já estivéssemos no de Natal - Não espere – Diz repentinamente - Além do mais, vou pagar pelo casamento.

Levo minha taça aos lábios. *Ela vai?*

- É muito generoso da sua parte mãe. - Dash diz, sentando de volta.

- Eu vou pagar por tudo - Repete - A igreja, as flores, os vestidos, a comida - Faz outra pausa - Oh, por que não pedimos a Charleston para atendê-lo?

Eu quase engasgo com o vinho. *O que?*

- Mamãe - Dash alcança sua mão - Janine e eu realmente pretendíamos que fosse uma cerimônia pequena.

- Não seja bobo - Ela o corta novamente, balançando a cabeça - Você e Janine vão ter a coisa toda, nem que seja a última coisa que faço. Sinos, assobios e tudo. Na verdade, será o casamento do ano.

Meu queixo cai, isso deve ser uma piada, certo?

* * *

É real. Tudo é real.

Enquanto sento-me no canto do quarto da noiva intocada dentro da igreja, minha dama de honra - a prima de Dash, Fiona - arruma as flores no meu cabelo.

- Você está bem garota - Fiona pergunta, puxando minha trança - Você parece um pouco doente.

- N-não, eu estou bem - Minto para ela, pensando que poderia vomitar - Estou bem. Há muita coisa acontecendo, é só isso - Nem todo ar do mundo vai impedir meu coração de bater no meu peito, e meus olhos se embaçam com lágrimas involuntárias. Não posso acreditar que estou prestes a fazer isso. Sinto meu coração batendo nas minhas mãos e pés.

- Esse casamento é tão grandioso - Digo a ela, com voz trêmula. Uma lágrima quente derrama uma bochecha enquanto falo - Há quatrocentas pessoas aqui, e nenhuma delas sabem quem eu sou - Eu rio um pouco com a insanidade - Isso realmente está acontecendo - Eu tiro a lágrima da minha bochecha, provavelmente manchando a maquiagem - Tudo é real. Tudo menos eu - Limpo minhas narinas coaguladas. - Eu sou uma farsa.

- Você poderia segurar esse pensamento aí? - Fiona pergunta, enquanto se levanta, soando nervosa - Preciso arranjar mais alfinetes para o seu cabelo. - Então ela corre para a porta, e se foi.

Meus ombros caem. Tente se abrir para alguém, e ela corre.

Sozinha, levanto da cadeira e vou em direção ao espelho dourado de corpo inteiro. Vejo meu o reflexo, uma mulher de 30 anos, em um vestido de casamento de estilista e estilo sereia. A mistura de cetim e chiffon, pendurado nos meus ombros, abraça minha cintura antes de fluir ao redor das minhas pernas como uma cascata de nuvens, farfalhando e ondulando com o menor dos movimentos. Meu rosto está pálido. Meus lábios são de um rosa brilhante. Pálpebras luminosas. Meu cabelo está trançado, os fios perfeitamente entrelaçados intricadamente, com pequenas flores brancas no meio. Cordas de diamantes pendem de suas orelhas.

É eu?

Corro os dedos sobre o pingente em forma de coração, a única coisa que eu tenho, que pertence a mim, um remanescente de quem eu realmente sou.

Oh, o que eu fiz? Estou realmente indo com isso? Realmente vou me jogar fora para fazer minha mãe feliz? Ela não podia nem estar aqui hoje. Ela está fraca demais com a quimioterapia, e está tudo sendo transmitido ao vivo para ela, mas não é o mesmo.

Talvez seja uma coisa boa. Se ela estivesse aqui, ela poderia ver através de mim e descobrir que sou uma falsa. Tudo sobre este casamento é perfeito, exceto eu. Não sou realmente uma noiva. Sou apenas uma mulher assustada e tola. Esse não é meu lugar, eu não quero estar aqui.

Eu não quero isso.

De repente, eu ouço uma batida na porta - Janine?

Meu coração fica preso na garganta. *É o Dash.*

- Janine, você está bem? - Pergunta atrás da porta.

- Não -Digo a ele, lutando contra as lágrimas - Eu não posso fazer isso.

Ele fica em silêncio.

Por um momento, ele parece ter ido embora, meu coração afunda. Então a porta se abri suavemente, Dash entra fechando a porta atrás de si.

- Você não deveria estar aqui - Digo a ele, enxugando uma lágrima enquanto escondo meu alívio.

- Eu quero estar - Ele caminha em minha direção, colocando as mãos nos meus braços - Quero que saiba, você não está sozinha.

- Mas eu estou - Balanço minha cabeça olhando para o chão - Estou sozinha. Nós não deveríamos estar fazendo isso. Está errado e é ...

- Shh - Dash ergue meu queixo gentilmente, fazendo-me olhar em seus olhos. Estão calmos como um lago enevoado - Eu sei que você está com medo, Janine. Eu sei que isso é demais, e você acha que é um grande erro. Mas você não está sozinha. Ele pega uma das minhas lágrimas com o polegar, em seguida,

acaricia minha bochecha - Estou aqui. Estamos fazendo isso juntos.

Aceno, baixando meus olhos - Eu não sei. Eu me sinto tão sobrecarregada.

- Olhe para mim, Janine - Ele pega minhas mãos.

Levanto a cabeça devagar, olhando fixamente a camisa branca e engomada, o smoking sob medida, a gravata impecável, o queixo bem barbeado, os lábios entreabertos e, finalmente, os olhos lívidos. Minha respiração fica presa. Meu coração fica parado. Assim, a sala toda desaparece e é apenas Dash em pé na minha frente.

- Pode haver muitas pessoas por aí - Diz Dash, apertando minhas mãos - Mas esse casamento é entre você e eu. Só você e eu sabemos o que está em jogo. Só você e eu importamos. Não pense em mais ninguém. Apenas em mim. Apenas olhe para mim. Eu estarei esperando por você.

Então a mão dele se foi. Ele se afasta lentamente, ainda de frente para mim, em seguida se vai, sem outro olhar, outra palavra.

Ele disse tudo o que ele precisa dizer.

Volto-me para o espelho, respirando fundo enquanto olho para meu reflexo.

- Estou de volta - Fiona anuncia enquanto entra na sala - E eu tenho os pinos.

Ela aproxima-se, colocando-os no meu cabelo junto com as flores restantes.

- A cerimônia está prestes a começar - Ela coloca o último alfinete - Você está pronta?

Eu concordo.

Ainda não consigo acreditar que a mulher encarando-me de volta é realmente eu, não tenho mais medo. Ainda não sei se esse arranjo vai funcionar ou se é a coisa certa a fazer, mas eu não estou fugindo. Dash está me esperando

no final do corredor.

Ao pensar nele, eu sorrio, uma onda de excitação me inundando em meio ao mar de dúvidas e medos.

Isso pode não ser real, pode ser apenas um negócio, mas pelo menos, eu ainda tenho Dash.

Quando a música começa, fecho meus ombros, pego meu buquê e caminho para a porta.

7

Dash

- Aqui estamos.

Empurro a porta do quarto do hotel com as costas abertas, colocando Janine no chão assim que cruzamos a soleira.

Ela endireita a frente de seu vestido rosa pálido - Você não tem que fazer isso.

- Mas é o que os recém-casados fazem - Respondo, jogo a chave na mesa antes de puxar nossas malas - E nós, minha querida, somos recém-casados. Devemos agir como tal.

Ela suspira, deitando-se na cama king-size, os braços estendidos enquanto olha para o teto - Estou feliz por estar fora daquele vestido de noiva, longe de todos aqueles estranhos com suas câmeras e seus sorrisos.

Coloco as malas ao lado do closet, olhando para ela.

Eu sei que foi duro para ela. Quando a vi na sala nupcial, pude ver em seus olhos, que ela estava pronta para desistir e, por um momento, enquanto eu estava em pé no altar, tive medo de que ela não fosse aparecer.

Mas ela o fez, incrivelmente linda e radiante. Caminhou pelo corredor com um sorriso, olhos grudados aos meus, disse tudo o que precisava dizer durante a cerimônia, encantando a todos na recepção. Ela fez tudo isso, embora eu saiba que estava tremendo em seus sapatos, convencendo todos a era uma noiva. Até eu.

Sento-me ao seu lado - Você fez bem. - Digo pegando sua mão.

- Estou exausta - Responde, ainda olhando para o teto - Nosso vôo de

amanhã, está marcado para que horas?

- O vôo para Tóquio está marcado para às dez - Vou para a janela com as mãos nos bolsos, olhando para o aeroporto ao lado. - Nós podemos ir às nove.

Janine olha para o relógio. Então se senta. - Estou cansada demais para dormir. Acho que vou descer para o salão e tomar uma bebida, eu realmente não consegui uma na nossa recepção.

- Boa ideia - Pego o cartão do hotel - Vou juntar-me a ti.

* * *

- Você não tem que se juntar a mim - Janine toma outro gole de seu copo de margarita, um braço cruzado sobre a barriga enquanto ela se senta em sua cadeira de couro.

Tomo um gole do meu uísque, encarando-a do outro lado da mesa, sobre o vaso de rosas e as velas.

- Por que não? - Pergunto - Isso é realmente legal.

Era fim de noite, o salão está quase vazio, o barman parecia entediado atrás do bar. A luz derramava-se apenas em algumas lâmpadas cuidadosamente colocadas nas paredes e mesas, criando um ambiente sombrio.

O lugar perfeito para relaxar depois de um dia agitado, mas Janine nem sequer olha-me. Seus olhos tristes vagam pelo salão inteiro, evitando-me propositadamente.

Coloco meu copo na mesa - Você não tem que parecer tão infeliz por eu ter decidido acompanha-la.

- Eu não estou. É só – Ela começa, mas faz uma pausa - Você não precisa fingir, sabe? Ninguém está aqui.

- Você está aqui – Lembro-a, inclinando em minha cadeira.

Janine revira os olhos - Nós dois sabemos que você não está fazendo nada disso por mim.

Levo as mãos aos bolsos - Você está aqui apenas por causa de sua mãe. - Ela fica em silêncio. No momento em que vejo as sobrancelhas sulcadas e os lábios contraídos em uma carranca, lamento minhas palavras. Lavo o gosto amargo em minha língua com mais uísque. Arrependo-me instantaneamente, mesmo em minha defesa, mesmo tendo razão. A machucou ser lembrada.

Seu humor piora, e ela pede outra margarita. Não consigo entender seu mau humor em primeiro lugar. *Foi algo que fiz?*

Seja qual for o motivo, esta não é a maneira de começar um casamento, falso ou não.

Agarro meu copo e vou para a cadeira ao seu lado - Ei - Começo - Sinto muito por sua mãe não ter tido condições de comparecer.

Ela sacode a cabeça, passando os dedos por sua bebida - Ela não teria gostado mais do que eu.

- Oh, eu duvido disso – Inclino-me para frente - Como ela está?

- Ah, você sabe - Ela de posição, seu vestido farfalhando - Você a viu.

Sim, eu a vi, e sei que ela não parecia bem. Mas não vou admitir em voz alta. Prefiro ficar em silêncio, forçando mais do líquido de bronze em minha garganta.

- Seu pai – Ela começa - Ele sofreu antes de morrer?

Endireito-me em meu assento, encolhendo os ombros - Eu não sei - Admito - Eu não estava lá e não estava exatamente a par do que estava acontecendo em sua vida - Olho para o copo quase vazio em minhas mãos - Na verdade, ele não falou comigo uma vez, depois que entrei para o exército.

Termino o conteúdo minha bebida de um só gole - Eu sinto Muito.

Sinto a mão de Janine no meu braço e, quando olho para ela, descubro que sua expressão mudou, o aborrecimento em seus olhos desapareceu, substituído por uma simpatia sincera, do tipo que apenas alguém que está perdendo uma pessoa querida pode oferecer.

Abandono meu copo vazio - Vamos dançar? - Não tenho certeza de onde veio essa ideia. Talvez só queira mudar o clima sombrio. Talvez eu queira senti-la mais perto, para sentir-me consolado com sua presença, e oferecer a minha em troca. Seja qual for o motivo, minhas mãos já estavam estendidas.

Janine olha-me com os olhos arregalados, mas pega minha mão. Eu a puxo para o meio da sala, aperto seu corpo contra o meu. Ela coloca mão no meu ombro, enquanto envolvo o braço ao seu redor.

Nos movemos devagar, silenciosamente, nossos pés mudando de vez em quando, conforme o ritmo da música.

Esta não é a primeira vez. Dançamos mais cedo, em nossa recepção de casamento, em frente a uma plateia. No entanto, a segunda vez parece mais íntimo, mais real. Estou completamente ciente da pressão de seus dedos no meu peito. Inalo o aroma botânico de seu cabelo. Esta também pode ser a nossa primeira dança.

Tento olhar em seus olhos, mas ela evita fazer contato timidamente. Finalmente seus olhos âmbar resolvem encontrar os meus, e eu os seguro lá, afundando naquelas poças de ouro derretido.

As outras pessoas se foram agora, o salão é um quarto escuro e vazio. Tudo que eu posso ver é ela. Tudo o que sinto é ela, sua mão no meu ombro, sua respiração quente contra a minha pele, seus seios roçando meu peito, as pontas dos seus cabelos dançando no meu braço.

Nossos rostos estão a poucos centímetros de distância agora, nossos lábios pairando, os dela entreabertos como se ela quisesse dizer algo, mas nenhuma palavra saiu.

Puxo-a para mais perto, nossas bochechas se tocam, o cheiro de seu

perfume flutuando em minhas narinas. Eu posso ouvir sua respiração. Eu posso sentir o batimento seu cardíaco.

Não há necessidade de palavras agora, nossos corpos se comunicando enquanto nos movemos como um só.

Eu fecho meus olhos e a música toca.

* * *

Eu olho para o teto enquanto me deito na cama em minhas cuecas, as cobertas puxadas para o meu peito nu. Já passou da meia-noite, e o quarto do hotel está quieto e escuro - exceto pelo som da água do chuveiro e aquele pequeno fio de luz tentador escapando pela fresta embaixo da porta.

Coloco minha mão sobre meus olhos suspirando. Faz muito tempo desde que uma mulher me tocou assim.

Pergunto-me o que ela está fazendo lá.

Porra, eu sei que deveria estar dormindo. Tenho certeza que Janine, vai subir na cama e cair imediatamente para dormir quando sair do banheiro. Ela vai estar de pijama e desejar-me boa noite, virar as costas, enrolando-se em seu lado seu lençol.

Mas não consigo tirar aquela dança da minha cabeça ou da sensação do seu corpo contra o meu, suave, perfumado. Cada curva perfeitamente moldada contra mim - sacudo minha cabeça.

Não posso continuar pensando assim. Se o fizer, acabarei querendo mais. E não posso querer mais. Janine e eu podemos ser recém-casados, mas nosso casamento ainda é um negócio. Eu já disse a ela que o sexo não seria parte dos deveres.

Mas eu meio que gostaria que fizesse agora.

Não seja um idiota, eu me castigo. Ela é uma mulher moderna e de sangue

vermelho. Não é uma garota de harém.

Então a porta do banheiro se abre, espalhando vapor e o cheiro de sabão pelo quarto.

Janine emerge em um roupão azul meia-noite, o tecido tão fino que eu posso ver sua calcinha preta por baixo. Eu posso ver o doce halo de seus mamilos.

Levanto a cabeça do travesseiro para olha-la, meu braço cai, meus olhos se arregalam, sinto uma contração na virilha. Uma tenda se forma sob as cobertas grossas.

Porra.

- Gostou? - Janine dá um giro, a bainha da arrumação para me dar um vislumbre mais claro de sua calcinha e do seu belo traseiro.

- Sim - Engulo o nó na garganta. A protuberância em minha boxer não vai embora.

Janine vai até o pé da cama e sobe no colchão, como um gato espreitando, prestes a atacar. Deus eu tenho algo que ela pode atacar - Talvez eu deva tira-lo - Ela sugere em uma voz sensual e firme.

Antes que eu possa responder, Janine agarra o pequeno arco na frente de seu roupão e abre-o. O tecido transparente cai como cortinas se abrindo, seus seios firmes e redondos aparecem.

Minha boca abre-se involuntariamente.

Janine desliza o roupão do seu esbelto corpo, vestindo nada além de calcinha preta e se arrasta em minha direção. Ela tira os cobertores que escondiam minha ereção monta-me. Quando seu rosto está pairando a centímetros do meu, ela congela, mordendo o lábio inferior enquanto seus olhos brilham com malícia.

Ela poderia apenas estar bêbada. Então, novamente, ela estava bêbada na

primeira vez que fizemos sexo, e isso foi muito bem.

- Você não tem que fazer isso – Lembro-a, mesmo que meu melhor julgamento esteja gritando comigo para calar a boca.

- Eu sei - Diz Janine, acariciando minha bochecha. - Então ela me beija, ternamente a princípio, depois com força suficiente para mandar minha cabeça cair de volta no travesseiro.

Ela cobre meu rosto, seus braços descansando no meu peito, seu cabelo formando um véu ao meu redor, sua língua deslizando em minha boca.

Fecho meus olhos, e a beijo de volta. Enfio meus dedos nos emaranhados de seus cabelos. Enquanto nossas línguas se movem em total frenesi, o gosto do uísque, margarita e hortelã se misturam> Suas mãos descem até meu peito, seus dedos circulando meus mamilos e cobrindo-os com as palmas das mãos.

Por sua vez, corro minhas mãos por suas costas, traçando a curva suave de sua espinha. Então, agarro sua bunda, dando a cada bochecha firme um bom aperto.

Ela geme em minha boca e depois se afasta para respirar.

- Senti falta disso - Confessa fracamente, dando-me acesso livre ao seu pescoço.

- Eu também - Alcanço-o antes que sua boca comece seu novo ataque.

E realmente senti falta, esse beijo, a sensação de seu corpo perfeito contra o meu.

Não, isso é melhor. Janine é mais habilidosa agora. Mais ousada, fazendo-me pensar com quem esteve desde que parti.

Possuído por uma inesperada onda de ciúmes, e uma súbita necessidade de posse, leva-me a quer marcá-la como minha. Aperto suas coxas guiando seus quadris para minha ereção, esfregando contra sua fenda.

Ela quebra o beijo, ofegante. *Assim é melhor.*

Em um movimento rápido, viro-a de posição, pairando acima dela. Seu olhar assustado, logo é substituído por excitação, então ela sorri.

Agarro seu queixo e a beijo profundamente, tomando o controle. Seus dedos dançam em minhas costas, traçando os músculos e cicatrizes de guerra.

Tomo posse de seus mamilos, esfregando-os, ela estremece, e esse estremecimento vai direto para meu pau, já ansiando por libertação. Eu ignoro, mas Janine não. Sua palma pressiona contra a protuberância em meus boxers.

Aprofundo ainda mais o nosso beijo, deslizo minha mão para sua calcinha, encontrando o broto sensível. Seus quadris se levantam em direção a minha mão, esfrego seu clitóris e ela geme em minha boca.

Continuo acariciando seu clitóris, enquanto minha língua a acaricia. Movo meus dedos para baixo, juntando seu líquido na ponta dos meus dedos antes de mergulhá-lo na fonte.

Suas mãos agarram meus braços, unhas arranhando minha pele.

Deslizo outro dedo naquele calor delicioso, esticando-a, em seguida, começo a mover meus dedos para dentro e para fora, um movimento que faz meu pau lutar ansioso pela libertação.

Por um momento, Janine continua se agarrando a mim, derretendo em volta dos meus dedos e impotente para fazer qualquer outra coisa. Então uma de suas mãos solta meu ombro, deslizando entre nós indo direto para meu pau.

Endureço ainda mais com seus dedos roçam meu pau. Quando ela liberta-o de seus limites, estremeço em antecipação.

Continuo acariciando-a, enquanto ela segura meu pau firmemente, nossos gemidos se misturam, nosso desejo se intensifica, cobrindo-nos suor, o cheiro do nosso desejo paira no ar.

- Mais - Diz Janine, o polegar correndo sobre a cabeça do meu pau.

Respiro fundo - Sim, senhora.

Retiro meus dedos de sua fenda encharcada para tirar a calcinha, e ela ri.

- Você ainda é bom em seguir minhas ordens.

Você ainda é boa em dar-lhes - Devolvo, descartando sua calcinha, antes de tirar a minha boxer.

Agora não há nada no caminho.

Estabeleço-me entre duas pernas, cutucando seu sexo com a ponta do meu pau - É isso que você quer?

Janine agarra-me dos lados, elevando seus quadris ao encontro do meu pau - Desde o primeiro ano – Sussurra com voz rouca.

Agarro suas coxas, entrando nela com um impulso. Suas mãos se agarram aos meus braços - Oh, sim!

Paro para recuperar o fôlego, e aproveito para encará-la, suas bochechas estão coradas, seu cabelo uma bagunça ao seu redor e seus olhos estão fechados.

Beijo-a quando começo a mover-me dentro dela, saboreando o incrível calor do seu apertado sexo, libero sua boca antes de acelerar. Suas mãos agarram os lençóis enquanto acelero.

- Dash - Janine grita meu nome, jogando a cabeça para trás, seu corpo treme. Ela aperta em minha volta.

Faço mais algumas investidas antes de fechar meus olhos e deixar o calor de seu corpo me engolir. Eu vou tenso, estremecendo e grunhindo enquanto me esvazio profundamente dentro dela.

Desmorono em cima de Janine, minha mão enterrada em seus cabelos enquanto forço o ar em meus pulmões, esperando minha respiração diminuir.

Tendo certeza que estou estável, saio dela para descobrir que ela já adormeceu, dá um suspiro ao virar-se para o lado. Planto um beijo em seus cabelos, puxo as cobertas sobre ela. Deito-me ao seu lado e me entrego ao sono

profundo.

8

Janine

Não lembro a última vez que dormi tão profundamente. Bocejando, estico meu corpo antes de sair da cama.

Rapidamente pego o roupão de veludo e o envolvo ao meu redor. É do Dash, mas está mais próximo.

Enquanto amarro a faixa, vejo a pilha de azul no carpete descartado. Coro, lembrando como acabou lá.

Isso foi inesperado - tanto o sexo quanto minha iniciativa. Eu realmente fiz isso?

Talvez tenha sido o álcool que me deu coragem. Talvez tenha sido a dança que entorpeceu meus sentidos. Talvez tenha sido todo o estresse do casamento falso. Talvez você só queria estar com Dash.

Pego o roupão e coloco na minha mala.

- Alguém está de bom humor esta manhã - A voz de Dash interrompe meus pensamentos.

Olho para ele sentado na beira da cama, sem perceber que ele já estava acordado ou que eu estava sorrindo.

Não, espere. Eu ainda estou - Bom dia - Saúdo, tentando sufocar esse sorriso ridículo. Estico meus braços e olho para Dash. Simplesmente não posso acreditar que um homem como ele está comigo. Meu marido. Que esteve dentro de mim ontem à noite - Você dormiu bem?

- Ótimo.

Ele joga as cobertas de lado, tento não olhar para seu pênis - sem sucesso - caminhando em direção à janela com um dedo entre meus lábios.

Separo as cortinas, olhando para o céu azul com um sorriso. Parece um dia promissor depois de uma noite incrível.

Depois de ver um avião se mover, pego meu telefone da mesa, olhando para a hora.

7:06

- Acho que vamos sair em breve.

- Você parece que não quer sair.

Dash caminha em minha direção, já de cueca, as sobrancelhas franzidas.

- Eu quero - Abro o telefone - Talvez só não ainda. Deito-me na cama novamente, olhando para o teto.

Estou animada com esta viagem. Eu realmente estou, especialmente depois da noite passada. Mas também há uma parte de mim que quer ficar nessa cama macia o dia todo. Tenho certeza de que é mais confortável do que o assento do avião.

- Vamos - Dash pega meu braço - Precisamos nos mexer ou perderemos nosso voo.

Eu não me movo.

"Se você não se levantar, eu vou fazer cócegas em você - Ameaça.

Franzo a testa com o pensamento, mesmo que eu não deteste inteiramente a ideia, forço-me a sair da cama - Está bem, está bem, preciso tomar banho. Ainda posso sentir traços de seu gozo pegajoso dentro de minhas coxas, e uma parte de mim, só quer deslizar a calcinha preta de volta e usá-la o dia todo, como um pequeno segredo sujo.

* * *

Devo estar com fome.

Olho para o prato em minha frente, cheio de tiras de bacon, algumas salsichas, algumas batatas, uma pilha de verduras, um croissant e algumas fatias de queijo. Eu até tenho um pires separado com ovos mexidos e outro com frutas frescas.

Eu realmente vou conseguir terminar tudo isso?

- Coma - Ordena Dash, já cavando sua pilha de comida, que é ainda maior que a minha - Você sabe que pode demorar dezesseis horas até conseguirmos algo de verdade para comer. E não, a comida da companhia aérea não conta.

Sorrio enquanto coloco meu garfo em uma salsicha, lembrando o que eu comi no meu último vôo.

Na verdade, não quero lembrar.

- Além disso, você precisa substituir toda a energia que perdeu – Acrescenta maliciosamente.

Eu coro, levantando a salsicha do prato. Eu termino com duas mordidas grandes e pego uma tira de bacon, prestes a colocar isso na minha boca quando vejo uma mulher caminhando em direção à nossa mesa - uma mulher loira usando um macacão preto de seda sem alças.

A parte de cima de seus enormes seios borbulha no decote como balões inflados, flutuando em um top mais ínfimo que já vi.

Não há como acreditar que ela acordou assim. É a Barbie viva.

- Dash - Ela chega mais perto, os olhos arregalados.

Ah Merda. Largo a tira de bacon no prato. Dash conhece essa mulher?

Dash passa o guardanapo na boca - Marissa - Diz ele, confirmando minha suspeita.

- É você! - Ela joga os braços ao redor dele, pressionando os seios em seu rosto, ele não parece se importar - O que você está fazendo aqui? - Ela pergunta, enquanto ele toma um gole do seu suco. Ela coloca a mão na parte de trás da cadeira e seu olhar varre-o da cabeça aos pés. Aqueles olhos densamente sombreados e aquele nariz cirurgicamente estreito me lembram um falcão - Você está aposentado? Quando você chegou em casa? Você nunca me ligou. Pensei que tivesse sido baleado ou algo assim.

Eu também pego meu copo de suco e tomo um gole. Estou tão pronta para odiar essa garota. Sei que é mesquinho da minha parte, mas tudo que preciso é uma razão.

- Estou tão feliz por você estar vivo - Acrescenta Marissa, inclinando-se para a frente, para que seu cabelo roçasse no rosto de Dash. Ela se inclina para baixo, de modo que sua boca está perto da orelha dele. - Eu ainda tenho aquela camisola preta que você comprou para mim.

Eu tusso, cobrindo minha boca com as costas da minha mão. Marissa olha-me pela primeira vez.

- Marissa, esta é Janine - Dash introduz, com a mão apontando em minha direção - Minha esposa.

Desta vez, o seu olhar varre-me como um detector de armas, a mão nos quadris e os olhos estreitados enquanto examina cada detalhe.

Forço um sorriso. De repente, gostaria de ter usado maquiagem, considerando que a dela é impecável. Deveria ter posto algo mais sexy, além do vestido cinza que estou usando, que eu achava o mais adequado para um longo vôo.

Eu definitivamente me sinto muito vestida agora, mas não no sentido

usual da palavra.

- Espere, você disse que ela é sua esposa? - Marissa pergunta, choque escrito em todo o rosto dela.

Dash olha para ela - Foi o que eu disse.

- Inacreditável - Ela pega a mão esquerda de Dash, olhando para o dedo - Você disse que não acreditava em casamento.

- Eu disse? - Dash arranca sua mão da dela - Não sabia que você tinha uma boa memória.

- Oh, eu me lembro de cada coisinha sobre você - Marissa acaricia sua bochecha - Todas as sardas, todos os pontos delicados, todos…

Dash a interrompe – Talvez, da próxima vez, você se lembre de que eu não gosto de ser incomodado quando estou comendo.

Ele olha para mim do outro lado da mesa, revirando os olhos. Eu suprimo uma risadinha.

- Eu definitivamente nunca pensei que você se casaria com alguém como ela - Diz lançando-me um olhar de desgosto.

Eu coloquei o guardanapo no meu colo.

- O que você quer dizer com alguém como eu? - Pergunto a ela friamente.

- Eu não sei exatamente como dizer - Marissa começa - Como isso é chamado? Um plebeu? Um trabalhador? Ela olha meu prato - Come como um, não é? - Ela sorri para mim - Sem ofensa, claro. A classe baixa é a verdadeira espinha dorsal da América.

Eu não respondo, pegando meu garfo.

- Ela nem parece ser boa na cama - Marissa termina em um sussurro alto contra o ouvido de Dash.

Aperto meu garfo, minha mandíbula trava. Quem diabos essa mulher pensa que é? Como se atreve a dizer isso bem na minha frente?

- Marissa, seja legal - Dash diz, mal olhando para ela antes de comer uma tira de bacon.

Então ele olha para mim, suas sobrancelhas franzidas enquanto seus olhos passam por cima do meu prato - Eu pensei que você estivesse com fome. Você deveria comer. Temos que ir ao aeroporto em breve.

- Você está viajando? - Marissa pergunta, seu tom mudando de um sussurro para um gemido.

- Nossa lua de mel - Digo a ela, comendo uma salada.

- Lua de mel?

- Sim, você sabe, a viagem que os casais fazem depois que eles se casam - Respondo, parando para sorrir brilhantemente.

- Eu sei o que é uma lua de mel - A voz de Marissa treme.

- Estamos indo para Tóquio - Informa Dash.

- Que coincidência - Seus olhos se arregalam, a mão no peito - Meu marido e eu estamos indo para lá também.

Eu olho para ela. Ela tem marido? Ela não estava apenas se aproximando do Dash?

- Você é casada? - Pergunto a ela em voz alta.

- Sim - Ela mostra seu anel de casamento - Leon está no andar de cima fazendo as malas - Sorri ao acrescentar- Ele é o homem mais atencioso e compreensivo que conheço.

- Ele teria que ser - Murmuro, dando uma mordida no meu croissant.

Ela olha as migalhas caindo no meu vestido com desdém e depois volta

para Dash - A que horas é o seu voo? Estamos no 10:30.

- Logo - Dash responde.

Marissa coloca as mãos nas bochechas - Tenho certeza de que você e eu nos encontraremos no aeroporto. Talvez até nos vejamos em Tóquio.

- Eu não sei - Dash responde, os dedos ao redor de seu copo de suco – Talvez Janine e eu fiquemos em nosso quarto de hotel.

Eu sorrio - Sim, podemos ficar bêbados em saquê o dia todo, mergulhe em nossa própria banheira de hidromassagem ...

- Oh, acabei de me lembrar que tenho que ir - Marissa me interrompe.

Melhor coisa que ela disse a manhã toda.

- Eu tenho que comprar algo para Leon - Acrescenta.

- Vejo você mais tarde - Ela pisca para Dash, em seguida, olha-me com um sorriso falso - Foi um prazer conhecê-la.

Não acredito nisso por um segundo, mas eu devolvo seu sorriso falso e sua mentira - O prazer foi todo meu.

- Mais tarde - Ela aperta o braço de Dash e sai do restaurante, balançando os quadris.

Olho para o teto, soltando um suspiro antes de comer meu bacon.

Finalmente. Agora eu posso respirar. E comer.

Dash, por outro lado, está quase terminando de comer, o prato quase vazio.

Ele sacode a cabeça - Não posso acreditar nessa mulher, não sei o que vi nela.

- Oh, eu não acho que você viu nada nela - Digo a ele - Acho que você viu algo nela. Duas coisas, na verdade.

- Janine...

- Vou pegar mais suco - Levanto-me da mesa, indo para onde estão as bebidas.

Verdade seja dita, não sinto mais fome. Na verdade, eu nem sinto mais vontade de ir em minha lua de mel.

9

Dash

Janine parece que vai a um funeral, não a uma lua de mel.

Agora, enquanto estamos sentados no banco de trás da limusine a caminho do aeroporto, Janine tem os braços cruzados sobre o peito, os lábios franzidos, as sobrancelhas agrupadas e vincos no meio da testa.

Ela estava de bom humor mais cedo, sorrindo e cantarolando ao som da música do elevador. Agora, ela está totalmente o oposto.

- Ei - Eu tiro minha mão do bolso do casaco, e a coloco em sua coxa - Você ainda está chateada com o que aconteceu no café da manhã, não é?

Ela não responde nem olha para mim.

Deslizo pelo assento, para ficar ao seu lado - Janine, você não pode deixar Marissa arruinar nossa viajem - Digo a ela, segurando sua mão - É exatamente o que ela queria.

Ela olha para mim - Você parece saber muito bem o que ela quer.

Exalo - Ela e eu terminamos - Garanto - Nós terminamos há muito tempo.

- Mesmo? - Ela levanta uma sobrancelha.

- Mesmo - Afirmo - Por que eu mentiria para você? - Pergunto - Nós já estamos mentindo para todos os outros. Por que eu manteria um segredo de você?

- Eu nem sabia que você e Marissa eram uma coisa. Eu nem sabia que ela existia.

- Bem - Esfrego sua mão - Eu vou te contar tudo sobre ela.

Ela muda seu corpo para ficar de frente para mim. De repente interessada.

- Passamos algumas semanas juntos quando estava dando um tempo na Virgínia.

- Algumas semanas? - Seus olhos se estreitam.

- Sim - Dou de ombros - Então eu tive que partir novo - Isso é tudo que existe.

Ela revira os olhos - Quando aconteceu?

- Três ou quatro anos – Faço uma careta - Eu realmente não me lembro.

- Mas ela claramente se lembra de você - Aponta, arrancando a mão da minha cruzando os braços sobre o peito novamente - Muito dolorosamente, na verdade - Faz uma pausa - Até se lembra daquela camisola que você deu a ela.

Eu levanto minhas mãos - Eu nem me lembro disso.

- Bem, você se lembra de terminar com ela? - Janine olha-me - Porque ela parece pensar que vocês dois ainda têm alguma coisa.

Coloco minhas mãos em minhas coxas, encolhendo os ombros - Ela tem um marido, baby. Ela sabe que não estamos mais juntos.

- Eu lhe disse para não me chamar assim.

Endireito-me com uma carranca - Eu estava dentro de você ontem à noite, mas não posso te chamar de bebê?

Suas mãos caem para os lados - Só quero saber por que você não defendeu-me daquela mulher horrível.

- Ainda estamos falando de Marissa, a garota do restaurante do hotel, certo?

- Sim.

- Janine, eu nem sabia que ela estava lá, nem lembrava que havíamos ficado juntos até ela mencionar a camisola.

Ela suspira, olhando pela janela.

Pego sua mão novamente - Não a deixe chegar até você - Imploro suavemente - Ela não significa nada.

- Diga a ela isso.

- Eu vou – Asseguro-lhe.

Ela parece surpresa.

Trago a mão dela aos meus lábios - Você é minha esposa, Janine. Negócio ou não, não vou trair você. Nunca vou te humilhar assim.

Ela pisca para mim e inclina a cabeça suavemente para o lado - Mesmo?

Franzo a testa, ferido por sua falta de fé em mim. Eu vou ter que ganhar.

Saio da cadeira e ajoelho-me em frente.

Os olhos de Janine se arregalam - O que você está fazendo?

- Provando que você é tudo que eu quero. Levanto a bainha de sua saia, e escorrego por baixo, separando suas coxas.

- Dash – Sua voz treme com medo e emoção - Estamos na limusine agora.

- Ninguém vai nos ver - Digo a ela, beijando a frente de sua calcinha rosa.

Ela agarra meu braço - Mas o motorista vai nos ouvir.

- Ele é bem pago.

Francamente, eu não me importo.

Eu separo suas coxas mais, lambendo o algodão.

Ela agarra meu braço, mas desta vez, ela não está puxando, não pedindo para sair. Ela está apenas segurando.

Sorrindo, eu continuo lambendo, o algodão fica rapidamente úmido. Posso provar seu suco nas bordas de sua calcinha, doce e salgado. Provo ainda mais do seu sabor. Janine me agarra mais apertado.

Paro abruptamente, enganchando meus polegares no cós da calcinha. Ela me solta, levantando seus quadris para que eu possa puxar a peça de roupa, após descartá-la, volto para a minha tarefa, pressionando minha língua contra seu clitóris.

Ouço suas costas baterem no couro, seus dedos raspando meu ombro enquanto solta um suspiro.

Continuo passando a ponta da minha língua contra esse cerne, minhas mãos segurando suas coxas trêmulas. Então eu me movo para baixo, puxo seus quadris para frente para que eu possa traçar suas dobras molhadas com a minha língua antes de mergulhar entre eles, meu nariz enterrado em seus cachos, se afogando no cheiro de sabão, suor e seu sexo.

Um som entre um suspiro e gemido escapam de seus lábios.

Como eu gostaria de ver Janine agora, dando o seu melhor para não fazer um som, enquanto eu a devoro, mas esse desejo fica para outro momento. Movendo minha língua mais rápido e ignorando a pulsação do meu pau dentro da minha calça.

Ela agarra meu cabelo pelo tecido do vestido, seus joelhos tremendo.

Então seus quadris se empurram para frente, seus joelhos se levantam quando ela empurra minha cabeça para baixo, tremendo ao meu redor enquanto seu sexo chora, o cheiro dela mais intenso.

Eu fecho meus olhos para saboreá-lo enquanto ela fica imóvel. Então ela

relaxa, suas mãos deixando minha cabeça, suas coxas se abrindo, seus joelhos frouxos.

Abandono a tenda de sua saia, vendo-a ainda ofegante por ar através dos lábios entreabertos, suas bochechas coradas e seus olhos marejados.

A visão disso é o suficiente para enviar meu pau contra as camadas de algodão.

Eu o ignoro, respiro fundo e lambo meus lábios antes de ajudá-la a colocar a calcinha e voltar para o meu lugar.

- Convencida agora? - Pergunto a ela, endireitando meu casaco inclinando-me para trás – Juro que se você não estiver, farei isso novamente no avião.

- Eu estou - Janine responde rapidamente, segurando minha mão. Lentamente, os cantos de seus lábios se transformam em um sorriso. Finalmente.

- Bom - Eu entrelaço meus dedos nos dela, limpando o suor da minha testa com a outra mão, retornando seu sorriso.

* * *

- Eu vou estar lá - Janine fala em seu celular, enquanto nós encaminhamos para fora do aeroporto com a mesma rapidez com a qual chegamos. Não tenho certeza do que está acontecendo naquele telefonema, e ela me explica durante o trajeto - um vizinho parou para checar a mãe de Janine, e a encontrou desmaiada no chão do quarto. Imediatamente mudamos nosso curso para o hospital.

Não me importo com o desvio. Eu sei que a mãe de Janine é mais importante para ela do que qualquer outra pessoa. Sem ela, Janine nunca teria concordado com esse arranjo.

Posso sentir sua angústia por não ter estado lá para evitar que esse

incidente acontecesse. Eu só queria que ela diminuísse - Janine - Pego sua mão - Está tudo bem, tenho certeza que ela está bem.

- Ela não está - Responde-me sem diminuir o ritmo - Eu deveria estar lá, ela só tem meses para viver, semanas, e eu estava indo para algum lugar longe dela.

Não digo nada, sabendo que não tenho respostas certas para dar-lhe. Só posso esperar que a mãe dela esteja bem.

- Dash - A voz de Marissa flutua do lado posto da segurança que acabamos de passar. Eu tento ignorá-la, mas ela corre em minha direção, agarrando meu braço - Você tem que conhecer meu marido. Ele ouviu muito sobre você.

- Agora não, Marissa - Dou de ombros e continuo andando.

- Espera, aonde você está saindo? - Ela me segue, ela realmente pega meu casaco - Mas eu tenho algo para você - Ela respira.

Janine gira em torno de Marissa, totalmente diferente da Janine que eu já vi. A Janine eu conheço é doce, forte, mas também tímida. Esta Janine, que está concentrada em sua mãe e tentando dar o fora do aeroporto - é branca como ossos, com os olhos cheios de ira. Em suma, ela parece que poderia sufocar alguém sem problemas.

- Afaste-se, Barbie - Ela grita com Marissa.

- Você não pode deixar ela falar comigo assim - Marissa choraminga quando Janine e eu retomamos nosso ritmo.

- Agora não é a hora - Digo por cima do meu ombro - Minha esposa precisa ir ao hospital - Envolvo meu braço em torno de Janine e a levo em direção à saída do terminal.

- Dash - Marissa chama, desespero em sua voz. Eu continuo sem olhar para trás.

10

Janine

- Mamãe.

Corro para o quarto de hospital e paro ao lado da sua cama, meu coração batendo contra o peito como uma bomba-relógio.

Ela vira a cabeça em minha direção, sorrindo, aquele sorriso que conheço tão bem e, assim, sinto a bomba difundir-se.

Jogo meus braços ao redor dela – Oh, mamãe!

- Janine - Diz meu nome, com a mão no meu cabelo - Pensei que você estivesse em sua lua de mel.

- Nós estávamos prestes a sair - Confesso, não largando a sua mão, para pegar a cadeira para eu sentar-me - Mas como posso ir para minha lua de mel, depois de saber que você desmaiou?

- Oh, não é nada - Coloca a mão sobre a minha.

- Nada? - Olho assustada para o cotovelo enfaixado - Mãe, você desmaiou. E se, se...

- Olá, Dash - Minha mãe interrompe.

Olho para sobre o ombro, vendo Dash parado lá, com o casaco sobre o braço e a bolsa que deixei para trás em minha pressa.

- Oi, mãe - Ele cumprimenta, acenando para ela - Como você está se sentindo?

- Bem - Ela responde - Você não precisava vir aqui. Me desculpe, eu arruinei sua lua de mel.

- Mamãe - Digo estreitando os olhos para ela.

- Por favor, não diga isso - Dash se aproxima da cama - Nós podemos ir em outra ocasião.

Ele aperta meu ombro - Eu só vou tomar café. Você quer um?

- Não, agora não.

- OK - Ele coloca minha bolsa e seu casaco na poltrona vazia contra a parede - Vou deixar isso aqui.

- OK.

Ele sai da sala e eu volto para minha mãe, apertando sua mão.

- Mãe, isso não tem problema - Pego continuo a conversa onde paramos quando Dash entrou - Estou preocupada que esse tipo de coisa possa acontecer novamente.

- As pessoas caem o tempo todo.

Inacreditável - Você não caiu. Você perdeu a consciência - Você quase quebrou seu braço.

- É apenas uma entorse - Ela encolhe os ombros, olhando para o cotovelo enfaixado - Vai curar.

Faço uma careta - Bem, você teve sorte que foi apenas uma torção - Meus olhos enchem de lágrimas - Você é tão frágil agora. Nós duas sabemos que poderia ter sido pior.

- Janine.

- Você está muito doente - Deixo escapar, incapaz de me conter por mais tempo - Poderia ter sido muito pior, e não suporto ver você sofrendo mais do

que você já está.

Ela não diz nada.

A porta é, dando acesso a um homem com cerca de quarenta anos, usando óculos e um casaco branco, acompanhado de uma enfermeira trazendo uma cadeira de rodas.

- Olá - Ele vem em minha direção - Sou o Dr. Stevens, endocrinologista.

- Janine Davidson.

Eu levanto para cumprimentá-lo - Você é filha de Olivia?

- Sim - Respondo.

- Eu preciso levá-la para alguns testes - Diz o Dr. Steven.

- Testes? – Faço careta - Eu pensei que ela já tinha seu raio-X e outras coisas.

- Ela fez, mas dado sua condição, ela precisa de alguns outros - Diz ele, olhando para ela - Tenho certeza que você entende.

- Claro - Recuo.

Vejo a enfermeira cuidadosamente transferir minha mãe para a cadeira, levando-a embora. Dr. Stevens me dá um aceno com a cabeça e as segue para fora da sala.

Expirando, sento na poltrona, para logo levantar, lembrando-me da minha bolsa e do casaco de Dash, separo-os para ter mais espaço, quando vejo algo cair.

Uma foto.

Então eu lembro. De volta ao aeroporto, Marissa enfiou algo no bolso. Foi só por um segundo, e eu não tinha certeza se realmente havia isto. Eu não estava pensando claramente e estava com muita pressa para confirmar.

Confirmado.

Dobro meus joelhos e pego a foto. Há algo escrito na parte de trás em tinta azul.

“Dash, eu sou para sempre sua - Marissa”

Sim, muito confirmado.

Viro a foto, ignorando a voz na minha cabeça dizendo para não olhar.

Marissa usa calcinha e um grande casaco militar estampado pelo sobrenome Siegel, nada mais. Ela está soprando um beijo para a câmera. Dash deve ter sido o único a segurá-la.

Como ela ousa? Bem na minha frente?

Meu primeiro impulso é rasgar a imagem em pedaços, meus dedos já segurando seus lados.

Então eu respiro. Meus ombros relaxam, coloco-a na minha bolsa.

Destruir não vai dar em nada, e este não é o momento certo para questionar Dash. Esperarei o momento certo.

Mamãe costuma dizer-me para não jogar nada fora, no caso de eu precisar mais tarde - sorrio com a lembrança, ela é meio que uma colecionadora. Ainda existem caixas cheias de recibos, embrulhos usados, camisas velhas, brinquedos, velas, potes, flores prensadas, tudo que se possa imaginar.

O que farei com todas aquelas caixas quando ela se for?

Sento-me na poltrona, aperto minha boca em uma linha fina, enquanto tento não pensar nesse cenário.

Eu não posso, simplesmente não posso.

Eu poderia ter perdido ela desta vez.

E se a queda tivesse sido pior? E se ela estivesse fraca demais para ficar de pé e acabasse deitada ali sem ninguém para ajudá-la? E se for apenas o começo? E se piorar e ela estiver sozinha?

Balanço minha cabeça, empurrando essas imagens insuportáveis para o lado, mas não antes que elas pudessem causar lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

Eu deveria estar lá.

Um zumbido interrompe meus pensamentos.

Conforme o som continua, percebo que é o telefone do Dash. Ele deixou em outro bolso do casaco.

Eu deveria responder?

E se for a Marissa? Ou se é um telefonema importante?

Eu enxugo minhas lágrimas e me levanto, agarrando o casaco de Dash e minha bolsa. Vou procurar por Dash e contar a ele sobre a ligação. Não me importo quem o está chamando. Não é como se ele fosse meu verdadeiro marido, de qualquer maneira. Certo?

Depois de alguns minutos, vejo Dash sentado sozinho em um banco no terreno do hospital, com os cotovelos nos joelhos e a xícara de café em duas mãos. Sento-me ao seu lado.

Ele olha-me em silêncio por um instante - Janine. O que você está fazendo aqui?

- Alguém estava ligando para você. - Eu entrego-lhe o casaco.

Ele pega e verifica seu celular - Não é importante.

Ele coloca de volta no bolso do casaco - Como está sua mãe?

- Eles a levaram para alguns testes - Respondo, deixando escapar uma

respiração profunda quando coloco minha bolsa no meu colo - Estou feliz que ela esteja...viva.

- Eu sei - Dash coloca a mão na minha coxa.

- Ainda acho que poderia ter impedido que acontecesse no entanto, não quero mais vê-la se machucar.

Por um momento, Dash fica em silêncio, a mão ainda na minha coxa. Então ele lentamente retrai o braço, as duas mãos ao redor de sua xícara mais uma vez.

- Você sabe, eu estive pensando.

Eu olho para ele com expectativa, segurando as alças da minha bolsa - Sim?

Ele passa o dedo em volta da xícara - E se colocarmos sua mãe em uma instalação? Você sabe, uma daquelas instalações para pacientes terminais onde...

Levanto-me com a boca aberta, minha bolsa caindo do meu colo.

Dash coloca a xícara de café de lado e pega minha bolsa - É apenas uma sugestão, Janine. Você...

- Como pode sugerir uma coisa dessas? - Pergunto a ele, minha respiração saí entrecortada, meu peito fica apertado - Você honestamente acha que estar cercado de pessoas que estão morrendo e de estranhos é o melhor para ela?

Ele coloca minha bolsa no banco - É melhor do que ficar sozinha. Desta forma, se alguma coisa acontecer com ela, alguém sempre estará lá para cuidar dela e - Mas não o deixo terminar.

- Sou filha dela – Levo a mão em meu peito dolorido - Sou a única que vai cuidar dela.

- Mas você é uma contadora, não uma enfermeira - Aponta ficando em pé - E se você engravidar e tiver um bebê? Você será capaz de cuidar dela então?

Minha mão cai do meu peito, desvio o olhar para meus pés, minha mente incapaz de chegar a qualquer coisa para dizer.

- Além disso, nós dois sabemos que ela não quer que você a veja sofrendo. A faz sofrer mais.

- O que você sabe? - Levanto minhas mãos em exasperação - Ela não é sua mãe. Você não a ama. Você não a entende. Inferno, você mal a conhece- Sinto minhas lágrimas derramarem - minha frustração, minha dor. Levo as mãos aos quadris olhando para longe, tentando me acalmar - Você não a conhece.

- Eu não o faço - Admite, colocando as mãos nos meus ombros - Talvez seja esse o motivo que leva-me a pensar com clareza. Eu não estou enevoado de emoções.

Sacudo minha cabeça.

Ele abraça-me, descansando o queixo em meu ombro - Não sou o inimigo aqui, Janine. Estou apenas tentando ajudá-la a fazer o que é melhor para sua mãe.

- Por que você se importa tanto, hein? - Viro-me para ele, empurrando-o para longe.

- Porque você obviamente faz.

- Eu assinei seu contrato estúpido. Não importa o que aconteça com ela, você ainda receberá seu bebê.

Ele suspira - Janine - Interrompo-o mais uma vez.

- Você não tem direito a opinião sobre isso, Dash, *eu sou filha dela* - Aponto o dedo para o meu peito - E você - Digo cutucando seu peito - Você é apenas um estranho passando. - Com isso, pego minha bolsa e volto para dentro do hospital, enxugando minhas lágrimas.

* * *

- Não entendo o que levou Dash a dizer aquilo - Conto a minha mãe entre fungadas, quando ela retorna dos exames. Não pretendia contar-lhe sobre a briga. Planejava esconder minhas lágrimas, mas ela viu como eu estava chateada, e quando segurou minha mão, tudo desmoronou.

- Desculpa - Levanto minha cabeça, limpo minhas lágrimas com as costas da mão. Resolvo pegar um lenço para limpar a poça que causei na manga do seu suéter - Só não sei como ele não pode me entender.

- Oh, mas ele faz - Mamãe enxuga minha bochecha - E sabe de uma coisa? Mamãe indaga - Você também o entende. Você simplesmente não quer aceitar porque dói demais.

Pego outro lenço, assoando o nariz.

Por mais que eu odeie admitir, ela está certa, está sempre certa. Ela conhece-me tão bem.

Balanço a cabeça, enxugando outra lágrima - Não posso fazer isso - Machuca demais.

Admito ter pensado em colocá-la em uma instalação, mas, mesmo que pudesse pagar, não consigo suportar a ideia. Sinto que se eu a colocasse lá, tornaria as coisas mais reais. Ainda terei que encarar o fato de que em breve ela vai embora, talvez mais cedo do que esperava.

Eu não posso.

- Oh, querida - Mamãe pega minha mão, apertando-a - Você tem que ser forte. E ser forte nem sempre significa aguentar. Às vezes, significa deixar ir.

Mais lágrimas se derramam - Mamãe - Mas ela interrompe-me.

Acariciando meu cabelo - Lembro-me de quando você estava indo para a

faculdade, não queria deixá-la ir, não queria que saísse de casa. Você é minha única filha. Como eu poderia? - Mas eu tive que fazer, tive que deixar você ir, para que pudesse seguir em frente e se tornar a pessoa que estava destinada a ser. A pessoa incrível que é.

Eu sorrio entre as lágrimas - Mamãe.

Ela coloca a mão sobre a minha - Não estou partindo ainda, mas você tem que enfrentar o fato de que estou indo.

Eu sacudo minha cabeça - Por favor, não diga isso.

- Mas eu digo - Aperta minha mão, sua voz embargada - Como você disse, estou muito doente.

- Mamãe.

- É verdade - Diz apertando minha mão com mais força - Eu estou, e é verdade. Algo pior poderia ter acontecido comigo. Você mesma disse, odeio admitir isso, mas não sou tão forte quanto costumava ser. Preciso de alguém para cuidar de mim.

Eu enxugo minhas lágrimas - Eu cuidarei de você.

Ela sacode a cabeça - Você tem que cuidar de si mesma e do Dash - Acaricia meu cabelo - Eu posso não conhecê-lo bem, mas posso dizer que ele se importa com você. Ele é um bom homem. Estou feliz que você o tenha para cuidar de você. Assim, não estará sozinha.

As lágrimas continuam caindo.

- Gostaria que seu pai e eu estivéssemos lá no seu casamento.

- Oh mãe - Pego sua mão, pressionando-a na minha bochecha molhada - Mas você estava lá. Vocês dois estavam lá no meu coração, onde sempre estarão.

Ela me dá um sorriso fraco.

Dou-lhe um abraço, em seguida, descanso minha cabeça em seu peito

como a criança que costumava ser.

- Eu te amo, mamãe - Digo a ela.

- Eu também te amo, baby.

Por um momento, eu simplesmente fiquei deita lá, saboreando seu calor, ouvindo seu coração, sua batida lenta me acalmando. Então eu levanto minha cabeça e seco minhas lágrimas para sempre.

- Sentir-se melhor? - Mamãe pergunta.

Eu rio. Mesmo com sua condição, ela se preocupa comigo primeiro - Sim eu me sinto.

Ela segura minha mão - Agora, vá atrás do seu marido. Peça desculpas a ele, fale sobre seus medos. Um marido e mulher não devem deixar uma briga sem solução por muito tempo.

Dou-lhe um olhar confuso - Mas e você, mamãe?

- Sua prima, Nancy, estará aqui em breve, ela cuidará de mim.

Ainda acho que não deveria ir.

- Vá - Minha mãe insiste, colocando a mão no meu ombro - Volte aqui quando tudo estiver bem.

- OK - Aceno levantando-me.

Ela sorri - A vida é muito curta para mal-entendidos. - Devolvo o sorriso. Claro, ela está certa novamente.

Agarrando minha bolsa, vou procurar por Dash.

* * *

Paro em frente ao prédio de Dash, faço uma pausa para recuperar o

fôlego.

Tive que pegar o ônibus, todo o caminho de Woonsocket, depois de descobrir que ele tinha ido para casa e agora, aqui estou eu, em sua casa. Esta é realmente sua casa?

Nunca estive aqui, só sei o endereço, porque vi em alguns documentos. Ouvi Dash falar sobre isso, dizendo que sua mãe comprou para ele recentemente.

Olho para as altas portas de vidro bem no topo da escada acarpetada. Espero que este seja o lugar certo.

Endireitando-me, começo a subir as escadas, congelo quando vejo um reflexo de uma mulher loira no vidro. Viro-me, vendo Marissa parada do outro lado da rua.

Mesmo a vários metros de distância, posso dizer que é ela. Está usando o mesmo macacão preto que usava no aeroporto.

Agarro minha bolsa, minhas sobrancelhas franzidas quando a olho. O que está fazendo aqui? Ela não deveria estar em Tóquio com o marido?

Não me diga que está aqui para ver Dash. Bem, pretendo descobrir.

Atravesso a rua, indo em sua direção. Ela estaciona na calçada, baixando o celular finalmente notando minha presença. Seus olhos arregalam-se.

- O que você está fazendo aqui? - Pergunta, preocupação em sua voz.

Eu coloco a mão no quadril - Eu que deveria estar fazendo essa pergunta.

- Não é da sua conta - Começa a andar de novo, pressionando um botão no celular, segurando-o no ouvido.

Eu estreito minhas sobrancelhas para ela - Você está aqui para ver Dash?

Porque se você está - ela interrompe meus pensamentos.

- O que? - Indaga - Deixe-o em paz - Ela anda em minha direção - Você pode fazê-lo feliz. Ele definitivamente não parecia feliz quando entrou mais cedo.

Então ela sabe que Dash mora aqui. *Espere*. Ela viu Dash? - Isso não é da sua conta - Respondo-lhe, cruzando os braços sobre o peito - Você não deveria estar em Tóquio?

- Eu não podia simplesmente deixar Dash sozinho, depois de ver como ele estava chateado no aeroporto.

- Obrigada pela preocupação, mas eu vou cuidar dele. Afinal de contas, *eu sou esposa dele*.

Por um momento, ela apenas fica ali, parada, como se tentasse digerir minhas palavras, que parecem difíceis, com base na expressão de desalento em seu rosto, então, ela corre em direção a um Toyota vermelho, e vai embora.

Espero até que o carro esteja fora de vista, certificando-me de que ela se foi, então atravesse a rua. Envolvendo meu cachecol com mais força no pescoço, subo as escadas. O porteiro de uniforme preto e dourado cumprimenta-me com um sorriso.

- Boa noite, posso te ajudar senhorita?

- Sra. Siegel - Digo, surpresa com a forma como sai da minha língua - Sou a esposa de Dash Siegel.

- Esposa do Sr. Siegel? - O porteiro lança-me um olhar de desconfiança. Não posso culpá-lo. Ele nunca me viu antes.

- Sim. - Afirmo, mostrando-lhe a minha faixa dourada.

- Bonito anel - Diz ele, mas não se move - Melhor do que o da outra mulher, eu acho.

Que outra mulher?

Vasculho o conteúdo da minha bolsa, tentando encontrar alguma prova

de que sou a esposa de Dash. Lembro-me que ainda tenho os bilhetes de avião e mostro-os a ele.

- Veja, sou Janine Siegel.

- Oh, tudo bem - Acena com a cabeça, olhando os ingressos, em seguida os devolve - Acho que você é a verdadeira.

Verdadeira? Não entendo.

- É um prazer conhecê-la Sra. Siegel.

- Prazer - Aperto sua mão - Então, é Da... Sr. Siegel está em casa?

- Sim, acredito que o vi entrar mais cedo - Solto um suspiro de alívio - Por favor entre - Ele abre a porta de par em par.

- Obrigada - Entro, ajustando meu lenço.

No meio do saguão reluzente, paro com os olhos arregalados, um gigantesco lustre de cristal suspenso do teto alto, ao lado, há um imenso aquário. Do outro lado, uma lareira de pedra elétrica, acima da qual descansa uma pintura, que parece ter sido pintada por Monet, bem em frente, um grande tapete de lã. Há também alguns sacos de feijão e poltronas.

Agora, isso está muito longe do meu apartamento.

Mas chega de ser assombrada. Tenho um marido para ver.

Lembrando-me do número do apartamento de Dash, ainda nos documentos, vou ao elevador, encaminhando-o ao operador, uma mulher de cabelos escuros na casa dos vinte anos, usando um vestido cinza com enfeites dourados. Ela aperta o botão, sentando-se em seu banco de latão e couro, permaneço em silêncio atrás dela, olhando para os números do andar quando ultrapassamos, prendo a respiração.

E se o Dash não estiver em casa? Pior, e se ele não quiser me ver? Eu disse muitas coisas ruins para ele, afinal.

Mas já estou aqui, então é melhor dar uma chance, pelo menos, é o que digo ao sair do elevador, caminhando pelo corredor coberto por um carpete marrom, observo os candelabros de parede elegantes.

Em frente ao seu apartamento, puxo um fôlego, olho-me para me certificar de que pareço apresentável. Então eu toco a campainha.

Depois de alguns segundos, ouço alguém chegando à porta - Quem é? – Ouço a voz abafada de Dash.

Soltei o fôlego que segurava - É Janine.

Ouço uma pausa e, em seguida, o raio se apaga e a porta se abre, Dash em pé na porta da mesma camisa e calça jeans que ele estava usando antes, o casaco fora.

Vendo a tristeza em seus olhos, sinto um nó na garganta e agarro as alças da bolsa nervosamente.

- Dash.

- Entre - Ele se afasta, para que eu possa entrar no apartamento - Ou devo dizer bem-vinda em casa?

Bem, pelo menos ele não é louco.

Eu tiro meu lenço, colocando-o em uma mesa.

- Como está sua mãe? - Pergunta - Tem certeza de que não deveria ficar com ela?

- Eu vou voltar - Digo a ele, apertando minhas mãos no meu colo - Mas eu queria falar com você primeiro.

Ele se senta na cadeira Papasan, com os braços apoiados nos joelhos.

Respiro fundo - Você está certo, Dash. É melhor que minha mãe fique em uma instalação especial, sob os cuidados de profissionais que possam realmente

ajuda-la. Ela estará segura e esperançosamente, feliz.

Dash acena com a cabeça - Nós vamos ter certeza de escolher o melhor.

Eu olho para minhas mãos e esfrego meus dedos - Você estava certo o tempo todo. Eu só não queria admitir isso. Eu não quero deixá-la ir.

- Compreendo.

Olho para ele - Sinto muito por ter quebrado você, e por todas aquelas coisas que eu disse. Eu não fiz – Mas ele me corta.

- Shh - Ele corre até mim, ajoelhando-se na minha frente, pega minhas mãos nas suas - Você não precisa se arrepender de nada.

- Mas eu sim. Sinto-me mal - Toco sua bochecha - Você vai me perdoar?

- Claro - Dash leva minha mão aos lábios - Sempre - Sorrio, meu coração inchando de calor.

Tenho sorte de ter um marido tão maravilhoso.

Superado com alegria, seguro seu rosto, beijando-o. Dash imediatamente me beija de volta, colocando os braços em volta da minha cintura, puxando-me do sofá enquanto ele se levanta.

Enquanto sua boca conquista a minha mais e mais, dando-me pouco tempo para respirar, ele tira meu cardigã. Deixo-a cair no chão, antes de deslizar minhas mãos sob sua camisa, minhas palmas deslizando através dos músculos.

Ele tira a camisa em um gesto rápido, depois de um beijo particularmente longo, ele libera meus lábios, trancando-se na pele atrás da minha orelha. Não consigo conter um gemido, o gemido se intensifica quando ele beija meu pescoço e minha clavícula.

Minhas mãos deslizam pelas suas costas, enquanto ele se move para baixo, beijando meus seios através do meu vestido, em seguida, a curva da minha barriga. Em todos os lugares que seus lábios tocam, uma semente de calor é plantada, criando raízes e se espalhando como fogo pela minha pele. Ele se

move ainda mais baixo, minhas mãos descansando em seus ombros nus, ele caí de joelhos no carpete novamente, beijando meu sexo através das camadas de algodão, agora úmidas, ao mesmo tempo em que acaricia minhas coxas.

Agarrando a bainha do meu vestido, Dash puxa-o ao levantar-se. Suspendo meus braços, deixando-o puxá-lo sobre a minha cabeça.

Ele se senta no sofá, me puxando para seu colo. Coloco minhas mãos na parte de trás de sua cabeça, puxando seu cabelo enquanto nos beijamos. Suas mãos viajam pelas minhas costas, dedos correndo pela minha espinha, descendo, ele dá um aperto firme em meu traseiro. Suas mãos viajam de volta, parando para tirar meu sutiã.

Deixo as alças caírem pelos meus braços, meus seios, totalmente expostos. Coro quando ele os encara, minhas mãos caindo para seus ombros, então ofego quando ele as coloca em suas mãos, seus polegares esfregando meus mamilos.

- Lindos - Diz Dash, beijando cada seio com reverência - Eu já te disse o quanto amo seus seios?

Rio, balançando a cabeça – Não, esse assunto nunca surgiu em qualquer conversa.

- Bem, eu o faço - Ele beija o outro.

- Sim - Sussurro Lembro-me de você olhando para eles na noite em que nos conhecemos.

- Era tarde quando nos conhecemos - Ele lembra, beijando entre meus seios - E sim, eu estava olhando para eles.

Ele leva um seio para sua boca. Enterro minhas mãos em seu cabelo novamente, jogando minha cabeça para trás, perdida na sensação incrível que viaja até meus dedos, provocando uma mancha molhada na minha calcinha. Então ele toca esse ponto, acariciando-me através do tecido, em seguida, abaixo deles, fazendo meus joelhos tremerem quando eu puxo seu cabelo com mais força, gemidos saem dos meus lábios.

Meus sentidos lentamente escapam, meu corpo sai do controle. Não sei por quanto tempo mais posso aguentar o ataque de sua língua e seus dedos - Você está me deixando louca.

- Quer que eu pare? - Ele pergunta, sua boca contra meu outro seio.

- Não.

- Bom.

De repente, ele me vira, colocando-me em seu colo, com minhas costas contra seu peito. Ele beija meu pescoço, uma das mãos no meu seio, a outra volta para minha calcinha, os dedos escorregam dentro de mim, acariciando-me.

Meu corpo reage imediatamente, minhas costas arqueiam, meu corpo treme enquanto minhas mãos tentam se agarrar no sofá atrás de mim - Merda.

Eu não sei porque, mas essa nova posição é mais intensa. Eu não posso tocá-lo e me sinto a sua mercê.

É aterrorizante. E emocionante.

Viro minha cabeça para poder beijá-lo, ele captura minha boca, sua língua enredada na minha, enquanto ele continua acariciando meu mamilo e dedilhar meu sexo. Continuo tremendo, incapaz de parar agora, meus gemidos abafados por seus beijos.

Dash move seus dedos mais rápido, arrebento-me como uma corda, arranco minha boca da sua, para que possa abrir em um grito silencioso, enquanto minhas costas se arqueiam ainda mais, contra o peito dele, meus quadris balançam, meus dedos ondulando.

Devastada, deito-me contra ele, sem fôlego, descansando minha cabeça em seu ombro.

- O que é que foi isso? - Pergunto baixinho, com as mãos frouxas ao meu lado.

- Paixão - Dash responde, beijando meu ouvido.

De repente, tomo consciência da protuberância em minha bunda. Senti isso mais cedo, mas estava muito envolvida nos espasmos da minha própria paixão para prestar atenção. Alcanço seu pênis, envolvendo meus dedos em seu redor.

Dash suspira.

Saio do seu colo e caio de joelhos, abrindo o botão da calça e puxando o zíper. Alcanço sua cueca, liberando seu pênis dos limites.

- Puta merda - A maldição derrama entre meus lábios - Sempre foi tão grande assim?

Dash ri - Acho que sim, embora sempre pareça um pouco maior quando você está por perto.

Eu traço cada veia com o polegar, da base até a ponta, fascinada, e então paro, olhando para a ponta inchada.

Aproximo-me, separando meus lábios, passo a língua pelo ponta. É salgado e doce. Um gosto novo, mas não desagradável.

Dash agarra meu ombro, sua mão tremendo - Você não precisa fazer isso.

- Mas eu quero - Dou outra lambida na ponta, lentamente, envolvo meus lábios ao redor da cabeça.

Ambas as mãos de Dash estão em meus ombros agora, o aperto quase machucando. Sua cabeça está jogada para trás, seus olhos meio fechados, seu corpo tremendo.

A visão é suficiente para fazer minha calcinha molhar novamente.

Quero continuar, mas de repente, Dash me empurra - Fiz algo de errado? - Pergunto a ele, preocupada.

- Não - Ele sacode a cabeça, saindo do sofá para tirar as calças - Mas eu prefero ter outra parte de você em minha volta.

Ele me beija, com as mãos no meu cabelo, e me empurra para o tapete, arrancando minha calcinha para fora do caminho, antes de se estabelecer entre as minhas pernas.

- Janine - Sussurra meu nome quando penetra-me.

Fecho meus olhos, meus dedos tentando agarrar o tapete ao meu lado.

Posso sentir cada impulso enviando calor pelas minhas veias. Ele se move mais rápido, indo bem fundo. Eu sinto o carpete roçando minhas costas nuas, mas não me importo. Tudo o que importa é o seu pau esfregando contra as paredes mais profundas e secretas dentro de mim.

Seus lábios desabam sobre os meus, prendendo-me quando dá um impulso profundo, seu pênis pulsando derramando-se em meu interior, ao mesmo tempo em que meu corpo explode, o prazer causando pequenas explosões em minha pele. Suspiro em sua boca, aperto seus braços com mãos tremulas.

Finalmente, ele solta minha boca, permitindo nossas respirações estabilizarem. Levantando-se, Dash oferece-me a mão para que eu possa sair do tapete.

Consigo me levantar, tempo suficiente para desmoronar no sofá, ainda ofegando.

- isso foi incrível - Digo a ele - Eu vou ter tapete queimando por dias.

- Sim, olhe para os meus joelhos - Dash concorda com uma risada suave, sentando ao meu lado. Seus joelhos estavam cor-de-rosa brilhante e rachada ao lado do tapete.

Eu coloco minha mão na dele - Sinto muito por não podermos ir na lua de mel.

Ele balança a cabeça, olhando-me - Por favor, pare de se desculpar. Você não tem nada para se desculpar. Além disso, podemos ter nossa lua de mel bem aqui neste apartamento.

Ele se inclina para beijar-me na bochecha.

Um sorriso se forma em meus lábios - Eu gosto do som disso.

11

Dash

- Eu não gosto disso - Diz Billy batendo o punho na mesa.

Ele está rabugento desde o encontro com Walter, advogado do nosso pai. Meu irmão deixou claro que não queria estar aqui. Então, não o vi sorrir desde que cheguei em casa, talvez seja agora. Billy está quieto, silencioso em sua poltrona até agora – Billy - Minha o mãe adverte de seu assento, dando-lhe um olhar severo enquanto se inclina para frente.

- Está tudo bem, mãe - Digo a ela - Deixe-o falar.

- Isto é inacreditável - Billy prossegue - Por que eu concordaria em deixar Dash, ter sua herança depois de estar longe e ignorar essa família por tanto tempo?

- Porque ele é seu irmão - Nossa mãe ressalta - E ele não estava exatamente vagando por aí, nos ignorando. Ele estava servindo o país, salvando vidas.

- E daí? - Pergunta - Você está orgulhosa dele agora? - Billy passa a mão pelos cabelos - Você disse que ele partiu seu coração! – Fala apontando o dedo em minha direção - Ele arruinou um plano de cinco anos inteiro, baseado no fato de que *ele* seria o CEO da nossa empresa. Eu não ficaria surpreso, se ele fosse uma das razões que levou o coração de papai a ceder.

- Billy - Mamãe repreende.

Ele sacode a cabeça, levantando-se da cadeira em direção a janela- E os desejos do papai, hein? Não são mais importantes para você agora que está morto?

- Este foi o desejo do seu pai - Mamãe lembra, sentando-se antes de virar para Walter - Leia o adendo novamente, Walter.

Walter limpa a garganta e lê em voz alta - Se ele voltar para casa vivo, e tiver uma família legal para sustentar no momento de minha morte, ou dentro de três anos, ele terá sua herança.

Billy continua a sacudir a cabeça enquanto coloca as mãos nos quadris.

- Exatamente. Então, por que estamos dando dinheiro ao Dash? - Ele vira as costas contra a janela - Por que estamos transferindo um terço da fortuna de papai para Dash, quando ele não tem família?

- Dash tem uma esposa - Mamãe rebate, virando o corpo para Billy - Você saberia disso, se tivesse comparecido ao casamento.

- E não acha isso suspeito? - Billy se aproxima dela, estendendo um braço - Não acha suspeito que logo após o testamento do papai ter sido lido, junto com aquele fodido adendo, Dash, de repente, teve uma noiva?

- Janine e eu, temos mantido um relacionamento de longa distância há anos - Explico, quebrando meu silêncio - Desde que me juntei aos fuzileiros navais, na verdade.

- E o que? - Billy se vira para me encarar, as mãos para trás em seus quadris - Você de repente, decidiu se casar com ela depois de ouvir o testamento de papai?

- Eu estava planejando propor a ela. - Minto.

- No entanto, você agiu de forma tão devastada quando a vontade de papai foi lida - Ele caminha em minha direção, colocando as mãos s braços da minha cadeira - Eles te ensinaram a ser um ator na Marinha também?

- Oh, vamos lá, Billy - Diz a mamãe - Você não está sugerindo que o casamento do seu irmão é uma farsa!

- Isso é exatamente o que estou sugerindo - Ele endireita-se, concertando

sua gravata.

- O que? - Mamãe lhe dá um olhar perplexo enquanto levanta a mão - Você acha que Dash acabou de escolher alguém da rua e pagou para ela ser sua esposa?

Olho para longe, franzindo meus lábios.

- Porque se você disser, eu não vou acreditar - minha mãe acrescenta - Você deveria ter conhecido Janine. Ela é uma ótima mulher, não o tipo que você está pensando.

- Eu não me importo quem ela é - Diz Billy - Não confio em nenhuma mulher que abre as pernas para - Não o deixo terminar.

- Cuidado - Levanto-me - Você está falando da minha esposa.

Billy bufa, colocando as mãos nos bolsos – Bem, vamos dizer que ela é realmente sua esposa, e que seu casamento é real.

- É real. - Mamãe diz.

Billy a ignora - O adendo afirma que você precisa ter uma família - Ele caminha para frente, diante de mim - Uma esposa não é uma família, é? - Ele sorri - Ou você já colocou um bebê nela?

Aperto meus punhos.

- Dash, pare - Minha mãe fica entre Billy e eu, nos afastando - Billy, é o suficiente. Vocês são irmãos e homens crescidos. Não é assim que irmãos ou homens adultos se comportam.

Billy bufa, mas vai embora. Eu me sento.

- A herança de Dash, não está sendo transferida para ele sem condições - Diz Walter, colocando um pedaço de papel sobre a mesa de café - Ele receberá sua herança, mas não poderá liquidá-la até ter um filho. E se ele não tiver um, dentro de dois anos, vai perdê-lo.

- Eu ainda não compro essa - Diz meu irmão, enquanto inclina-se contra a parede - Não estou concordando com isso.

- Você não precisa - Minha mãe diz a ele, tomando seu lugar - Você está aqui, nesta reunião, porque esse assunto diz respeito à família. Família diz respeito a você. Mas esta, não é uma reunião de acionistas. Nós não estamos mantendo uma votação, ou precisando de sua assinatura. Você está apenas sendo informado.

O lampejo de aborrecimento nos olhos de Billy se transforma em raiva - Então você está me dizendo, que eu poderia perder um terço da minha herança? Pergunta - É isso que você está me dizendo?

Minha mãe concorda - Basicamente.

- Besteira - Ele bate o punho contra a parede.

- Billy! - Mamãe repreende.

- Todo mundo relaxa - Aconselho, esticando minhas mãos para os dois.

Mas os olhos de Billy estão cheios de ódio - Seja como for - Ele atravessa a sala, pegando sua pasta antes de ir para a porta - Eu não vou ficar perdendo mais do meu tempo com essa porra de bobagem.

- Billy! - Minha mãe chama, mas ela a ignora, indo embora.

Mamãe suspira, lançando um olhar de desculpas em minha direção - Ele tem sido assim desde que assumiu a empresa.

Levanto uma sobrancelha. *Ele tem?* - Vou falar com ele.

Ela caminha em direção à porta, passando na minha frente, eu agarro seu braço, parando-a.

- Tudo bem, mãe - Digo a ela - Eu vou falar com ele - Por um momento, ela hesita e então acena com a cabeça.

Solto o braço dela e corro para fora do quarto, alcanço Billy no jardim, onde está sentado em um banco debaixo da árvore, o rosto enterrado em ambas as mãos.

Mais uma vez, meu coração vai para o meu irmão mais novo.

Pobre Billy. Ele tem estado tão infeliz todo esse tempo, em que tem atacado todos ao seu redor?

- Hey Digo baixinho quando me aproximo.

Ele olha para cima e imediatamente, os cantos de seus lábios se fecham em uma carranca - O que você quer?

- Eu só quero conversar - Digo a ele, colocando minhas mãos nos bolsos.

Ele se levanta, olhos estreitando-me - Não há nada para conversar. Você já conseguiu o que queria, não conseguiu? - Olha nos meus olhos - Ou você queria esfregar na minha cara?

Ele começa a se afastar, então eu pego seu braço.

- Eu sei que você deve me odiar – Assobio - Mas não sou seu inimigo, nunca estive contra você.

- Mesmo? - Ele arranca o braço do meu alcance e se vira - Mas você queria sair e brincar de guerra, não é?

- Eu não brinquei nada.

- Essa foi sua decisão, Dash. Foi tudo sua decisão - Ele grita - É por isso, que você é tão abençoado, você sempre fez tudo o que queria.

Coço minha têmpora - Eu disse a você, que não deveria assumir a empresa.

- Eu não tive escolha - Ele coloca a mão no peito - Nossos pais já estavam tão chateados com você saindo. Como eu poderia aborrecê-los mais? - Eu me

calo, olhando para longe, enquanto deixo minha mão cair ao meu lado - Você sabia que uma noite depois que partiu, vi o papai chorando em seu escritório?

A revelação faz meus olhos se arregalarem involuntariamente.

- Eu nunca tinha visto ele chorar antes, mas ele estava - Continua Billy, olhando para a palma da mão - E não havia nada que eu pudesse fazer.

Seus olhos suavizaram, seu lábio inferior tremendo.

Olhando para ele, percebo pela primeira vez, como minha partida realmente o afetou, e um nó se forma na minha garganta, minhas mãos se fechando em punhos.

- Billy.

Ele olha para os pés, os ombros estremecendo - Você foi embora para encontrar a si mesmo, mas o que não sabia, era que todos nós nos perdíamos quando você nos deixava para trás.

Meu peito fica apertado. Estendo a mão para tocar seu ombro, mas ele recua. Coloco a mão de volta no bolso - Sinto muito, Billy.

Ele sacode a cabeça - Você arruinou minha vida. Desculpe não há mais como conserta isso.

* * *

- Sinto muito sobre Billy - Janine diz, sentando-se ao meu lado no sofá, uma xícara de café na mão.

Não digo nada, já tendo contado a ela sobre a discussão com Billy que aconteceu na mansão. Não contei a ela sobre a reunião com o advogado, é claro, nem sobre a transferência. Ela não precisa se preocupar com essas coisas.

Descanso a cabeça na parte de trás do sofá, olhando para o teto imaculado de marfim.

Tudo o que eu queria era encontrar um propósito, sentir uma razão de viver. Não queria ser um herói ou qualquer coisa, e definitivamente, não era minha intenção ser o filho pródigo.

Corro a mão pelo meu cabelo, bagunçando-o. Como diabos tudo isso aconteceu?

- Se pudesse voltar no tempo, eu o faria - Digo a Janine - Não teria saído. Não me juntaria aos fuzileiros. Eu ficaria, faria o que meu pai quisesse, mesmo que fosse apenas para que Billy pudesse ser feliz. Pelo menos um de nós teria sido.

Suspiro, inclinando-me para frente, cotovelos em cada joelho, apertando minhas mãos - Agora, é tarde demais.

Janine coloca a mão no meu braço - Nunca é tarde demais - Olho para ela.

Posso não ter um irmão, mas eu sei o quanto Billy significa para você – Diz, enquanto olha para o meu braço, o polegar se movendo contra a minha pele - Se você realmente quer ajudá-lo, você ainda pode. Não há como recuperar o tempo perdido, mas pode ajudar as pessoas perdidas a encontrar o caminho, desde que ainda haja tempo. E você tem isso. Você tem tempo.

Lentamente, ela levanta a cabeça, nossos olhos se encontrando. Ao olhar nos olhos cor de âmbar, vejo a tristeza neles, mas também a compreensão, a esperança. Ela me dá um sorriso fraco.

Eu seguro a mão dela, apertando-a.

Naquele momento, o telefone no balcão da cozinha toca.

Eu solto sua mão e vou atende-lo - Olá - Aperto o telefone no meu ouvido – Dash - É minha mãe - Você está bem?

- Sim – Inclino-me no balcão - Por quê?

- Bem, você saiu sem se despedir, assim como seu irmão.

Eu franzo a testa, deslizando a mão dentro do bolso - Desculpa.

- Eu não tive a chance de lhe dizer uma coisa.

- O que?

- Eu quero que você venha para a festa da empresa nesta sexta-feira - Ela diz.

Pisco, minhas mãos ainda no bolso. *Uma festa da empresa?*

- É o novo lançamento, um sistema de segurança da empresa para iates - Explica - Os executivos da empresa estarão lá. Outros empresários também vão estar lá. Políticos, repórteres. Você deveria estar lá. Afinal, você possui um terço da empresa agora.

- Ainda não - A lembro, batendo na borda do balcão.

- Você vai - Ela insiste - Além do mais, esta é uma boa chance, para você deixar o mundo saber que está em casa, e apresentar sua linda esposa.

Olho para Janine que deixou o sofá, tomando um gole de sua xícara de café, apoiando-se na parede a poucos metros, me observando.

- Você não quer saber o que está acontecendo com a empresa da família? - Minha mãe pergunta -Esta é a oportunidade perfeita.

Não respondo, coçando minha testa. Estou curioso para saber mais sobre a empresa, especialmente, considerando meus planos de negócios. Só não tenho certeza, se isso está certo. E se Billy ficar ainda mais bravo comigo?

Então, novamente, não acho que seja possível. Ele já despreza-me além da conta. Apesar disso, não acho que vá confrontar-me na frente da mídia e de um monte de gente importante. Ele não fará uma cena.

Janine se aproxima, provavelmente sentindo minha confusão.

Olhando-a, lembro de suas palavras.

Ela está certa. Não posso consertar passado, mas ainda posso fazer algo sobre o que está por vir. Estive ausente por 12 anos, não mais. É hora de fazer sentir a minha presença.

- Dash?

Respiro fundo - Tudo bem, mãe.

- Mesmo?

Posso sentir o alívio e excitação em sua voz. Posso imaginá-la saindo do sofá, sorrindo.

Eu me endireito - Sim, nós estaremos lá.

- Bom. Vejo-te lá então.

A linha se apaga e eu coloco o telefone de volta no gancho, respiro profundamente.

Janine está ao meu lado, tocando meu braço - Você está bem?

Aceno com a cabeça confirmando.

- Era sua mãe?

- Era. Ela quer que a gente vá a uma festa da empresa nesta sexta-feira.

- E - As sobrancelhas de Janine se levantam. Eu toco sua bochecha.

- Eu disse sim.

12

Janine

É o meu pesadelo do dia do casamento, mais uma vez.

Enquanto sento no banco de trás da limusine, meus dedos mexendo nervosamente com o pingente do meu colar, olho pela janela, não posso deixar de pensar que seja outro erro.

O casamento, pode ter sido um erro necessário, mas este não é. Eu poderia facilmente ter inventado uma desculpa e ficado em casa. *Deveria ter feito*. Desta vez, não serão apenas amigos da mãe de Dash. Existem executivos de empresas, senadores, jornalistas. Ah, e as esposas dos executivos da empresa com seus olhares minuciosos. E se eu cometer um erro na frente de todos eles?

- Ei - Dash alcança minha mão.

Olho para ele, sua bochecha apoiada em seu punho, e como antes, minha respiração é roubada pelo quão incrível ele parece em seu terno caro, que faz seus ombros parecerem mais largos, a combinação de teclas de piano, de um preto profundo, e o branco imaculado Um cinza azulado de seus olhos aparece. Seu cabelo foi cuidadosamente penteado e domado por uma camada lisa de gel, seu queixo bem barbeado, sua gravata borboleta perfeitamente no lugar.

Eu só sei que ele vai causar burburinhos hoje à noite. Infelizmente, isso não é uma boa notícia para mim.

- Eu realmente prefiro estar em casa - Digo a ele, entrelaçando meus dedos com os dele.

-E privar todo mundo de vê-la nesse vestido sensacional?

Seu olhar varre meu vestido verde-esmeralda, começando de seu decote alto até a faixa brilhante em torno de sua cintura, e abaixo da fenda da saia esvoaçante. Seus olhos descansam no meu decote, meus seios espreitando. Prontos para escapar das restrições.

Não foi minha escolha, mas a mãe de Dash insistiu que eu o usasse, e, desde que ela comprou para mim, eu não pude recusar.

Dash franze a testa, tocando o lado de sua têmpora - Com um segundo pensamento, talvez não seja uma má ideia não ter outras pessoas olhando para você.

Passo a mão sobre a frente do vestido, de repente consciente - Eles estarão olhando para você, não para mim.

- Ah sim - Ele coloca a mão no joelho - Dash Siegel. A volta do filho pródigo.

- E herói de guerra - Acrescento.

Ele zomba - Eu não sou um herói para essas pessoas.

- Mas você é para mim - Deixo escapar.

Dash sorri, pegando minha mão novamente - Você realmente sabe o que dizer, não sabe? - Sorrio para ele, que acrescenta - Você é meu novo melhor amigo.

Paro com essas palavras. É isso que somos agora? Melhores amigos? Com benefícios, eu acho, já que passamos muito tempo juntos na cama nessas últimas semanas. E na sala de estar. E na cozinha.

A memória particular de Dash batendo em mim por trás enquanto eu estou inclinada sobre o balcão da cozinha me faz corar e eu olho para longe.

- Talvez eu saiba o que dizer para você, mas não para mim - Olho pela janela, para um arranha-céu, suas janelas iluminadas até o topo - Estou com medo.

- Você não tem que estar.

Olho para as nossas mãos ainda entrelaçadas, encarando-o em seguida - Nós realmente temos que fazer isso?

- Acho que vai ajudar a tornar tudo mais crível - Diz Dash, esfregando minha mão - O que é bom, porque Billy já está duvidando disso.

Claro. Isso tudo ainda é apenas um ato.

- Não se preocupe - Ele aperta minha mão - Tenho certeza de que tudo ficará bem. Quem sabe? Você pode até se divertir.

* * *

Diversão.

Paro no topo da escada acarpetada, para olhar o salão de baile, meu coração bate forte no meu peito.

O salão já está cheio, sua projeção, é uma espécie de ilha. Palmeiras em vasos espalhadas por toda parte, uma fonte de água dourada com pedrinhas no meio da sala, e tapeçarias projetadas como velas penduradas na parede. O teto, sustenta belos candelabros de cristal. Há mulheres em vestidos de grife e jóias cintilantes, os homens, em ternos como o que Dash está usando, embora nenhum deles possa carregá-lo como ele pode. Posso ver alguns deles posando para uma câmera, o flash se apagando.

Não. Esta não é minha ideia de diversão.

Ainda assim, não há como voltar atrás, então respiro fundo, agarro o braço de Dash um pouco mais forte, enquanto descemos as escadas para o abismo.

Sua mãe nos encontra no fundo, em um deslumbrante vestido azul royal sem alças, com grandes diamantes ao redor do pescoço.

- Tão feliz que você pôde vir Dash - Diz ela, agarrando seus ombros, dando-lhe um beijo na bochecha.

Ele sorri - Obrigado pelo convite.

- E você, minha querida - Sra. Siegel encara-me, olhos brilhando com aprovação - Eu sabia que esse vestido ficaria divino em você.

- Obrigada - Digo a ela.

- Agora, venha comigo - Ela pega o outro braço de Dash - Há algumas pessoas que quero te apresentar.

A Sra. Siegel, apresenta Dash a um convidado após o outro, orgulho estampado em cada movimento, sua voz pesada de excitação. Dash, por sua vez, me apresenta as mesmas respostas - gentis palavras do convidado masculino e sobrancelhas erguidas e nariz arrebitado da mulher em seu braço. Eu simplesmente sorrio.

Depois de um tempo, canso-me de sorrir, porém, continuo de pé, fingindo estar interessada em pessoas que não conheço ou conversas que eu realmente não sigo - é a mesma coisa que aconteceu em nossa recepção de casamento, exceto, aquela época, Dash e eu podíamos nos desculpar. Desta vez, não podemos.

Bem, ele não pode.

Desculpo-me, indo à mesa de refrescos para uma taça de champanhe, localizo uma espreguiçadeira vazia de vime. Eu me deitaria sobre ela se pudesse.

- Você está bem, querida - Pergunta Sra. Siegel, sentando-se ao meu lado - Você parece um pouco pálida.

- Estou bem - Asseguro - Só precisava de uma pausa.

- Eu sei - Ela toma um gole de sua própria taça de champanhe - Eu estava ficando entediada. Mas então, ouvi tudo que eles disseram antes e Dash não. Olhe para ele, está tão interessado, e eles o amam.

Ela está certa. Enquanto olho para Dash, que atualmente fala com o senador e com o empresário, posso dizer que ele está se agarrando a cada palavra deles, os olhos estreitados e focados neles. E os homens com quem ele fala, estão sorrindo, seus corpos relaxados.

Começo a pensar que este é o mundo que realmente pertence a Dash.

Sra. Siegel segura meu pulso - Você deve apoiar Dash em tudo isso, é claro. Os homens daqui podem não pensar muito em você, mas lembre-se, é o trabalho da rainha proteger o rei.

Suporte Dash? Protegê-lo de todas essas pessoas? Não tenho certeza se tenho forças para tudo isso.

Ainda assim, aceno, dando a minha falsa sogra um sorriso - Farei o meu melhor.

- Bom - Ela levanta o copo para o meu - Para as rainhas.

- As rainhas.

Nossas taças tinem e eu tomo um gole. Quase engasgo, porém, quando vejo Marissa parada a poucos metros de distância, em um vestido vermelho, olhando ao redor do salão de baile para Dash.

Por que a mera visão dela quase me sufoca até a morte?

Vendo Dash com o senador, ela franze a testa, provavelmente achando que não pode afastá-lo. Então seus olhos encontram os meus e ela sorri, caminhando em minha direção com um movimento dramático de seus quadris.

- Olá - Cumprimenta com um sorriso ainda falso - Pensei em ver você aqui - Ela me olha da cabeça aos pés - Belo vestido.

- Obrigada - Digo a ela, retornando seu sorriso falso bebendo meu champanhe - O seu também é fantástico.

É lindo. Eu gosto especialmente dos detalhes dourados na parte inferior

do vestido. É muito revelador, porém, a linha do pescoço é larga e profunda até a cintura. Provavelmente, esse foi o efeito que ela queria.

- Acho que você deveria ter retirado o colar, no entanto - Marissa acrescenta, apontando para minha garganta - Isso realmente não vai bem com o vestido.

- Eu concordo - A Sra. Siegel fala - É muito pequeno.

Expiro. A última coisa que preciso, é ela concordando com algo que Marissa diz.

- Bem, este colar foi dado a mim pelos meus pais - Digo, esfregando o pingente - Quase nunca o tiro.

- Mesmo? - As sobrancelhas aparadas de Marissa sobem.

- Eu não acho que nos conhecemos - Diz a Sra. Siegel, olhando Marissa – Você é?

Está ficando pior a cada segundo.

- Marissa Reynolds - Ela se inclina para apertar a mão da Sra. Siegel - Meu marido é Leon Reynolds. Ele é corretor de ações. Ele é dono de um iate.

- Oh - A mãe de Dash claramente nunca ouviu falar dele - Anna Siegel.

- Mãe do Dash? - O queixo de Marissa cai, mas sua mão não larga a da Sra. Siegel.

Olho para longe e revirando os olhos, tendo o suficiente de ser forçada a olhar para os peitos dela, que eu tenho certeza que são tão falsos quanto o resto.

- Sim - A Sra. Siegel se levanta - Você é amiga de meu filho?

Ótimo. Ótimo.

- Você pode dizer isso - Marissa responde - Embora nós fôssemos mais que amigos uma vez. Nós saímos por alguns anos.

Alguns anos? Minhas sobrancelhas sobem. Eu pensei que Dash disse algumas semanas.

- Mesmo? - As sobrancelhas da Sra. Siegel se enrugam - Eu pensei que ele estava com Janine o tempo todo que ele estava na ativa.

Marissa franze a testa - Ele disse isso?

- Houve um tempo em que Dash e eu terminamos - Digo, de pé entre elas - Mas foi só por pouco tempo.

- Oh - Diz a mãe de Dash.

Bebo meu champanhe - Pensamos que poderíamos viver sem o outro, mas não podemos. Não poderíamos estar felizes com mais ninguém.

Eu juro que Marissa apenas rosnou.

Sorrio vitoriosamente para ela, tomando outro gole do meu champanhe para celebrar minha pequena vitória.

- Desculpe-me - Diz Marissa, indo embora. Está certo.

Na metade do caminho, ela gira quando Dash fica disponível e em sua direção.

Merda.

Em segundos, ela se lança sobre ele, envolvendo os braços ao redor do seu pescoço, pressionando os seios contra seu peito. Rindo como se ele fosse tão hilário.

Minha mandíbula aperta, meus dedos apertando a haste da minha taça com tanta força, que corre o risco de se quebrar.

- Eles ainda são amigos? - Sra. Siegel pergunta ao meu lado, confusão em sua voz.

- Com licença - Digo, saindo do seu lado.

Paro na mesa de refrescos, para mais duas taças de champanhe, depois, vou até onde Dash e Marissa estão.

- Você parece estar se divertindo - Entrego o outro copo para Dash.

- Estava me perguntando onde você estava - Diz Dash, deslizando facilmente das garras de Marissa, para pegar a taça de champanhe dos meus dedos.

- Nós estávamos falando sobre você - Diz Marissa, seus olhos se estreitaram. - Ela nem está escondendo todo aquele ódio poderoso em seu rosto.

Sua grosseria é francamente incrível.

- Vocês dois parecem tão felizes e perfeitos juntos - Acrescenta ela, com um pouco de desdém - É quase bom demais para ser verdade.

Engulo, mas continuo com meu sorriso, colocando meu braço ao redor de Dash - Concordo completamente.

Marissa coloca as mãos juntas - Como vocês se conheceram de novo? Você nunca me contou - Ela sacode a cabeça devagar - Parece que você veio do nada.

- Nós nos conhecemos na faculdade, antes de me juntar aos fuzileiros navais - Diz Dash, puxando o braço para longe, colocando-o ao meu redor - Mantivemos contato desde então.

- Mesmo quando estávamos juntos? - Marissa pergunta.

- Sim - Dash responde.

- Mentiroso - Marissa acusa, as veias em sua testa se tornando proeminentes - Você não teve nenhum contato com nenhuma outra mulher então. Eu sei. Eu verifiquei seu telefone o tempo todo.

- Como eu disse, Dash e eu fizemos uma pausa do nosso relacionamento - Digo, colocando meu braço ao redor da sua cintura. Dash e eu podemos ser

mentirosos, mas fazemos um ótimo time - Nós voltamos. De qualquer forma, isso não importa. Estamos casados agora.

Eu olho para Dash, dando-lhe um sorriso doce.

Estou prestes a beijá-lo também, mas de repente, meu estômago se sente enjoado.

Eu entrego meu copo para ele - Acho que preciso ir ao banheiro.

Sem esperar por uma resposta, eu atravesso a multidão.

Posso sentir alguns pares de olhos em minha direção, mas os ignoro, indo direto para o banheiro. Não significa que eles não me incomodem. Eu odeio ser vista assim, talvez tanto quanto eu odeio deixar Dash sozinho com Marissa.

E quando estava ficando bom também.

Eu ando mais rápido, o mais rápido que posso em meu vestido e salto alto, aliviada quando encontro o banheiro aparece em minha linha de visão.

O que está acontecendo comigo? Eu bebi muito rápido? É algo que eu comi antes de sairmos do apartamento?

Eu não sei. Tudo o que sei, no momento em que estou dentro do banheiro feminino, corro para o cubículo vazio mais próximo, arremesso a porta atrás de mim e vomito no vaso sanitário.

13

Dash

Janine está vomitando de novo.

Poderia dizer que ela se sentiu mal mais cedo quando saiu do banheiro depois de um tempo, o rosto pálido e os olhos marejados. Eu pensei que era apenas a bebida, no entanto, ou talvez tenha comido alguma coisa estragada. Calculei que estava bem, mas obviamente, não está.

- Você quer que eu chame um médico? - Pergunto a ela, enquanto seguro seu cabelo, mantendo-o fora de seu rosto.

- Não. Estou bem.

Ela libera o banheiro, em seguida, vai para a pia, gorgolejando – Ei - Pego a mão dela.

- Tudo está bem.

- Tudo está bem? - Ela puxa a mão.

- Acabei de ir a uma festa, cheia de estranhos pomposos, em um vestido que eu não escolhi, tive que colocar um sorriso falso para um bando de pessoas falsas, vi sua ex, enrolada ao seu redor, e então tive que correr para o banheiro, para jogar claro, todos ao meu redor ouvindo e um pouco terminando no meu cabelo e no meu vestido.

- Shh - A puxo para os meus braços - Está bem.

Ela me empurra para longe - Eu não queria ir. Eu não deveria ter ido. Eu sabia que algo assim aconteceria. Olhe para mim, eu sou uma bagunça.

Eu sacudo minha cabeça - Você é linda. Venha aqui.

Tento puxá-la para meus braços novamente, mas ela recua, levantando as mãos - Desculpe, mas eu cheiro. Eu gostaria de tomar um banho agora.

Eu levanto minhas mãos também - Compreendo.

Saio do banheiro. Do lado de fora da porta, porém, incapaz de deixar Janine sozinha. Como posso quando ela está sofrendo, batendo-se por nada?

Eu tenho que encontrar uma maneira de fazê-la se sentir melhor. Mas como? De repente, uma ideia surge.

Volto para dentro do banheiro, tiro meus sapatos e a gravata. Eu o jogo no topo da pilha de roupas de Janine na cadeira. Ela já está no chuveiro, a água escorrendo pelo seu corpo nu, e quando ela me vê, sua boca fica boquiaberta.

- O que você está fazendo aqui? - Pergunta, as mãos cobrindo seus seios.

- Juntando-me a você. - Eu tiro a roupa, deixando-as no tapete do banheiro. Então abro a porta de correr.

- Eu preciso de um banho também.

- Agora? - Janine pergunta, ainda intrigada.

- Por que não? - Piso no box, fico ao lado dela.

Vejo seus olhos se lançarem para a minha virilha, mas imediatamente desvia o olhar. Eu guardo, meus lábios para segurar uma risada.

- Vamos - Tiro seus braços que cobriam os seios - Não é como se eu não tivesse visto eles antes.

O rubor nas bochechas dela se aprofunda.

Ela fica de costas para mim. Eu coloco minhas mãos em seus ombros.

- Relaxe, é só um banho.

Massageio seus ombros, olhando suas costas, como essas gotas de água

escorrem por sua espinha e desaparecem na fenda de seu traseiro, algumas passando por cima dos montes firmes da carne e fluindo pela parte de trás de suas coxas.

Até agora, eu nunca percebi o quão sexy era o traseiro dela, a visão disso fazendo meu pau se mexer para a vida.

Uma vez que ela está relaxada, me aproximo dela, minhas mãos deslizando por seus braços. Planto um beijo carinhoso em seu ombro, outro beijo mais apaixonado no pescoço.

Janine se recosta contra mim - Pensei que isso era um banho.

- É - Sussurro em seu ouvido - Veja como eu estou lavando você.

Deixo minhas mãos deslizarem pelos seus braços, e descansar em seus quadris. Então traço a curva suave de sua barriga para cima até minhas mãos roçarem o fundo de seus seios.

Ela suspira.

Seguro seus seios, que se encaixam perfeitamente nas minhas mãos. Ela joga a cabeça para trás.

Agarro seu queixo, beijando-a enquanto a água cai em nossos rostos, em seguida, deixe-a no lugar para que eu possa acariciar seus dois seios, beliscando seus mamilos suavemente. Ela agarra meus quadris, estremecendo.

Enquanto nossas línguas tocavam-se, minha mão livre vaga, mergulhando entre suas pernas. Encontro a protuberância entre seus cachos encharcados, dando boas-vindas ao gemido que escapa de seus lábios em resposta.

Janine começa a tremer em meus braços, seus joelhos ficam irregulares, quando avanço com meu dedo, encontro-a molhada. Deslizo meu dedo e ela arranca seu rosto do meu, ofegando. A beijo no pescoço, deslizando outro dedo para acariciá-la lentamente.

Por um momento, Janine permanece congelada, apoiada em minha força,

seu corpo tremendo contra o meu enquanto a água escorria por sua pele. Então vira-se.

Ela envolve seus braços em volta do meu pescoço, beijando-me.

Aperto seus quadris e a empurro contra a parede, prendendo-a, moendo minha ereção entre suas pernas. Ela geme, seus dedos envolvem meu pau, acariciando-o.

A deixo brincar, embora estremeço em necessidade, aperto sua bunda e beijo-a com força, deixando meus gemidos derramarem em sua boca. Quando não aguento mais o prazer, meu corpo como uma mola que foi esticada além da medida, empurro sua mão, envolvendo seu braço em minha volta.

- Segure firme - Digo-lhe.

No momento em que ela obedece, levanto suas pernas, envolvendo-as em volta da minha cintura, enquanto me bainho dentro dela.

Janine solta um grito suave, agarrando-se a mim, unhas arranhando minha pele.

Minhas mãos segurando firmemente sua bunda, começo a mover meus quadris, entrando e saindo do seu corpo. Ela me agarra com mais força.

- Não se preocupe - Sussurro em seu ouvido - Eu não vou deixar você cair.

Capturo sua boca antes de começar a me mover mais rápido, acelerando meus quadris o mais rápido que pude. Não é fácil, e eu posso sentir a tensão nos meus músculos, o suor crescendo na minha pele, apesar do banho, mas vale a pena tê-la enrolando-me com tanta força. Vale a pena ser enterrado tão fundo em seu delicioso calor.

Além disso, quero que ela sinta tudo de mim. De repente, ela quebra o beijo - Dash!

Quando Janine chora meu nome e se agarra ao meu pescoço, jogando a cabeça para trás, seus olhos se fecham, sinto seu sexo apertando-me,

ordenhando-me. Administro mais alguns golpes, antes de capturar sua boca novamente, prendendo-a contra os azulejos molhados, e segurando sua bunda enquanto gozo dentro dela.

Depois disso, baixo-a, minhas pernas ainda tremendo levemente. Ela mantém os braços em volta do meu pescoço, porém, descansando a cabeça contra o meu peito arfando.

Eu coloco meus braços ao redor dela também - Se sentindo melhor?

Janine acena com a cabeça e olha para mim com um sorriso - Acho que precisamos começar o banho de novo, no entanto.

14

Janine

Este é um novo começo para Dash.

Enquanto o observo do canto da sala, apertando a mão dos acionistas da Security da Siegel Inc., que o estão parabenizando por ser o novo CEO, meu peito se enche de orgulho, um nó se forma na minha garganta.

Ainda não consigo acreditar que Dash é o novo CEO da empresa.

Ele mencionou que herdara ações da empresa de seu pai, mas eu não achava que ele iria assumir, especialmente não apenas algumas semanas depois da festa da empresa. Suponho que é normal, no entanto, agora que seu pai se foi e ele não está mais na ativa. Mas isso era esperado?

Meu olhar se dirige a Billy, que também está recebendo apertos de mão e tapinhas nas costas dos acionistas da sala, com um sorriso no rosto pela primeira vez.

Este é um novo começo para ele também. Agora pode, finalmente, voltar para a faculdade de medicina, e ser o médico que sempre quis ser.

Cruzo meus braços sobre o peito, encostada na parede. Acho que nunca é tarde demais, afinal.

- Discurso! Discurso! - Alguns dos acionistas começam a cantar para Dash.

Billy acabou de terminar seu discurso, então suponho que agora é a vez de Dash.

Ele vai para a frente da sala de reuniões, com um sorriso, colocando os ombros para trás, já parecendo o executivo em seu terno escuro, combinando

com a calça, a camisa em um azul de um céu sem nuvens e gravata azul-marinho.

- Eu não sou muito bom com discursos - Diz ele, enquanto desliza as mãos nos bolsos do terno - Considero-me mais um homem de ação do que um homem de palavras.

- Bom para você, filho - Elogia um dos acionistas mais antigos.

- Só quero aproveitar esta oportunidade para agradecer ao Billy, pelo que fez até agora - Ele estica o braço para Billy - Ele é o verdadeiro herói, tendo trazido esta empresa para onde está hoje, ajudando a melhorar inúmeras vidas.

A sala irrompe em aplausos.

- E eu quero agradecer a todos pelo seu apoio - Continua Dash, deslocando seu peso na outra perna - E espero que continuem apoiando-me, enquanto trabalho para tornar a empresa de meu pai ainda mais bem-sucedida. Estou bem ciente de que não é uma tarefa fácil. Lutar em uma guerra pode muito bem ter sido mais fácil.

Alguns acionistas riem.

- Mas farei o meu melhor para não decepcionar ninguém. Não deixarei homem algum para trás.

Mais uma vez, a sala irrompe em aplausos. Eu levanto minhas mãos, batendo palmas também.

- Ah, e mais uma coisa - Dash arranha o canto da boca - Eu gostaria de agradecer e apresentar a todos, a minha esposa, Janine Siegel.

Eu seguro minha respiração.

- Venha cá, Janine - Dash estica o braço em minha direção. Relutantemente, vou para a frente, torcendo as mãos, ciente de que todos os olhos focados em mim.

- Eu posso administrar a empresa, mas ela é a chefe em casa, então tenho que me certificar de que agradeço a ela corretamente, ou posso conseguir um

jantar queimado - Dash brinca.

Riso enche o ambiente.

- Muito engraçado - Digo Dash, posicionando-me ao seu lado.

Ele coloca o braço em minha volta, olhando para a dirigir-se à multidão - Sem minha esposa, eu não estaria onde estou hoje.

A multidão aplaude novamente, desta vez, para mim.

Eu tento não corar, sorrindo nervosamente.

- Você quer dizer alguma coisa? - Dash me pergunta.

Eu aperto minhas mãos juntas, olhando para Billy - Eu só desejo a Billy a melhor das sortes e – Faço uma pausa voltando para os acionistas - Espero que vocês entendam, se meu marido não realizar reuniões tarde da noite, é porque ele provavelmente está segurando-as comigo.

Eles riem.

Dash esfrega meu braço e sussurra no meu ouvido - Você está fazendo o papel da esposa do CEO perfeitamente já.

Parece que tenho outra parte a desempenhar.

- Oh, ele não sussurrou nada importante - Digo as pessoas que ainda estão olhando para nós, acenando com a mão com desdém – Somente - Eu paro, de repente sentindo falta de ar. Eu agarro o braço de Dash, balançando quando uma onda de tontura e náusea me toma.

- Janine? - Dash me dá um olhar preocupado.

Eu olho para longe, minha mão deslizando pelo seu braço enquanto eu caio de joelhos, segurando meu estômago enquanto eu vomito no tapete.

- Janine!

* * *

- Estou bem, Dash - Digo a ele no banco de trás do carro minutos depois, a náusea já acabou - Você não tem que me levar para o hospital.

- Mas eu vou - Diz ele, abraçando-me - Não pense que não notei que você tem acordado no meio da noite para vomitar.

Eu pisco, olhos arregalados. Ele percebeu? - Isso só aconteceu duas vezes - Digo a ele, olhando pela janela.

- E aquela vez em que você vomitou na festa da empresa, hmm? – Indaga - Isso faz três vezes em uma semana.

Balanço a cabeça, enterrando o rosto em minhas mãos - Não posso acreditar que eu fiz uma bagunça novamente.

- Não importa - Diz pegando minha mão - O que vale é a sua saúde. Eu quero ter certeza de que você está bem.

- Bem - Sento de volta.

A verdade é que tenho curiosidade sobre o que está acontecendo com o meu corpo também. Estou pensando que é apenas estresse, mas e se for algo mais? E se eu tiver alguma doença rara? Ou se eu tiver câncer como a minha mãe? Não é só o vômito, afinal. Eu também me sinto mais cansada que o normal e meus seios parecem inchados.

Eu afasto o pensamento, interiormente balançando a cabeça. Tenho certeza que não é nada sério.

Por favor, deixe ser nada sério.

* * *

- Isso é sério - Diz a dra. Janet Liu, enquanto olha para os papéis em sua

mesa, os resultados dos meus testes da última hora.

Prendo a respiração, agarrando a mão de Dash que está na minha coxa mais apertada.

O que? O que há de errado comigo?

- Seriamente incrível - Diz Liu enquanto coloca as mãos em cima dos papéis, sorrindo.

Minhas sobrancelhas sulcam. O que?

- Parabéns! Está grávida, senhora Siegel - Anuncia com um sorriso mais largo - Você e seu marido estão esperando um bebê.

Ambas minhas mãos passam pela minha boca enquanto eu suspiro.

- Você está falando sério? - Dash faz a pergunta que eu tenho pensado.

- Sim, eu estou - A Dra. Liu entrega os papéis em sua mesa - Sua esposa está perto de cinco semanas de gravidez.

Cinco semanas?

Dash passa pelos papéis, os olhos arregalados em descrença.

- Esta é uma notícia incrível - Então ele vira-se para mim, me abraçando - Você ouviu isso? Estamos tendo um bebê!

Eu apenas aceno, minhas cordas vocais não estão funcionando ainda, provavelmente porque meu coração está dando cambalhotas no peito, que se transformou em um balão de alegria, minhas veias estão zumbindo de excitação.

Eu estou esperando um bebê.

- Isso naturalmente explica por que você anda enjoada e cansada - Diz Liu, sentando-se em sua cadeira - Você está passando por enjôos matinais, eu sinto muito em lhe contar, mas você pode experimentar por mais algumas semanas.

- Está tudo bem - Digo, finalmente conseguindo falar.

Eu não me importo. De fato, neste momento, nada mais importa além do bebê que está crescendo em meu ventre. Não é o meu casamento falso, ou o fato de eu ser agora a esposa de um CEO. Eu não estou nem preocupada com a minha mãe agora. Eu não posso experimentar nada além desse oceano de alegria.

Posso ter embarcado nessa estrada para a minha mãe, mas agora que estou grávida, percebo que é o que estou querendo. É tudo que eu sempre quis.

Mamãe estava certa. Ninguém consegue completar sua vida como uma criança.

Eu coloco minha mão sobre minha barriga, lágrimas de pura alegria derramando dos meus olhos.

Eu vou ser mãe.

15

Dash

Pai.

Eu paro depois de sair do carro no Congressional Country Club, tendo um vislumbre de um pai e seu filho jogando golfe à distância.

Eu vou ser pai.

Estou muito feliz, claro. Isso é o que Janine e eu queríamos, o que garantiria minha herança e faria a mãe de Janine feliz. É por isso que concordamos em assinar um contrato em primeiro lugar. Mas ainda não consigo acreditar que a engravidei tão cedo e sem fertilização *in vitro*, apenas pelos mesmos velhos e agradáveis meios de fazer filhos.

Parece quase um milagre.

Indo para dentro com a minha pasta de laptop de couro na mão, meus sapatos rangendo suavemente pelo chão de madeira reluzente, penso no bebê na barriga de Janine. Será um menino que eu vou jogar beisebol e empinar, ou uma menina que eu vou carregar nos meus ombros e dançar?

Uma menina. De repente, o rosto de Sara vem à mente, sorrindo, olhos cheios de esperança.

Eu franzo a testa, passando a mão pelo meu cabelo.

Não. Meu bebê não compartilhará o mesmo destino que o de Sara. De fato, farei o melhor possível para que nenhuma criança acabe com o mesmo destino.

Esse é o motivo de estar aqui hoje.

Do lado de fora da entrada em arco de um dos salões, paro, certificando-me de que minha gravata está no lugar e passando a mão pela frente do meu terno. Então, depois de respirar fundo, prossigo para dentro, indo para a mesa no canto onde vejo o senador Cartwright, um homem de cinquenta anos, de cabelos calvos e grisalhos e barba, e Benny, um dos mais antigos acionistas da empresa.

- Dash – Benny, cumprimenta quando me vê.

- Benny - Aperto sua mão, antes de me virar para o outro homem - Senador.

Ele simplesmente balança a cabeça, abaixando o jornal.

Puxo uma cadeira, coloco minha pasta ao lado e me sento, desabotoando meu casaco.

- Obrigado a ambos por concordarem em me conhecer. Tenho certeza de que vocês dois são homens muito ocupados.

- Bem, você me pareceu um homem promissor na festa - Diz o senador Cartwright, enquanto se senta, coçando o queixo - E meu velho amigo Benny aqui, me disse que você é o novo CEO da SBSI.

- Eu sou - Concordo.

- Além do mais, eu tenho um fraquinho por fuzileiros navais, especialmente heróis de guerra. - Acrescenta.

- É exatamente por esse motivo, queria falar com você.

Pego dois conjuntos de documentos, entrego um para o senador e o outro para Benny.

- Eu sei que o SBSI é especializado em sistemas de segurança para edifícios e veículos, mas eu queria saber se poderíamos expandir, para incluir tecnologia defensiva, que o pessoal militar poderia usar para se proteger durante a batalha.

- Mas eles já têm armadura - Diz Benny, passando pelo documento.

- Sim. Mas a armadura é proteção, não defesa - Indico, sentando na minha cadeira – Soldados, precisam de mais do que armadura para se proteger, e para proteger aqueles que devem ser protegidos.

- Eu concordo completamente - O senador Cartwright coloca o documento na mesa.

- Você está sugerindo que nós incorporemos armas em armaduras? - Benny pergunta, o documento ainda em seu colo.

- Sim - Digo a ele, batendo meus dedos no braço da cadeira - E, falando em armas, acho que devemos nos expandir neste campo também. Nós temos a ciência. Nós temos engenheiros. Nós temos alguns dos materiais - Inclino-me para frente - Como dizem, “a ofensa é a melhor defesa”.

- Não posso dizer que você não está pensando no caminho certo - Diz Benny, empurrando os óculos no nariz - Mas este é um grande empreendimento.

- Por isso que preciso do seu apoio - Digo a ele, virando-me em sua direção - Preciso de você para me ajudar a obter o apoio dos outros.

Benny toca o queixo - Mesmo se aprovarmos, onde conseguiremos os fundos para essas grandes expansões?

Volto-me para o senador, colocando uma das minhas mãos sobre a mesa, bem em cima do documento - Eu gostaria de pedir sua ajuda para financiar essa empreitada. Essas ideias, o sistema de defesa pessoal e as armas, beneficiarão enormemente nossos soldados. Na verdade, pretendo tornar os militares nosso maior cliente.

- Eu entendo - O senador Cartwright acaricia sua barba - Mas você tem que entregar protótipos se quiser financiamento. Se você conseguir, garanto que terá meu apoio.

- Obrigado, senador - Eu concordo - é tudo o que peço. - Eu me sento,

endireitando as bordas do meu casaco.

- Então você quer abrir uma instalação de pesquisa e desenvolvimento para essas ideias? - Benny pergunta, apoiando o cotovelo na perna cruzada.

- Sim - Confirmo, colocando minhas mãos juntas na cintura - É isso que eu gostaria de fazer.

- Vamos precisar de investidores - Diz Benny.

Estico meus dedos - Eu tenho alguns amigos que podem estar interessados.

O senador Cartwright ri - Parece que você já tem tudo planejado. Eu estava certo em mostrar interesse em você.

- Obrigado, senador - Coloco minhas mãos entrelaçadas na mesa - Pelo contrário, ainda tenho muito a descobrir, mas espero que sim, e que esses planos realmente se concretizem.

- Eu vou apoiá-lo - Diz Benny, colocando seu documento sobre a mesa também - Tenho vontade de ver algumas mudanças importantes na empresa.

- Você tem? - Levanto minhas sobrancelhas em descrença.

- Seu pai não era um grande fã de mudança - Lembra ele, cruzando os braços sobre o peito - Ele gostava de novos produtos sim, e novas tecnologias, mas não gostava muito de expansões, aquisições ou parcerias. Também não gostava de correr grandes riscos ou envolver muitas pessoas.

Aceno, coçando meu queixo - Eu lembro disso.

- Billy era como ele - Acrescenta Benny - Mas estou feliz por você ser diferente. Tenho a sensação de que o SBSI, está e finalmente entrando no futuro. E tenho a sensação de que os outros pensarão da mesma maneira.

Sorrio - Obrigado. Você não sabe o quanto essas palavras significam para mim.

- Você é muito corajoso, filho - O senador Cartwright se senta - Bem, então, novamente, você é um soldado.

- Obrigado, senhor.

Ele coloca as mãos nos braços da cadeira e se levanta - Bem, Benny, agora que estamos passando por aqui, que tal essa rodada de golfe?

- Certo - Benny também se levanta - Eu convido você, Dash, mas temo que o senador e eu tenhamos uma aposta privada de longa data.

- Sem problemas - Me levanto, colocando as mãos no bolso - Aprecio o tempo de você, além disso, tenho outras coisas para fazer.

O senador me dá um tapinha no ombro - Cuidar - Benny simplesmente aperta o outro sem uma palavra.

Vejo-os sair. Em seguida, peço uma xícara de café, antes de pegar meu laptop e colocá-lo na minha frente. É um salão tão agradável e silencioso que eu poderia fazer algum trabalho aqui antes de voltar para o escritório.

Enquanto espero meu café e meu laptop, observo a em volta da sala, sem ter tido a chance de fazer isso antes. É uma sala magnífica, as barras de madeira, do outro lado do teto, banhadas pelo brilho dourado dos candelabros redondos, dando-lhe um toque de aconchego e elegância. Algum dia, quero ter uma cabine com o mesmo ambiente, uma casa.

Casa.

Eu me pergunto se Janine, decidiu se quer ou não se mudar para a mansão ainda, como minha mãe sugeriu.

- Seu café, senhor.

O garçom coloca minha xícara de café ao lado do meu laptop, virando o disco da maneira certa, antes de colocar a colher de chá ao lado, seguido pelo pote de condimentos, e o minúsculo jarro de leite bem ao lado.

- Obrigado - Digo a ele.

Inclino-me para frente, para preparar meu café e, desta vez, meus pensamentos se voltam para meu pai. Tenho certeza de que ele esteve neste exato salão antes, talvez nesta cadeira, tomando uma xícara de café igual a esta. Quase posso imaginá-lo, sentado do outro lado da sala, lendo o jornal em uma manhã preguiçosa.

Assim como não posso acreditar que vou ter um filho, ainda não consigo acreditar que já estou no lugar do meu pai.

Espero poder deixá-lo orgulhoso.

Mexo meu café sem leite, tomo um gole, só para ter certeza de que coloquei açúcar suficiente, coloco de volta no pires, para que eu pudesse começar a trabalhar, mergulhando na verificação de meus e-mails, lendo documentos para a próxima hora.

Quando termino, desligo o meu laptop. Enquanto estou guardando, vejo um rosto familiar entrar na sala.

- Dash – Marissa, começa a correr em minha direção, os saltos batendo no chão de madeira e os braços estendidos.

Franzo a testa. Ela está me perseguindo? Não pode ser uma coincidência que, ultimamente, ela tenha estado em quase todo lugar que vou.

- Deixe-me adivinhar - Fecho a tampa do meu laptop - Seu marido é um membro deste clube também.

Ela me ignora.

- Estou tão surpresa de ver você aqui - Ela abraça-me, sentando na cadeira ao meu lado - E você está sozinho também, o que é perfeito.

- Na verdade, eu estava conhecendo algumas pessoas para negócios – Digo, alisando a frente do meu casaco.

- Eu ouvi que você é o CEO agora. Estou tão orgulhosa de você. - Ela aperta minha bochecha levemente.

Coloco meu laptop dentro do gabinete - Eu estou prestes a sair.

- Já? - Ela faz beicinho, parecendo prestes a chorar - Mas eu acabei de chegar.

- Você não está com seu marido? - Pergunto a ela, fechando o estojo do laptop.

- Ele está jogando tênis - Marissa informa, colocando uma mão contra sua bochecha - Não gosto de tênis. Você sabe que eu não gosto de ficar suada, a menos que realmente valha a pena.

Ela toca meu braço e eu o puxo para longe, colocando meu laptop dentro da pasta.

- Como está Janine? - Pergunta, apoiando-se no braço da cadeira - Ainda doente? A pobre garota. Ela deve ser alérgica a multidões ou talvez a pessoas ricas.

- Janine não está doente, está grávida - Digo a ela, colocando minha pasta no colo para fechá-la.

A cor escoa do rosto de Marissa – Não - Olho para ela com as sobrancelhas franzidas, mas ela corrige-se - Quero dizer parabéns - Diz rapidamente, seu sorriso de volta – Uau, isso foi rápido.

Ela se senta, acariciando as pontas dos cabelos. Então, bate no meu ombro, me dando um sorriso travesso.

- Dash, você ainda é uma fera.

Eu franzo a testa novamente, levantando-me com a pasta na mão. Marissa agarra meu pulso – De quanto ela está?

- Seis semanas - Respondo.

- Entendo - Ela toca o queixo - Então a gravidez dela ainda deve ser muito delicada.

- Ela está em perfeita saúde – informo - Quero dizer, além da doença da manhã, que vai passar.

- Ela está? - Olhando-me com os olhos arregalados - Quero dizer, é bom que ela não esteja passando por complicações, como muitas mulheres fazem. Ainda assim, ela precisa cuidar bem de si mesma. Está sozinha no apartamento? Eu provavelmente poderia ajudar a ficar de olho nela. Tenho certeza de que precisa de uma amiga, agora mais do que nunca.

- Obrigado, mas não é necessário - Empurro a cadeira de volta para debaixo da mesa.

Sem mencionar que Marissa é a última pessoa com quem Janine gostaria de ser amiga.

Ela se levanta - Mas não é bom para ela ficar sozinha.

- Ela não ficará sozinha por muito mais tempo - Eu bato meus dedos nas costas da cadeira – Minha mãe nos pediu para morar na mansão.

- Oh, que sorte.

- Tchau, Marissa - Deslizo minha mão no bolso e começo a andar.

Surpreendentemente, ela não chama, afundando em sua cadeira.

Talvez agora que Marissa saiba que Janine está grávida, ela finalmente voltará a si e desistirá de suas investidas.

16

Janine

- Eu desisto, mãe - Levanto minhas mãos em rendição - Não sei o que é esse filme.

Estamos jogando um pequeno jogo de 'Guess the Picture', com filmes relacionados à gravidez ou músicas com a palavra 'baby' no título.

- É Grease - Diz minha mãe, colocando o quadro branco sobre a mesa - Veja como desenhei a barraca de dança, o cinema drive-in e os shakes?

Pego o quadro branco, entendendo agora - Você poderia ter apenas desenhado cabelo e um carro - Ela se senta - Teria sido muito fácil.

Abaixo a prancha, apagando as fotos - E como Grease é um filme sobre gravidez exatamente? - Indago -Tanto quanto me lembro, é tudo sobre crianças do ensino médio com tesão.

- E o que acontece com as crianças do ensino médio com tesão, hein? - Mamãe pega um pistache da tigela entre nós, colocando na boca.

Faço careta - Ninguém ficou grávida, no entanto.

- Rizzo pensou que ela estava - Responde minha mãe jogando a casca de pistache em outra tigela.

Eu toco meu queixo, lembrando - Mas ela não estava

- Mas ela achou que sim.

Suspiro - Bem. Você ganhou - Ela sorri.

Enquanto como um pistache, olho para ela do outro lado da mesa,

tentando fingir não ter notado seus olhos parecendo ter aumentado, ou como suas bochechas parecem ter perdido ainda mais cor.

Bem, pelo menos, ela está bem cuidada aqui, a sala é espaçosa e pacífica, o tapete colorido e a cama de flores frescas do lado de fora da janela. A equipe é simpática também. Todos eles parecem profissionais e cada um deles tem sorrisos em seus rostos.

- Como está o seu apetite? - Minha mãe pergunta, pegando outro pistache - Algum desejo?

- Não por comida - Digo a ela, levantando-me em direção à janela - Eu só quero dormir o tempo todo.

- Bem, você precisa do seu descanso. Confie em mim, uma vez que você é mãe, você não terá uma boa noite de sono de novo, realmente. Você acha que, uma vez que seu bebê não precisa se alimentar no meio da noite, você pode finalmente dormir um pouco, mas não. Você precisa se preocupar com ele pelo resto da vida.

Olho para ela, escovando alguns fios de cabelo que foram soprados pela brisa em meu rosto - Não me assuste mãe.

Ela levanta as mãos - Não estou te assustando. Estou apenas preparando você.

Vou até ela sorrindo, enquanto coloco as mãos em seus ombros - Eu sei que você está, mas acredite em mim, você me preparou para isso, só por ser uma boa mãe.

- Não me faça chorar - Ela coloca a mão sobre a minha - Bem, você viu a boa mãe, mas não viu a mãe sem dormir, a mãe quase insana, a mãe que mal conseguia tomar banho, a mãe que - Mas a interrompo.

- Mãe, eu entendi a foto - Vou até a cama, sentando na borda, inclinando-me para trás em meus braços - Estou bem ciente de que ser mãe vai ser difícil.

Ela vira a cadeira de rodas de frente para mim - Nem sequer pode

descrevê-lo.

- Eu sei - Me sento- Mas vou ficar bem. Você me ensinou a ser forte, valorizar cada momento, apegar-se ao que é bom, olhar pelo lado positivo, encontrar a felicidade nas pequenas coisas - Pego sua mão, quando ela para na minha frente - Eu vou ficar bem, mãe.

Ela aperta minha mão, sorrindo - Eu sei.

Aceno, retornando seu sorriso.

Não vou pensar quando ela tiver ido embora, não vai mais estar por perto. Apreciarei este momento, um raro momento entre mães, e tirarei toda a força e alegria que puder.

E eu posso dizer que pelo seu sorriso triste, seus ombros eretos, aquele nó em movimento em garganta, que eu não sou a única.

- Você ainda está passando por enjoos matinais? - Pergunta.

- Mais como doença da meia-noite - Inclino para trás - Mas sim, de vez em quando.

Ela coloca as mãos no colo - Vai continuar até o segundo trimestre.

- Sim – Concordo - Isso é o que a médica disse.

- Mas quando você chegar lá, as coisas vão começar a melhorar, até mesmo maravilhosas.

- Bem, eu me sinto maravilhosa agora - Olho para minha barriga, passando a mão por ela.

Ainda parece a mesma, claro. É difícil acreditar que estou grávida, uma pessoa totalmente nova crescendo em meu interior. Mas eu posso sentir isso. Eu posso sentir a maravilha, a alegria.

Quando levanto o rosto, vejo minha mãe olhando também para minha barriga, posiciono-me ao seu lado. Levantando minha blusa, pego sua mão e a

coloco contra a minha pele, deixando-a lá.

Sua palma macia pressiona minha barriga, e quando ela move a mão para acariciar meu ventre, olhando para ela, os cantos de seus lábios se voltando para mostrar outro sorriso triste.

- Você diz isso agora, mas espere até que suas roupas não caibam - Diz ela, afastando a mão - E confie em mim, eles não vão caber.

- Eu sei mamãe. Você está tentando me assustar, não é? - Puxo minha blusa para baixo, rindo - Eu vou comprar roupas de gestante hoje à tarde.

* * *

Hmm. Esta blusa de gestante parece legal.

Pego a blusa rodada com as mangas curtas, e roupas íntimas, olho para elas por um segundo e depois as jogo no carrinho.

Comprar roupas de gestante é mais fácil do que comprar qualquer outro tipo de roupa, provavelmente porque há opções relativamente limitadas - a seção de gestante da loja de departamentos, tem apenas metade do tamanho do banheiro - é para que você não precisa se preocupar com o tamanho. Ou estilo. Quando você está grávida, tudo o que importa é estar confortável. Tudo mais pode ir para o inferno.

Enquanto eu empurro meu carrinho, meus olhos vasculham as prateleiras, pego blusas e vestidos, automaticamente jogando-as em meu carrinho. E é por isso que eu não percebo que alguém está na minha frente, até que eu quase esbarre nela.

- Whoa - Diz ela, com a mão no meu carrinho.

Rapidamente paro, girando a cabeça, embora eu me arrependa de fazê-lo quando percebo que a mulher na minha frente é Marissa.

Ela é como um daqueles anúncios, que surgem para arruinar o clima

sempre que estou me divertindo.

- Hey - Saúdo, colocando alguns fios de cabelo atrás da orelha - O que você está fazendo aqui, Marissa?

Sério, o que ela está fazendo aqui na seção de gestante? Não me diga que ela está grávida também, embora isso, possa ajudar a convencê-la a desistir de Dash.

- Oh, eu estava apenas comprando alguns sapatos novos - Diz levantando o par de saltos vermelhos na mão - Eles não são incríveis?

- Totalmente - Respondo sem muita demora quando olho para eles.

Deixe-me adivinhar. Vermelho é sua cor favorita.

Isso me lembra do Toyota vermelho que ela estava dirigindo uma vez, quando a abordei do outro lado do apartamento de Dash. *O que ela estava fazendo lá?*

Eu estreito meus olhos - Você acha?

- Oh, mas você não pode mais usar saltos, pode? - Ela interrompe, jogando o par por cima do ombro - Dash disse que você está grávida.

Dash fez? Quando ele viu Marissa novamente? Por que eles estavam falando de mim e do nosso bebê?

Eu toco minha barriga - Sim eu estou. - Por que mais eu estaria na seção de gestante?

- Não há mais saltos para você - Ela sacode a cabeça - E sem café, sem vinho, sem cigarros, sem montanhas-russas.

- Eu sei - Vou consertar os itens no meu carrinho.

Ela coloca a mão no quadril e se inclina para frente - E o pior de tudo, sem sexo. Quero dizer, eu tenho essa prima que gosta de fazer sexo, e quando estava grávida, acabou sangrando e perdendo o bebê.

Eu me encolho na imagem.

- Ah, e você não vai conseguir nada depois - Marissa continua - Quero dizer, não com o bebê chorando o tempo todo, e todas as fraldas fedorentas que você terá que mudar. Minha prima disse, que estava trocando fraldas uma vez, e tudo explodiu na cara dela. Alguns até entraram na em sua boca.

Coloco a mão sobre a minha boca, meu estômago de repente se sentindo enjoado - Marissa - Mas ela continua.

- Além disso, você ficará gorda depois da gravidez, sua vagina ficará tão esticada depois que o bebê sair de você - Ela coloca as mãos para cima, juntando os dedos nas pontas e depois esticando as mãos para mostrar algo em expansão - Então sexo nunca mais será o mesmo, foi o que minha prima me contou.

Coloco minha mão longe, segurando a alça do meu carrinho enquanto a náusea passa - Uau. Sua prima passou por muita coisa.

- Oh, eu estava falando sobre primos diferentes.

Essa garota é incrível.

- Dash vai ficar entediado - Marissa cruza os braços sobre o peito - Ele provavelmente vai procurar diversão em outro lugar.

Minhas sobrancelhas sulcam. Ela está me ameaçando?

- Mas não se preocupe - Marissa estende a mão para tocar meu braço - Estarei aqui para você e para Dash.

Ela está me ameaçando.

Dou de ombros - Oh, você é tão doce. Mas eu tenho que ir agora.

Eu tento empurrar meu carrinho por ela, mas ela agarra meu braço, seu aperto me machuca quando ela sussurra em meu ouvido - Eu vou cuidar muito bem dele.

Paro, sentindo um peso no meu peito, que desaparece quando ouço a voz de Dash atrás de mim.

- Marissa!

17

Dash

Dando longos passos, marcho na direção de Janine e Marissa, puxando Janine em meus braços.

- Você está bem?

Janine acena com a cabeça inclinada.

Dou um passo para frente, olhando para Marissa - O que você pensa que está fazendo?

- Nada - Diz ela, esfregando a mão enquanto se afasta - Estava apenas parabenizando Janine por sua gravidez.

Dou outro passo para frente, inclinando a cabeça para um lado - Eu vi você, vi o modo como se olhavam, não sou idiota, Marissa. Você estava ameaçando ela.

Marissa coloca a mão no peito - Eu? Ameaçando ela? Ela ri - Por que eu faria uma coisa dessas, Dash?

- Exatamente - Eu cruzo meus braços sobre o peito - Por que você estava agarrando seu braço? Por que você sempre aparece onde estamos?

- É apenas uma coincidência - Ela encolhe os ombros - Talvez seja o destino Dash.

- Você sabe que eu não acredito nessas coisas - Franzo a testa, colocando minhas mãos em seus braços - Eles disseram que você estava melhor agora.

Suas sobrancelhas franzem -O que?

- Eu sei que você foi ao Quartel General, exigindo me ver. Disseram-me que precisava resolver com você.

- Eu - Ela olha para os pés enquanto aperta as mãos ao lado do corpo - Eu não sei o que você quer dizer.

- Você teve um colapso, Marissa - A lembro, recordando do que me disseram - Uma ambulância teve que ser chamada.

- Eu estava apenas um pouco chateada - Ela dá de ombros recuando.

- Você teve que ser encaminhada para um especialista - Ela olha para mim com os olhos arregalados.

- Mas você ficou melhor. Pelo menos foi o que eu ouvi. Talvez eles estivessem errados, no entanto.

Marissa encara-me, dando um passo à frente, cutucando meu peito com um dedo - Eu não estou completamente em cima de você.

- Você tem certeza? - Levanto minhas sobrancelhas.

- Eu sou casada - Ela coloca a mão para me mostrar seu anel.

- Seu marido sempre parece estar fora de cena - Coloco minhas mãos para trás, enquanto olho em volta - Onde ele está?

- No trabalho.

- Ele sabe o que você está fazendo? - Pergunto a ela.

- Não tenho feito nada - Ela cruza os braços, para logo descruzar - Eu realmente superei você. Estou grávida também.

-Mentirosa - Diz Janine atrás de mim.

Eu olho para ela, levantando a mão para dizer que tenho isso.

Marissa olha para Janine, apontando um dedo - Aquele bebê deveria ter

sido meu.

Ela se aproxima de Janine, mas eu estendo a mão para impedi-la de se aproximar - Isso é o suficiente, Marissa.

Ela bate meu braço para longe, punhos cerrados em seus lados - Aquele bebê poderia ter sido tão facilmente meu.

Ainda fervendo, ela joga fora o par de sapatos na mão, vira-se, e sai cambaleando.

Exalo antes de me virar para Janine, colocando meu braço em volta dela e esfregando seu ombro - Você está bem? - Pergunto.

- Sim - Ela acena com a cabeça - Você nunca me disse que Marissa estava doente.

- Eu também não queria acreditar - A puxo para mais perto - Eu me senti culpado. Não mais.

- Não é sua culpa - Diz Janine, balançando a cabeça.

Aperto o ombro dela - Não vamos mais falar sobre Marissa - Olho para a pilha de roupas em seu carrinho – Bem, bem. Alguém foi fazer compras.

* * *

- Bem, esse é o último deles - Esfrego minhas mãos depois de colocar os dois últimos sacos de papel no chão da sala. Inicialmente, havia apenas quatro sacos de papel, mas, depois do almoço, Janine encontrou uma loja especializada em artigos para bebê, elevando o total de sacos de papel a doze.

- Obrigada – Janine agradece, tirando os sapatos e esfregando os próprios pés - Me desculpe, me empolguei.

- Está bem - Levando as mãos aos quadris - Não é como se você não precisasse disso.

- Estou tão cansada - Ela se deita no sofá, esticando-se as pernas - Você pode me dar esse outro travesseiro, por favor?

Pego o travesseiro grande e redondo na poltrona, que ela coloca debaixo da cabeça.

- E você pode baixar a temperatura? - Ela ventila o rosto com as mãos - Está tão quente aqui.

Eu não concordo com ela, já sentindo o frio do ar condicionado, mas eu cumpro de qualquer maneira, definindo a temperatura para 68 graus a partir de 71.

- Algo mais? - Pergunto.

Ela balança os dedos dos pés e sorri, depois ri e balança a cabeça - Só brincando. Estou bem. Eu só preciso descansar.

- Certo - Vou para a cozinha para pegar uma garrafa de água.

- A propósito - Diz Janine - Tenho pensado sobre a oferta de sua mãe.

- Você tem? - Abro a geladeira e pego a garrafa.

-Sim.

- E - Eu abro a garrafa e engulo um pouco da água.

- Não acho que seja uma má ideia - Diz ela.

Volto para a sala de estar, sentando no sofá e olhando para ela - Você está bem com isso?

- Não inteiramente - Janine coloca um braço sobre a cabeça - Ainda não gosto da ideia de sua mãe cuidando de tudo. Eu sei o que significa para ela, mas esta é a minha vida e este é meu filho.

Minhas sobrancelhas franzem - Mas você quer se mudar para a mansão?

- Porque eu sei que ela está solitária - Janine segura minha mão - E porque eu não quero estar aqui sozinha, não apenas por estar com medo de que algo possa acontecer, mas porque vou ficar entediada. Pelo menos, na mansão, vou ter alguém com quem conversar.

- Isso é verdade.

- E você disse que tem um jardim, então eu poderei andar por aí, fazer o meu exercício.

- E há uma piscina também, se você quiser se refrescar - Digo, esfregando a mão dela - Sob supervisão, é claro.

Ela entrelaça os dedos com os meus - E a mansão não é mais segura?

Eu concordo - Os melhores técnicos do meu pai, projetaram o sistema de segurança.

- Então isso é bom, certo?

Eu fecho a mão dela na minha - Você não está com medo de Marissa, está?

- Não - Ela solta uma respiração profunda - Bem, estou com medo, mas não é só Marissa. Eu quero que nosso bebê esteja o mais seguro possível de qualquer pessoa e qualquer coisa.

- Compreendo - Aperto a mão dela - Mamãe ficará emocionada.

Ela olha para o teto - Eu posso imaginar isso - Eu rio. Depois de um tempo ela prossegue - Nós não vamos ficar lá permanentemente, no entanto - Acrescenta, levantando um dedo para fazer ponto - Quero uma casa nossa. Uma casa, não um apartamento.

Faço uma saudação - Sim, senhora. Acho que posso conseguir isso.

Janine olha para mim, sorrindo - Bom.

Por um momento, eu apenas a olho, cativado, então pego sua mão,

beijando-a - Eu já te disse que a gravidez combina com você?

- Oh Ela cora - Cale a boca.

- Sim - Digo a ela, colocando a mão no meu colo - Seu rosto está iluminado, e olhos estão incandescente.

Ela me dá um olhar confuso - Eu acho que você precisa ter seus olhos verificados.

Sorrio - É verdade, no entanto. Você parece bem.

Ela suspira - Bem, como minha mãe me lembrou, isso não vai durar.

- Pela primeira vez - Respondo, sorrindo para minha esposa - Acho que não concordo com ela.

18

Dash

- Tudo parece bom - Meu Vice-Presidente, Alex Harper, coloca uma pasta de documentos na minha mesa - Tivemos um bom lucro no ano passado, graças à nova campanha publicitária. Fizemos algumas aquisições bem-sucedidas, vendemos novos produtos, e a pesquisa, para os produtos mais novos, está indo bem. Tudo está no caminho certo.

Ele se senta na cadeira em frente à minha mesa.

- Isso é bom - Abro a pasta e rapidamente analiso os documentos, a maioria preenchida com números - Acho que deveríamos conseguir criar protótipos, para os dispositivos de defesa pessoal no segundo trimestre deste ano e, espera-se, produção em massa antes do final do ano. Devemos ser capazes de lançar o nosso ramo de armas também este ano.

- Sim - Alex concorda - Como eu disse, tudo está indo de acordo com o plano.

Fecho a pasta e olho para ele, sorrindo - Obrigado, Alex.

- Obrigado - Alex também agradece antes de levantar, as mãos nos bolsos - Você é uma bênção para esta empresa.

Balanço a cabeça, coçando meu queixo - Eu não iria tão longe.

- Você é tão bom nisso - Ele respira fundo - Faz-me pensar por que você se recusou a assumir a empresa em primeiro lugar.

Dou de ombros, sentando na minha grande cadeira de couro - Talvez eu simplesmente não estivesse pronto.

Ele concorda - De qualquer forma, tudo está no passado - Ele me dá uma saudação - Mantenha o bom trabalho, chefe.

Ele sai do escritório e, assim que chega, minha secretária, Leslie - O que é isso? - Pergunto a ela.

- Hum, você tem uma reunião com a Divisão de Treinamento de Armas das Forças Armadas - Ela aponta para o relógio - Começou à dois minutos atrás.

Eu olho para o meu relógio - Ah Merda.

Fiquei tão empolgado com a minha conversa com Alex, que esqueci a reunião.

Pego meu terno - Obrigado, Leslie. Estarei lá.

Eu abotoo meu terno e corro pelo corredor, em direção ao elevador, entrando, respiro fundo enquanto as portas se fecham.

Este encontro é muito importante, e só posso esperar que, apesar do meu lapso, tudo corra bem.

* * *

- Sinto muito em interrompê-lo, Sr. Siegel - Leslie diz, com um olhar de desculpas em seu rosto, entrando na sala de conferências a poucos minutos da reunião - Mas isso é urgente.

Eu suspiro enquanto esfrego minha testa, sabendo que ainda tenho muitas coisas para discutir com os homens na sala.

- O que é?

- É sua esposa, senhor - Diz Leslie - Ela ligou do hospital.

Porra. Eu lentamente me levanto da cadeira, sentindo toda a cor sumir do meu rosto.

- Ela está tendo o bebê.

19

Janine

- Eu Acho que não posso fazer isso - Digo a Dash, descansando minha cabeça no travesseiro enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

- Sim você pode - Enxuga minhas lágrimas com um pedaço de tecido - Você é a mulher mais incrível que eu conheço.

Não respondo, balançando a cabeça.

Meu corpo já está esticado além do limite de dor e exaustão, desgastado pelas últimas sete horas de trabalho de parto.

Ondas ondulantes de uma dor interna visceral - como cãibras dirigindo um caminhão de monstro me esmagam a uma polpa a cada trinta segundos. Não. Parece que aquele caminhão monstro está em meus quadris, rasgando e furioso.

Jogo a cabeça para trás rugindo, esquecendo o resto do mundo. Eu me sinto tão autoconsciente quanto uma mulher-caverna agora - Ahhh, eu não sei como fazer isso!

- Apenas relaxe, Janine - Diz a enfermeira do outro lado da cama, tocando meu braço – Respire

Eu forço uma respiração profunda em meus pulmões - Agora empurre!

Eu agarro a grade enquanto empurro com toda minha força.

Vamos. Vamos!

Caio no travesseiro, sem fôlego mais uma vez - Bom trabalho, Janine - Elogia a Dra. Liu, espiando entre as minhas pernas - Respirar. Descansar. Você vai empurrar novamente em apenas alguns segundos.

Mais? Eu pensei que o último empurrão seria com certeza.

- Quanto tempo mais? - Imploro ofegante.

- Você só tem que continuar empurrando - A médica. Mais fácil falar do que fazer.

Olho ao redor da sala, desejando que houvesse algo que eu pudesse agarrar e segurar o mais forte que pudesse durante o empurrão.

- Apenas segure-se em mim, Janine. - Dash oferece.

- Vamos, Janine. - Diz a doutora.

Levanto-me do travesseiro e respiro fundo novamente, agarrando a mão de Dash enquanto eu empurro.

- Você está indo muito bem, Janine -Dash me diz.

A enfermeira esfrega minhas costas - Quase lá.

Solto um soluço de frustração e caio para trás, ficando sem fôlego e sem energia. Eu não tenho mais nada.

- Eu não sei o quanto mais posso suportar - Choramingo.

- Shh - Dash acaricia meu cabelo - Você pode fazer isso, Janine. - Balanço minha cabeça, mordendo meu lábio inferior.

- Tenha pensamentos felizes - Sugere a Dra. Liu.

Pensamentos felizes? Minha mente não consegue pensar em nada - Pense em quando nos conhecemos - Sugere Dash - Você sabe, quando chegamos para o mesmo bolinho de caramelo salgado.

- Veludo vermelho - Sorri.

- Maridos - A enfermeira resmunga - Eles nunca se lembram dos detalhes importantes.

Sorrio - Pense em seu bebê doce - Diz a Dra. Liu - Você vai encontrá-lo tão

cedo.

Com as palavras, meus pensamentos se dirigem ao berçário da mansão, há muito tempo preparado para receber o pequeno Brandon Oliver. A lua, o sol, as estrelas e os planetas, todos pintam as paredes, o teto e as janelas, criando um cenário sonhador e etéreo para nosso recém-chegado. Um tapete grosso com foguetes azuis e vermelhos se estende pelo chão. Penso na cadeira de balanço no canto. Penso no meu bebê em meus braços, nos braços da minha mãe. Nos braços do Dash.

Eu me sento - Estou pronta.

- OK - A médica se inclina para frente - Empurre.

- Vamos trazer seu bebê para fora - A enfermeira me dá um tapinha nas costas enquanto segura minha mão.

Concordo com a cabeça, reunindo toda a força que me resta para empurrar. Eu só me importo com esse bebê, não me importo mais com a dor. Ou como pareço. Com nada mais.

Empurre, Janine.

- É isso aí! - Dra. Liu encoraja - É isso aí! Só um pouco mais!

Aperto o corrimão e a mão da enfermeira, sentindo meus dedos ficarem brancos. Empurro com mais força. Grânulos de suor rolam pelas minhas costas, lágrimas dos meus olhos.

- Empurrar! - Dash encoraja.

Levanto a cabeça e fecho os olhos, gritando enquanto empurro tudo o que tenho, sem levar em conta as onsequências. Não penso em nada além de empurrar.

Um gemido infantil cospe o ar e eu abro meus olhos. Uma onda gigante de alívio toma conta de mim quando percebo que está vindo do meu bebê.

Eu bati na cama, meu peito arfando e meu corpo tremendo e dolorido de

todo o esforço.

Eu sei que sou uma bagunça. Estou bem ciente do cabelo agarrado às minhas bochechas. Mas eu ainda não me importo.

Acabou. Eu dei à luz um menino.

- Ótimo trabalho, Janine - Dash beija o topo da minha cabeça suada - Estou tão orgulhoso de você.

Enquanto meu bebê é colocado em meus braços, toda a minha exaustão, toda a dor das últimas horas, evapora. Ele se vira para mim, aconchegando-se contra meu braço, a enfermeira me ajuda a alimentá-lo. Olho para ele, para suas pequenas bochechas rechonchudas, seu pequeno nariz e sua boquinha. Segurando-o perto do meu coração. Transbordo com um calor que nunca senti antes, com uma sensação feroz de orgulho e alegria indescritível.

E amor. Muito amor.

Como uma pessoa tão pequena pode encher meu coração de tanto amor?

- Hey carinha - Seguro a pequena mão de Brandon e trago aos meus lábios - Sou sua mamãe, e eu te amo muito - Em seguida olho para Dash - Papai está aqui também.

Dash beija o topo de sua cabeça - Bem-vindo ao mundo, carinha - Ele beija o topo da minha cabeça novamente - Disse que poderia fazer isso. Você é incrível.

- Eu sou uma bagunça - Digo a ele, colocando mechas pegajosas de cabelo atrás da minha orelha.

- Você é perfeita - Diz ele, segurando minha cabeça em seu peito - Deus, eu nunca deveria ter te deixado.

As palavras me pegam de surpresa, o calor no meu peito girando como um bando de borboletas.

Dash acaricia meu cabelo - Eu deveria ter ficado na escola e terminado

minha graduação. Eu deveria ter ficado com você.

- Sim, você deveria ter - Digo a ele, meus olhos ardendo em lágrimas, enquanto olho para o nosso bebê.

- Eu nunca vou deixar você de novo - Ele aperta meu ombro e planta um beijo carinhoso ao lado da minha testa.

Sorrio com as palavras, enxugando minhas lágrimas enquanto descanso minha cabeça contra o peito de Dash, olhando para meu bebê recém-nascido, minha mente em paz, meu coração transbordando de alegria.

Este é o momento mais perfeito da minha vida, e eu apenas sei que nunca vou esquecer isso enquanto viver.

19

Dash

Abril de 2018

- Você tem certeza que ele tem apenas três meses de nascido? - A mãe de Janine pergunta, enquanto ela, suavemente, carrega o pequeno Brandon em seus braços. Incapaz de andar, ela se reclina em dois grandes travesseiros agora. Ao lado de sua cama, está um complexo sistema de máquinas, todas regulando e monitorando sinais vitais. Há uma equipe constante e rotativa de enfermeiras aqui. É o melhor que posso comprar, embora eu saiba que Janine, ainda deseja poder ficar com a mãe. Neste momento, o sorriso que ilumina seu rosto é tão quente e brilhante que eclipsa as bolsas sombrias sob seus olhos - Ele é tão grande!

- Isso é provavelmente porque ele bebe muito leite - Diz Janine, sentada no banco ao lado da cama de sua mãe.

A Sra. Davidson olha para mim - Ele parece com você, Dash.

Eu coloco minhas mãos nos bolsos enquanto dou de ombros, de pé a poucos metros de distância. - Janine diz isso o tempo todo.

- Porque é verdade - Diz ela, acariciando o cabelo de Brandon.

- Vejo. Até sua mãe pensa assim.

Bem, Brandon tem a cor do meu cabelo e meus olhos - um loiro cinza azulado - e minha mãe diz que ele até tem o meu nariz. Eu não sei. Acho que a ideia de outra pessoa parecida comigo desconcertante.

- Não se preocupe - A Sra. Davidson coloca a mão sobre a de Janine -

Tenho certeza que quando você tiver uma filha, ela vai ficar parecida com você.

- Oh, não estou pensando em ter outro filho ainda - Janine responde, sentando-se – Talvez sim. Talvez não.

Ela olha em minha direção, mas não digo nada.

- Bem, eu tenho certeza que este tem sua força e sua coragem - A Sra. Davidson pressiona Brandon perto de seu peito - E espero que meu bom comportamento - Janine cruza os braços sobre o peito.

Faço careta, indo mais perto deles - O que isso deveria significar?

- Bem, você era muito rebelde, não era? - Ela brinca, virando-se para mim - Você não gostava dos seus pais e não gostava da escola. Eu lembro.

Eu coloco meus polegares no cós da minha calça - Eu gostava dos meus pais. Nós simplesmente não concordamos o tempo todo. Quanto à escola, bem, você e eu sabemos que não gosto de seguir ordens ou trabalhar em grupo.

- Sim, todo mundo sabe - Janine concorda, voltando-se para sua mãe e Brandon - Você ouviu isso, querido? - Ela segura a mão de Brandon - Papai gosta de fazer suas próprias regras e seguir seu próprio caminho, e você também - Ela beija a mão dele - Mas não até você ter dezoito anos.

- Vinte - Eu digo.

A mãe de Janine ri - Oh, eu já posso imaginar vocês dois criando esse menino - Ela olha para ele carinhosamente - Você é tão sortudo, Brandon. Você tem bons pais.

Eu levanto uma mão, acariciando meu queixo.

Eu não tenho tanta certeza.

Afinal, não consigo nem acreditar que sou pai agora.

Só então, Brandon começa a chorar. Minhas mãos se estendem quando dou um passo para mais perto dele, impulsionado por algum forte instinto

natural.

- O que há de errado, querido? - Janine sai do banquinho, sentando-se na cama da mãe.

- Shh - A Sra. Davidson balança o neto - Está tudo bem querido.

Ele continua chorando.

- Acho que ele está com fome.

Janine o pega dos braços da mãe e se senta.

Ela está prestes a empurrar a blusa para o lado, mas congela.

- O que está errado? - Pergunto a ela, tocando seu ombro.

- Deixei meu xale no carro - Ela me diz, balançando Brandon, que parou de chorar, aconchegando-se contra ela.

- Você não precisa de um xale aqui - Diz sua mãe - E eu deixei meu travesseiro também - Acrescenta Janine.

- Aqui - A Sra. Davidson tenta mover seu corpo para frente e pegar um travesseiro atrás dela.

- Não mãe - Janine a interrompe - Está bem. Eu tenho um travesseiro especial.

- Eu vou pegar - Ofereço, indo em direção à porta.

- Dash, antes de ir - A Sra. Davidson chama - Eu gostaria de falar com você.

Eu me viro.

- Eu vou pegar as coisas - Janine caminha em minha direção - Eu posso amamenta-lo carro também.

Entrego-lhe as chaves do carro.

A vejo sair do quarto, quando se vai, viro-me para a Sra. Davidson, que faz um gesto para eu sentar no banquinho que Janine acabou de desocupar.

Sento-me.

- Há algo errado, Olivia? - Pergunto a ela, colocando minhas mãos no meu colo.

- Você sabe exatamente o que está errado - Responde, suspirando enquanto descansa a cabeça sobre os travesseiros - Não vou ficar por aqui por muito mais tempo. Você pode ver isso. Eu posso sentir isso.

- Não diga isso - Peço, inclinando-me para frente e segurando sua mão.

Ela balança a cabeça, colocando a mão sobre a minha - Mas você é o único que posso dizer. Não posso contar a Janine, acabou de dar à luz! Ela ainda está se adaptando à vida como uma nova mãe.

Eu aceno e inclino minha cabeça, entendendo.

Ela aperta minha mão - Eu não preciso pedir que você prometa ser um bom pai para o meu neto. Eu posso dizer que você será.

Olho para ela - Obrigado.

Ela esfrega minha mão com o polegar - Mas eu quero que você me prometa que quando eu for - Sua voz treme - Você vai lembrar a Janine que Brandon precisa dela. Diga a ela que a vida continua - Ela faz uma pausa para respirar fundo, e sua voz recupera sua força - E que ela deve ser forte. Ela pode chorar, mas não vou tê-la de mau humor. Você conte a ela. Isso é o que eu quero.

- Eu vou dizer a ela - Prometo, colocando minha outra mão sobre a dela.

- E você - ela continua - Cuide dela, com o nova bebê, ela vai esquecer de cuidar de si mesma. Você tem que estar lá para ela, para ajudá-la. Porque eu não vou estar aqui.

Eu aceno, olhando para sua mão.

Ela coloca em seu estômago - Eu cuidei dela por trinta e um anos, você sabe. E todo ano, eu a amava mais e mais - Ela olha para mim - Agora é sua vez.

- Eu entendo, Olivia - Coloco minhas mãos no meu colo - Prometo que vou cuidar dela.

- Bom - A Sra. Davidson estende a mão para esfregar meu ombro - Você é um bom homem.

Acaricio sua mão, sorrindo - Não se preocupe, mãe. Eu tenho ela.

* * *

Eu digo a Janine que vou checar Brandon mais uma vez, antes de irmos para a cama - antes de deixarmos o trabalho para os monitores de bebês por apenas algumas horas, mas me vejo encarando-o por vários minutos, suspenso de admiração.

Eu não posso acreditar que sou pai.

Meu coração se arrepia quando incha com algo novo. Quase parece estar prestes a chorar, mas de um jeito bom.

- Ele está bem? - A voz de Janine flutua do quarto.

Respiro fundo e me puxo do berço, pisando no banheiro adjacente e entrando no nosso quarto. Janine se estende pela cama em uma camisola azul, me observando.

- Dormindo como um bebê - A informo, tirando meu robe.

- Bom - Ela solta um suspiro de alívio, quando está deitada de costas na cama - Espero que ele continue assim.

- Esperançosamente.

Deslizo sob as cobertas ao lado dela, deitada de lado e apoiando minha

cabeça no meu braço enquanto olho para ela.

Ela vira-se em minha direção - O que você está fazendo?

- Nada - Estendo a mão para pegar uma mecha de seu cabelo, giro-o em torno de meus dedos - Eu sinto sua falta.

- O que você quer dizer? - Ela me dá um olhar confuso - Estou bem aqui.

- Você sabe o que eu quero dizer - Beijo os fios de cabelo nos meus dedos.

Ela puxa do meu alcance, desviando o olhar - Dash, você sabe que não podemos.

- Por que não?

Janine vira as costas para mim - Acabei de ter um bebê,

Coloco minha mão em seu braço - Três meses atrás.

- Sim. E é difícil, certo? Estou cansada.

Eu beijo seu ombro - Você precisa relaxar, se divertir. Você não esqueceu como se divertir, não é?

- Eu não sei - Ela suspira, deitada de costas novamente e puxando as cobertas até o peito - As vezes, sinto que não me conheço mais. Quando foi a última vez que ouvi a rádio, sabe? Quando foi a última vez que assisti a um filme? Eu sinto, quando Brandon nasceu - Janine engole em seco - Talvez parte de mim tenha morrido.

- Não - Pego a mão dela - Ainda é você, apenas melhor e mais forte. Eu sei que você está aí, apenas esperando por uma chance de sair e brincar comigo - Pressiono meus lábios no seu pescoço - Talvez eu devesse entrar e brincar com você.

Janine me afasta – Dash!

- O que? - Olho para Janine com as sobrancelhas levantadas.

- Eu não estou preparada - Ela se senta, esfregando o braço - Não sou só eu que não é o mesmo - Diz - é o meu corpo.

Ela puxa os joelhos até o peito, abraçando-os.

- Meu estômago está todo estranho agora e meu - Seus olhos incham enquanto ela procura as palavras certas - Eu apenas sinto que mudei muito.

- Você teve meu filho - Sento-me ao seu lado, acariciando sua mandíbula - Você entende como isso é sexy para mim? – Sussurro, um beijo contra o lóbulo da sua orelha - Forte - Digo, beijando sua mandíbula - E você engravidou da boa e velha maneira.

Janine bufa, escondendo o rosto atrás dos braços - Você quer desligar as luzes? - Sugiro. Ela olha para mim e acena com a cabeça.

Preferiria fazer amor com ela com as luzes acesas, é claro, mas se isso a deixa confortável, vamos desparafusar todas as lâmpadas da casa.

Eu só quero ela.

Mas Janine esconde ainda mais o rosto dela - E se eu não gosto mais de sexo? E se você não gosta de sexo comigo?

Puxo seus braços para fora do caminho - Só há uma maneira de descobrir, certo? - Varro o cabelo do rosto dela e beijo sua bochecha - Eu estive esperando por você, Janine.

Eu a monto, abrindo caminho entre suas pernas.

Ela não diz nada, mas sua boca se abre em um silêncio de desejo.

Eu acaricio sua bochecha, olhando em seus olhos - Você achou que eu não voltaria?

Janine franze os lábios e depois olha para as mãos - Você não tem mais motivos para fazer isso, Dash. Nós temos um bebê agora.

- Se tudo o que eu quisesse fosse um bebê, teríamos feito fertilização in vitro - Lembro, levantando o queixo suavemente para que ela encontre o meu olhar - Mas nós não fizemos.

Ela fica em silêncio, olhando-me.

Agarrando seu queixo, a beijo lentamente, ternamente. No começo, ela não responde. Então seus lábios macios se abrem quando pressionando-se contra os meus. Um arrepio passa por meu corpo, o pau latejando na minha boxer e calor rastejando sob a minha pele.

Porra, eu senti falta dela.

Movo minha mão para sua bochecha, enquanto a beijo mais forte. Um clique profundo soa por toda a sala e as luzes piscam ao nosso redor. Luzes de emergência menores e mais fracas se destacam ao longo das tábuas do assoalho.

Janine se afasta, olhando em pânico para as janelas do quarto - O que está acontecendo?

- Provavelmente nada - Murmuro em seu pescoço.

- Mas não há poder - Cães começam a latir no gramado. Janine se desloca, escorregando do meu abraço. Ela atravessa a sala como um raio - Vou verificar Brandon.

- Ele está bem, baby - Chamo atrás dela - É provavelmente um fio abatido.

Ela se inclina de volta para o quarto só para me encarar - Se perdêssemos a eletricidade, não teríamos as luzes de emergência Diz ela. Ela desaparece de volta ao banheiro contíguo.

- É o sistema de segurança - Chamo depois dela, ainda não alarmado. Essas coisas acontecem. Uma vez, um galho quebrou uma janela e desligou a coisa - Ele desliga a energia e bloqueia todas as portas fechadas. Exceto o canil. Aqueles abertos para que os cães possam sair.

- O sistema de segurança pode fazer isso? - Sua voz flutua do banheiro.

- Sim - Ainda podemos sair. Só tenho que digitar o código.

Ouço a maçaneta do berçário de Brandon sacudindo - Oh! Graças a Deus, nós não fechamos todo o caminho - Há uma pausa e, em seguida - Brandon está bem.

Eu saio da cama e coloco minhas mãos em seus ombros - Claro, querida. Ninguém vai machucá-lo.

Ela se vira para mim, esfregando os braços com as mãos trêmulas - Pensei que este era o lugar mais seguro.

- É - Asseguro-lhe, pressionando-a contra o meu peito - Provavelmente não é nada, por isso, que pago profissionais. Então você não se preocupe.

Janine acena com a cabeça, mas não parece convencida.

Eu posso ter a cura para o que a aflige. Eu sempre ouvi que sexo é bom para aliviar o estresse.

Eu seguro seu queixo e viro o rosto para o meu - Por que não nós - Mas não termino.

Janine reclama - Agora?

- Bem. As luzes já estão apagadas.

Abaixo meu rosto para o dela e a beijo, minha mão descendo para acariciar seu ombro. Como antes, Janine hesita, depois se derrete, incapaz de resistir. Ela coloca os braços em volta do meu pescoço e me beija de volta completamente.

Movo minhas mãos para seu traseiro, pressionando seu corpo mais apertado contra o meu, beijando-a mais forte. Eu abro a boca e as nossas línguas dançam juntas.

Porra, eu senti muito a falta dela.

Meu pau já está duro e vazando, minhas bolas pesadas. Já existe uma pequena mancha na frente da minha boxer.

Sei que Janine acha que mudou, mas tudo parece o mesmo para mim.

Seguro seus seios pela frente de sua camisola, em seguida, deslizo minhas mãos por baixo, para que eu possa senti-los com minhas próprias mãos.

Janine se afasta, ofegando - Cuidado. Eles estão sensíveis.

- Eu sei - Por mais que eu queira fazer isso duro e rápido, tendo sido privado por tanto tempo, sei que tenho que ser gentil - Esta camisola é conveniente, não é? - Beijo seu pescoço enquanto esfrego seus mamilos duros.

Ela geme - Não tente nada engraçado com isso.

Sorrio antes de capturar sua boca novamente, mantendo-a cativa enquanto corro minhas mãos sobre seu corpo. Suas mãos começam a se mover também, acariciando os músculos das minhas costas e agarrando minha bunda.

Acho que ela sentiu minha falta também.

Alcanço a bainha de sua camisola, puxando-a diretamente sobre sua cabeça. Então eu a empurro para baixo na cama, olhando para ela.

Mesmo a partir do brilho das luzes de emergência, posso ver como o corpo dela mudou, os seios maiores, os mamilos mais escuros. Se os seios dela eram bonitos antes, agora, eles são hipnotizantes, fazendo-me lamber meus lábios enquanto tomo suas curvas suaves e perfeitas. Seus quadris são mais largos agora também, os quadris de uma mulher. Eu os aperto quando olho para a barriga dela, as estrias tendo desaparecido, mas ainda há algumas ali, como cicatrizes de batalha. Agora somos ambos guerreiros.

- Não olhe - Ela vira a cabeça para o lado - Eu te disse que não é bonito.

- O que não é bonito? Isto?

Abaixo minha cabeça para sugar seu seio e ela puxou meu cabelo,

ofegando. Eu paro, lambendo meus lábios enquanto provo o leite.

- Isso não é para você - Diz Janine.

- Eu vejo porque Brandon gosta disso - Eu chupo o outro seio dela, puxando outro suspiro - Eles foram meus primeiro.

Movo-me para baixo, em sua barriga e planto um beijo reverente nela. Não faz muito tempo, nosso bebê morava aqui. Eu mergulho minha língua em seu umbigo e então, me movo ainda mais baixo, meu rosto entre suas coxas.

Eu beijo a frente de sua calcinha úmida, absorvendo seu doce perfume. Então eu a puxo para fora do caminho, olhando para sua vagina.

- Bem? - Janine pergunta - Como se parece?

- Incrível - Respondo, enterrando meu nariz em seus cachos e lambendo seu clitóris.

Ela treme, suas coxas trêmulas apertando em minha volta. Eu as afasto e continuo lambendo, deixando a ponta da minha língua se esfregar contra esse nó sensível, provocando-o.

- Dash - Janine ofega, puxando meu cabelo.

- Parece que seus seios não são a única parte sensível - Sussurro contra sua boceta. Ela bate contra mim em resposta, com fome.

Deixo meu polegar assumir, persuadindo aquele botão a florescer, enquanto minha língua acariciava suas dobras suaves, já revestidas com o néctar que se derramava dela. Aproveito antes de empurrar minha língua, provando-a.

Ela tem o mesmo gosto - quente e grosso, ligeiramente doce e ligeiramente salgado.

Perfeito - Dash.

Quando movo minha língua mais rápido, olho para cima, para vê-la jogando a cabeça para trás, os olhos fechados, as unhas arranhando meu couro

cabeludo. Seu corpo treme todo. Seus quadris se levantam da beira da cama.

Então ela fica completamente parada, braços caindo para os lados.

Levanto minha cabeça, lambendo meus lábios.

Inclino-me, tirando minha cueca, deixando meu pau livre. Vendo isso, os olhos de Janine se arregalam e ela se empurra mais para cima na cama, abrindo as pernas e esticando os braços para mim.

Porra. A visão quase me faz gozar. Quase.

Mergulho na cama, colocando meus braços e pernas em ambos os lados dela.

- Pensei que você não me queria.

Ela cobre meu rosto - Nunca poderia deixar de querer você, além disso - Ela acaricia minhas bochechas - Você está certo. Eu ainda estou aqui.

- Aqui? - Deslizo um dedo dentro dela. Ela suspira.

- É isso aí.

Eu rio.

Ela coloca as mãos atrás da minha cabeça, levantando a dela para me beijar, beijo-a de volta, quando a acaricio, sentindo-a mais macia, úmida, mais quente.

Não aguento mais.

Posiciono-me em cima dela, parando para tirar um pouco de seu cabelo da testa e olhar em seus olhos, perdendo-me naquele ouro derretido. Então, movo meus quadris, deslizando dentro dela, preenchendo-a centímetro por centímetro.

Janine se agarra aos meus ombros, seus olhos revirando. Sua boca se abre para soltar um gemido. Eu a beijo, engolindo todos os gemidos que se seguem.

Meus quadris se movem mais rápido, balançando seu corpo com o meu.

Uma de suas mãos se move para minha nuca, acariciando meu cabelo, enquanto ela me beija, seus quadris se movendo para encontrar meus impulsos.

Eu vou mais e mais rápido, como se estivesse em pânico. Meu pau batendo dentro dela. Eu sei que não vai demorar. Já faz muito tempo e eu preciso tanto.

Janine libera a boca da minha - Mais rápido - Implora.

Eu quebro minha velocidade anterior e coloco um braço em sua volta, meu rosto contra o seu, enquanto sacudo meus quadris. Suas mãos se agarram às minhas costas.

- Dash - Grita meu nome.

Deixo ir, apenas momentos antes dela. Nossos corpos tremem enquanto estão encharcados de suor. Nossas respirações quebram o silêncio do quarto. Deixo-a me ordenhar até a última gota.

Levanto a cabeça para olha-la - Bem? –Pergunto - Você ainda gosta?

Janine sorri, me dando um aperto com sua buceta - Acho que você sabe a resposta.

Sorrio beijando sua testa antes de sair. Deito-me ao seu lado, puxando-a para meus braços - Eu disse a você que tudo estava bem, baby.

Janine se aconchega no meu peito - Contanto que você, eu e Brandon estejamos bem - Suspira - Tudo está bem.

Antes que eu possa responder, as luzes se acendem novamente - Que chatice - Digo.

Janine ri.

Lá fora, ouço um cachorro latindo.

- Você acha que eles encontraram o que quer que fosse? - Janine pergunta, levantando a cabeça.

- Provavelmente - Corro meus dedos através de seu cabelo vermelho - Estamos a salvo, de qualquer maneira.

Ela deita a cabeça para baixo - Você sabe, ser mãe me fez sentir corajosa - Faz uma pausa - E com mais medo.

Agarro seu queixo, para que seu olhar encontre o meu - Você não tem nada a temer. Eu prometi a sua mãe isso.

- Então foi disso que vocês falaram? - Eu concordo.

Ela descansa a cabeça na dobra do meu ombro - Ela não tem muito tempo de sobra.

Beijo o topo de sua cabeça - Sinto muito, Janine. - Ela sacode a cabeça.

- Eu sabia que isso estava chegando.

Mesmo assim, posso ouvir o medo em sua voz, posso sentir sua dor quando as lágrimas caem em minha pele.

Seguro-a mais apertado, enterrando meus lábios em seu cabelo - Shh. Está tudo bem. Estou aqui, por você.

Acaricio seus cabelos, enquanto seus ombros começam a tremer e as gotas no meu peito se transformam em poças, deixo-a chorar baixinho até que ela adormece.

Quando ela para de se mover, sua respiração se dissipa, eu gentilmente a empurro para fora de mim, coloco sua cabeça no travesseiro. Limpo as lágrimas meio secas e, em seguida, puxo as cobertas até seu queixo antes de sair da cama.

Pego meus boxers do chão, colocando-os de volta, colocando meu robe em seguida, amarrando a faixa. Posso ter parecido casual com Janine, porque eu queria que ela se acalmasse, mas agora que dormeceu, vou para a sala ao lado,

para verificar o nosso filho também.

Ele está em seu berço, dormindo, sem saber de nada que acabou de acontecer.

Saio do quarto do bebê, fechando a porta atrás de mim. Vou para o andar de baixo, para fora, onde encontro o jardineiro Ed, fumando um cigarro.

- Ed, sabe o que aconteceu? - Pergunto a ele, colocando a mão quadril.

-Senhor - Ele se vira surpreso ao me ver - Houve um intruso, senhor.

- Você o encontrou?

- Ainda não - Sacode a cabeça, afastando o cigarro - Ele deve ter voltado, e escapou novamente quando o alarme disparou.

- Os cães acharam alguma coisa?

- Não, mas Larry está verificando as câmeras agora mesmo.

- OK - Dou-lhe dou um tapinha no ombro - Me avise se descobrir algo.

- Eu vou, senhor – Responde - Quem tentou invadir a mansão era um idiota. Ele deveria saber que esta casa teria um sistema de segurança muito bom! Quero dizer, nós fazemos. Quero dizer, você os faz, senhor.

Sorrio - Sim. Insensato. Vamos torcer para que aprendam a lição. Ainda assim, esteja alerta - coloco as mãos nos bolsos do meu manto, olhando em volta - Nunca se sabe.

20

Janine

Outubro de 2018

Eu sabia que isso ia acontecer. Mesmo assim, ainda não consigo acreditar.

Sento-me no banco da frente da capela, no meu vestido preto. Minha cabeça se curva, meu cabelo formando um véu sobre minhas bochechas manchadas de lágrimas, minhas mãos juntas em meu colo. Se eu levantar a cabeça, mesmo que seja só um pouquinho, vou ver o caixão branco e dourado, a poucos metros de distância. Então, não o faço. Não levanto a cabeça.

Não quero olhar. Não quero imaginá-la deitada lá, nunca para acordar de seu sono. Não quero ser lembrada do fato de que ela se foi.

Como eu vivo quando a pessoa que me deu a vida, e me ensinou a viver agora se foi?

Quando olho para a foto dela, uma foto de quando ela era jovem, saudável e cheia de vida, outra lágrima desce pela minha bochecha.

Lembro-me dela em pé na cozinha, no seu avental floral, mexendo o molho de alho numa panela. Lembro-me do cheiro de sua comida quente e saborosa, que sempre provou ser tão boa, se não melhor, quanto cheirava. Lembro-me do som da sua voz, quando ela me contava histórias para dormir, quando cantava versos infantis. Eu me lembro de como ela costumava trançar meu cabelo, e limpar as manchas da minha roupa. Lembro-me da sensação dos braços dela em minha volta. Lembro como ela estava, e é assim que eu quero lembrar-me dela.

Limpo as lágrimas com o lenço, sem saber quantas usei nos últimos dias. Tudo que faço é chorar agora. Não consigo dormir. Não consigo comer. Sinto-me

tão vazia.

Mas o que acontece quando as lágrimas se esgotam?

Tenho medo de não sentir mais nada. As lágrimas param, mas o coração, como um deserto árido, racha sem que ninguém ouça ou saiba.

O pastor na minha frente, continua falando por trás de seu pódio, mas não ouço nenhuma de suas palavras. Nenhuma delas importam. Não há palavras para descrever como me sinto, ou me oferecer qualquer medida de conforto.

Desculpa. Condolências.

Essas palavras que ouvi, repetidamente não significam nada. Elas são ditas para o benefício do orador sozinho.

Meus olhos se inclinam quando Dash se senta ao meu lado, espalhando sua mão sobre a minha. Ele veste um terno preto sombrio e Brandon dorme contra o peito. Dash não diz nada. Ele nem olha para mim. E ainda assim, me sinto menos sozinha.

Aperto sua mão. Ele e Brandon são tudo o que me resta agora.

Depois da cerimônia, ele segura minha mão, enquanto caminhamos até o cemitério próximo, sem dizer nada. O caixão da mamãe é abaixado no chão, Dash coloca seu braço em minha volta.

Inclino-me contra ele em busca de apoio, não confiando em meus joelhos para me sustentar enquanto as lágrimas derramam de novo.

Seu caixão desce bem abaixo de nós e eu permito que meus joelhos cessem - Adeus, mãe - Sussurro.

Enquanto o caixão desaparece sob as pilhas de terra, Dash pega minha mão e coloca o braço em ao meu redor mais uma vez, me guiando para o carro.

No caminho, deixo cair meu lenço, estampado com o brasão da família Siegel. Arranca pelo gramado, soprado por uma forte brisa de outono. Eu vou atrás dele sem pensar, me inclinando para pegá-lo a poucos metros de Dash e

Brandon.

Eu paro. Uma mulher loira fica à distância. Ela usa óculos preto e grande, espreitando por detrás de uma árvore.

Isso é Marissa.

- Olá bebê - Dash vem para o meu lado - O que você está olhando?

- Um - Estendo um dedo em direção a Marissa e depois congelo. Ela se foi – Nada - Digo a Dash, meu olhar ainda naquela árvore distante - Pensei ter visto algo.

* * *

Empurro o carrinho de Brandon pelo quintal em meio a folhas caindo, decorações de Halloween de Anna, algumas das quais, eu acho um pouco horríveis demais. Dash, rapidamente alcança os galhos das árvores e puxa uma boneca vestida com túnicas brancas manchadas de sangue, com uma longa peruca preta.

Felizmente, Brandon não viu isso. Ainda está ocupado roendo o queijo, o espinafre e a batata frita em seu carrinho.

- Não entendo por que sua mãe está decorando a casa toda para o Halloween - Digo a Dash, enquanto empurramos o carrinho por um caminho de jardim pavimentado - Ela não fez isso no ano passado, não é?

Dash desliza as mãos nos bolsos da jaqueta, encolhendo os ombros - É o primeiro Halloween de Brandon. Ela quer que seja divertido.

- Ele tem nove meses. Ele não vai se lembrar de nada disso.

Ele hesita - E ela estava esperando para animá-la.

- Para me cercar de fantasmas, monstros, aranhas e lápides? - Eu sacudo minha cabeça - Sua mãe é um gênio.

Dash para de andar e eu também, estacionando o carrinho ao lado de um banco.

- Sinto muito - Digo a ele, olhando para as minhas mãos - Eu não quis dizer isso.

- Eu sei." Ele dá um passo à frente, de pé ao meu lado - Eu sei que você está chateada com sua mãe, e isso é compreensível. Eu sei o quanto dói, Janine. Também perdi um pai.

- Eu sei - Pelo menos ele ainda tem a mãe dele.

- E perdi muitos amigos quando estava lutando – Acrescenta - Eu não apenas os perdi. Eles morreram na minha frente.

Olho para ele. Eu sabia que algo assim deveria ter acontecido no campo de batalha. Ele nunca falou, até agora.

- Sinto Muito - Pego a mão dele.

Ele a aperta - Sei que você viu sua mãe morrer lentamente, sei também que ela se foi agora. Mas pelo menos, ela está em paz agora. Ela não se arrependia.

- Ela lhe contou isso?

- Você cumpriu seu último desejo, Janine - Ele me lembra. Suspiro, colocando uma mão no meu cachecol.

- Você fez tudo o que pôde para fazer de seu tempo na terra, agradáveis. Nem sequer fomos à nossa lua-de-mel, querida - Ele segura minha outra mão também - Você viveu para a sua mãe e - Faz uma pausa -Você tem que tentar viver por si mesma novamente.

- Não sei se posso. Agora que ela se foi -Sussurro, olhando para as minhas duas mãos.

- Ela não se foi - Ele me diz baixinho - Ela vive em seu coração agora, e ela

estará aí para sempre.

Toco meu medalhão, correndo meus dedos sobre ele. Meus lábios começam a tremer, então eu os aperto.

Dash toca meu queixo - Ela queria que você continuasse.

Eu aceno com a cabeça, novas lágrimas surgindo em meus olhos. Dói tanto, mas estou aliviada que Dash esteja aqui.

Ouço uma risada repentina atrás de mim, viro minha cabeça, encontrando meu garotinho batendo em uma folha seca na bandeja em seu carrinho. Segundos depois, outra brisa atravessa o cemitério, e, outra folha desce. Brandon para de rir para assistir, os olhos azuis arregalados de espanto. Ele gira ao redor do vento e então se instala em sua cabeça.

Brandon solta uma gargalhada e a folha marrom cai em seu colo, ele ri mais um pouco, encantado.

Enxugo minhas lágrimas, rindo enquanto me ajoelho na frente dele.

- Você gosta de folhas de outono, hein? - Pego a folha que caiu no colo dele e deixo cair novamente, recebendo a mesma reação. Apesar de como me sinto agora, sorrio - Gosto delas também.

Quando olho para o rosto de Brandon, meu peito, tão pesado, de repente se acalma. Eu me sinto como uma mulher, se afogando que quebrou a superfície por um segundo, uma lufada de ar fresco, mas é o suficiente. Isso me permite saber que respirar novamente é possível.

Talvez Dash esteja certo. A vida continua. As estações mudam. Os anos passam. O círculo da vida continua, começando e terminando.

Olhando para meu filho, sei que tenho muito a viver.

Dash põe a mão no meu ombro e aperta. Olho para ele e meu sorriso é apenas meio forçado agora.

Levanto-me, colocando meus braços ao redor dele e pressionando minha

bochecha contra seu peito. Olhamos para o nosso filho juntos, os braços de Dash se fecham ao meu redor, balançando-me suavemente ao lado do carrinho.

21

Janine

Janeiro de 2019

- Feliz aniversário Brandon! Parabéns pra você!

Quando a multidão termina de cantar, pego Brandon, inclinando-o para frente, para que ele possa alcançar as velas em seu bolo de três camadas, multicolorido.

Ele ainda não sabe como soprar, então, acabo soprando a única vela para ele. Câmeras se afastam, e a multidão explode em altos aplausos.

- Feliz aniversário, querido - Digo, beijando sua pequena bochecha gordinha.

- Não é ruim - Dash me dá tapinhas nas costas - Não é o melhor boquete que você já deu, mas não é ruim.

Escuto e minhas bochechas ficam rosadas - Dash!

- Estou apenas mexendo com você. Todos os seus boquetes são incríveis - Ele beija minha testa, colocando o braço em minha volta.

- Você deveria ter sido o único a soprar a vela.

- Eh, ano que vem - Dash pega Brandon dos meus braços.

- Vamos, homenzinho! Tenho algumas pessoas que quero apresentar a você.

Vejo-o sair da mesa, engolido pela multidão em segundos.

Algumas pessoas, né? Okay, certo.

Depois de encher meu prato com comida - camarão grelhado, bolinhos de carne de porco, asas de frango recheadas, bolinhos de purê de batata, salada de verduras e bolinhos de Sobremesa - me esgueirei até a piscina para comer, mastigando enquanto observava Dash e os convidados através das lacunas nas persianas.

Eu só queria uma simples festa de aniversário - apenas Brandon em roupas novas, eu, Dash, sua mãe, Billy , se ele pudesse ser persuadido a vir, um pequeno bolo e um presente, preferivelmente um brinquedo educacional.

Mas não. A mãe de Dash queria ter um evento. Claro que fez. E ela faz festas de outra maneira?

A mãe de Dash, pediu um bolo de três camadas, balões, flores, bolhas, um palhaço, um aluguel de pônei e serviço de bufê completo. Ela também convidou seus amigos, claro - cerca de cinquenta deles.

Assim como no casamento, eu deixo passar. Sei que esta é uma das maneiras que ela está lidando com a perda do marido, embora seja difícil acreditar que esteja de luto, quando a vejo extasiada agora.

Observo-a tirando Brandon dos braços de Dash, e corre por ele. Agora, ela está usando um vestido de alfazema com babados, que a faz parecer uma dançarina de flamenco elegante e, é claro, outra série de diamantes.

Eu sei que ela significa. E estou tentando entendê-la. Eu realmente estou. Mas eu a conheci um dia desses, vou ter que enfrentá-la, e dizer-lhe que sou eu quem precisa administrar minha vida e, tão importante quanto, a vida de meu filho.

Talvez, quando Dash e eu finalmente tivermos uma casa nossa, uma palestra não seja necessária.

Termino de comer, sorrindo em aprovação da comida - pelo menos Anna, tem bom gosto em comida - mas franzindo a testa quando percebo que não

consegui nada para beber. Saio do esconderijo e rapidamente esgueiro-me dentro da casa, indo para a cozinha.

Aqui, entrego meu prato para uma empregada, pego uma lata de refrigerante na geladeira, bebendo-a contra o balcão da cozinha. Gostaria de ficar aqui também, mas Dash, provavelmente, está procurando por mim. Volto para fora, paro quando vejo Billy, ao lado da mesa atual no corredor, tentando encontrar espaço para a grande caixa azul e prata em seus braços.

Pelo menos, acho que é o Billy. Eu paro para olhar melhor, lata de refrigerante na mão.

Só o vi duas vezes - no bar onde conheci Dash pela primeira vez, e durante aquela reunião, em que fizeram Dash o CEO, e que acabei vomitando na frente de todos os acionistas, mas reconheço o cabelo da mesma cor do Dash, um pouco mais puro. Reconheço aquela pequena carranca dele também. Ele parece melhor, no entanto, em sua camisa azul royal colarinho e calças cáqui. Parece que ele ganhou peso e sua pele tem mais cor.

A faculdade de medicina deve se adequar a ele.

Respiro fundo antes de me aproximar dele - Billy, estou tão feliz que você pôde vir.

- Janine - Ele cumprimenta, virando-se para mim - Teria vindo mais cedo, mas um dos meus professores me enviou um e-mail e – Não o deixo terminar.

- Está tudo bem, Billy - Asseguro-lhe - Estou feliz que você esteja aqui agora - Coloco meu refrigerante em uma prateleira, e estico meus braços para ele - Aqui, deixe-me ajudá-lo a encontrar um lugar para colocar este presente.

Ele entrega-me a caixa - Obrigado.

Olho por cima da mesa, franzindo a testa quando não consigo encontrar espaço algum.

- Uau. Os amigos de sua mãe gostam de dar grandes presentes.

- Eles fazem. - Billy concorda.

Tento colocar a caixa em cima da outra, apenas para tirá-la novamente, pois percebo que algo pode ser quebrado por dentro - Não me lembro do meu primeiro aniversário, mas acho que não tive muitos presentes.

- Nem eu.

- Ah bem. Vamos apenas colocar isso aqui. Ajoelho-me para colocar a caixa no chão, debaixo da mesa - Eu espero que você não se importe.

- Contanto que você não esqueça.

- Eu não vou – Prometo, enquanto me levanto, sacudindo um pouco de poeira imaginária das minhas mãos.

Billy sorri, em seguida, franze os lábios, as mãos nos bolsos das calças.

- O que? - Pergunto-lhe.

Ele sacode a cabeça - Nada.

- O que? - Exijo, colocando minhas mãos nos meus quadris - Você, uh - Gagueja - Você se veste como Dash.

- Oh - Aliso os lados da minha saia, enquanto olho para longe, corando com o elogio, não tenho certeza do que isso significa - Obrigada.

- Não achei que ele se casaria com uma boa mulher - Billy continua, seus ombros subindo e descendo novamente - Eu nem achei que ele poderia encontrar uma. Imagine minha surpresa.

Pego minha lata de refrigerante da prateleira - Posso imaginar.

- O momento foi tão inacreditavelmente coincidente, sabe? Eu ouvi sobre o noivado, literalmente, dias depois que papai disse que tinha que encontrar uma.

- Bem, nós estávamos planejando ficar engatados por algum tempo - Eu

passo com cuidado, batendo com o dedo no topo da lata - Tenho certeza que ele te disse isso.

- Sim, algo nesse sentido - Billy solta um suspiro, quando cruza os braços na frente do peito - Simplesmente não acreditei. E você, teve Brandon tão rápido, assim como a vontade disse que tinha que fazer. Eu não acredito no destino, mas Dash, definitivamente tem toda a sorte. Isso eu acredito.

Não respondo, me sentindo confusa, enquanto tomo um gole de refrigerante. O que ele quer dizer, a vontade disse que eu tinha que fazer? Eu pensei que era apenas um último desejo, como o da minha mãe.

- Estou feliz, no entanto - Billy dá um tapinha no meu braço - Dash recebe sua herança. Estou de volta à escola de medicina. É uma situação vantajosa para todos. Ele coça a parte de trás da cabeça - Eu nem lembro porque eu protestei tanto em primeiro lugar.

- O que você quis dizer, algo sobre o testamento dizendo que eu 'tinha' para? - Pergunto curiosamente. Eu abaixei a lata na minha mão.

- Ah, você sabe. Tenho certeza que Dash falou sobre isso. Ele estava furioso, mas tudo deu certo, não é? - Os olhos de Billy se enrugam quando ele sorri, embora eu possa ouvir meu batimento cardíaco martelando em meus ouvidos - Papai tinha essa cláusula em seu testamento, apenas dando a Dash sua herança se ele tivesse um - A cor que notei nas bochechas de Billy começa a diminuir - Dash te contou sobre isso, não foi?

A lata escorrega na minha mão, derramando refrigerante na frente do meu vestido antes de criar uma poça no chão.

- Ah Merda - Recuo. Uma empregada corre para limpar a bagunça - Sinto muito - Digo a ela.

- Tudo bem, senhora - Diz ela - Embora talvez você deva trocar-se.

Eu olho para o meu vestido, manchas escuras no tecido amarelo - Sim.

- Você está bem? - Billy pergunta, tocando meu braço.

- Sim - Me afasto - Eu não estou me sentindo bem de repente. Acho que vou para o quarto. Com licença.

Subo as escadas, parando no meio do caminho para colocar a mão sobre o estômago, de repente me sentindo mal. Eu sabia que Dash estava sob pressão para se casar e ter um bebê. Eu sabia que ele queria fazer as coisas para sua família. Mas eu não sabia que havia bilhões, ou que suas ações na empresa dependiam disso.

Por que ele não me contou? Ele não confia em mim?

Ah, mas nosso casamento é um negócio, afinal. Eu sou apenas sua esposa falsa. Eu quase me esqueci disso. E agora, eu sei o verdadeiro motivo. Eu sou apenas uma ferramenta que ele usou para garantir sua herança.

Eu continuo subindo as escadas, lágrimas escorrendo pelo meu rosto enquanto a dor e a traição me dominam.

Dash nunca quis uma família. Ele só queria sua fortuna. E agora ele tem isso. Não admira que o contrato dissesse que poderíamos nos divorciar depois de cinco anos. Ele nunca quis que durasse.

A pior parte é que eu esqueci completamente que estávamos fingindo.

Eu vou para dentro do quarto e direto para o banheiro.

Eu acabo, inexplicavelmente, chorando na banheira.

Janine. Como você pode ser tão tola?

* * *

- Janine? - Ouço a voz de Dash, antes de vê-lo. Ele está parado na banheira, olhando-me com uma expressão de choque e confusão - Janine, o que você está fazendo aqui?

Eu não suporto olhar para ele – Cansei-me da festa.

- Acabou.

Acabou? Tenho chorado no banheiro por tanto tempo? - O que aconteceu com o seu vestido?

- Está bem. Eu nunca gostei de qualquer maneira.

Dash se ajoelha ao lado da banheira - Janine, me diga o que está errado.

- Por que? - Olho para ele, enquanto coloco meus braços em volta dos meus joelhos, notando o brilho inquieto em seus olhos, os cantos de sua boca virados para baixo.

Ele parece muito preocupado, mas não me importo - Por que eu deveria te contar? Por que você se importa?

Ele agarra a borda da banheira - Porque sou seu marido.

- Falso marido – Lembro-o - Nós assinamos um contrato. Se case, tenha um filho, divórcio depois de cinco anos.

- Apenas se você quiser.

Olho para ele - Mas você sabia que eu iria querer um.

Suas sobrancelhas franzem - Você?

Eu sacudo minha cabeça - Oh vamos lá. Pare. Você é um bom ator, mas não tão bom assim.

Dash se levanta, os braços cruzados sobre o peito. Seus olhos azuis estreitam crepitando de indignação - Bem. O que é isso realmente?

Levanto-me, minhas mãos segurando minha saia - Você só se casou comigo, porque ia perder sua herança.

Os olhos de Dash se arregalam. Então é verdade.

Ele engole e se aproxima, sua indignação desaparecendo agora - Quem te contou?

- Billy – Confesso - Acontece que ele é mais honesto do que você.

Dash franze a testa e toca meu braço - Janine - Bato na mão dele - Não me toque.

- Janine - Não o deixo terminar.

- Você disse que não haveria segredos, ou mentiras entre nós, mas isso, era uma mentira! Tudo era mentira!

Ele respira fundo - Foi uma mentira que concordamos em contar juntos. Eu não quero me divorciar.

- Por que? Existe outra cláusula secreta na vontade do seu pai sobre não se divorciar?

- Não! - Dash grita, ofendido.

- Por que eu deveria acreditar em você? - Coloco minha mão no meu peito - Você acabou de me usar para conseguir sua herança.

- Você me usou também.

- Sim - Saio da banheira, apontando para mim mesma - Eu fiz. Eu fiz isso, por alguém que amava. Mas você - Aponto meu dedo para o peito dele - Você fez por dinheiro.

Dash balança a cabeça - Eu não queria o dinheiro para mim. Eu queria, então eu poderia ajudar - Interrompo-o.

- Eu não me importo quais foram suas razões! – Empurro-o e saio da banheira estúpida, com lágrimas frescas rolando pelo meu rosto - Você me usou, Dash. Você me usou para conseguir seu dinheiro e você sabia o tempo todo. É por isso, que você não me contou. Porque você sabia que eu ficaria brava! Você sabia que seus motivos eram besteira! Você sabia que estava errado e ainda

colocou um bebê em mim!

Vou dar-lhe outro empurrão e Dash pega minhas mãos - Eu entendo como você se sente, Janine. Sei que você me odeia agora, mas por favor ouça. Eu - Interrompo-o novamente.

- Eu não te odeio - Balanço minha cabeça, arrancando minhas mãos - Eu me odeio. Sou a única que foi estúpida o suficiente para confiar em você. Fui estúpida o suficiente para pensar que seus motivos eram nobres, mas nunca tivemos nada em comum.

- Você sabe que não é verdade.

- Tão estúpida - Coloco a mão na testa, me sentindo um pouco tonta, quando olho para o chão - Por um momento, me permiti acreditar que tudo era real. Mas tudo é apenas um ato - Minha voz treme quando eu me forço a perguntar - Por que você foi comigo até o funeral da minha mãe?

Dash não diz nada, porque não há nada a dizer. Eu empurro por ele, saio do banheiro e entro no closet. Eu mudo o mais rápido que posso, em uma camiseta e jeans. Então eu pego mais algumas roupas e as coloco em uma mala. Não estou realmente prestando atenção ao que estou fazendo. É totalmente possível que tenha pego uma roupa de banho e uma camisola. Não sei o que estou fazendo. Tudo é um borrão miserável agora, desabando em volta da minha cabeça, e eu tenho que sair daqui.

- O que você está fazendo? - Dash pergunta, de pé em cima de mim.

- Deixando você - Fecho a mala e levo-a para o quarto, depois vou ao berçário, tirando Brandon do berço - Estou levando Brandon comigo.

- Ele é meu filho também. E o contrato diz que você não pode me deixar. Sua voz endurece, quando ele diz a palavra ‘não pode’ - Não por mais três anos.

Viro-me para encará-lo, Brandon se contorcendo em meus braços - Disse que não posso me divorciar de você. Não disse nada sobre eu sair pela porta da frente.

Dash bloqueia a porta para o corredor - Não vou deixar você - Diz ele - Não com Brandon.

Eu encontro seu olhar, meu coração afundando em sua expressão endurecida.

Ele realmente vai fazer isso comigo? Ele realmente vai me negar meu filho, depois que me machucou da pior maneira possível?

Olho para o meu filho, dormindo inocentemente. Posso realmente deixá-lo?

Mas eu tenho. Por mais que me destrua, não posso ficar aqui, com o idiota do pai por mais um segundo. Eu não posso mais manter esse ato idiota.

- Bem - Entrego o nosso filho para ele, silenciosamente, prometendo a mim mesma que voltarei para ele - Mas eu estou saindo.

Eu pego minha mala, saindo do quarto.

22

Dash

Desço as escadas e procuro por Billy com os olhos vermelhos. Assim que meus olhos se fecham sobre ele, bebendo o ponche de limão, como um idiota, corro através da sala e aperto seu colarinho, empurrando-o contra a parede da sala de estar - O que você fez?

- Uau! - Billy levanta as mãos para cima - O que eu fiz?

Olho para ele - Por que você disse a Janine que eu tinha que casar com ela e ter um filho, para obter minha herança?

- Porque é a verdade! - Aperto meu queixo.

- Não é minha culpa, que eu não sabia, que ela não sabia, ok? - Billy choraminga – Pensei que você tivesse contado a ela.

Porra, ele está certo. Eu deixo-o ir, recuando e esfregando minha mandíbula, enquanto tento me acalmar. Isso não é culpa dele. É minha. Eu nunca deveria ter enganado Janine. Eu deveria ter sido aberto com ela desde o começo.

Billy conserta a camisa - Por que você não contou a ela?

- Porque ela não iria se casar comigo se o fizesse - Confesso, caindo no sofá.

Billy me dá um olhar perplexo - Pensei que vocês dois estavam juntos por um longo tempo.

Suspiro, apertando minhas mãos - Billy, você é o homem mais inteligente

que conheço, mas não sabe nada sobre mulheres. Não importa quanto tempo esteja junto, ela quer saber que você está se casando com ela por amor. Nada mais. Tem que ser por amor ou não.

Billy se acomoda ao meu lado - Sua herança foi a única razão pela qual você se casou com ela?

Eu hesito, e então, aceno.

Billy corre um dedo acima dos lábios - Bem. Eu sinto Muito - Não digo nada, acariciando a aliança na minha mão esquerda - Eu não te odiava, desde o dia em que você levou a empresa de volta.

- Não é sua culpa - Digo a ele, apertando minhas mãos novamente - As circunstâncias não podem ser ajudadas.

Billy se inclina para trás - Você pode convencer Janine, de que não se casou com ela por dinheiro. Ela é louca por você.

Eu dou-lhe um olhar perplexo - Como você pode ter tanta certeza?

Billy coloca um braço na parte de trás do sofá - Eu vi o jeito que ela olhou para você naquela tarde no bar.

Meus olhos se arregalam. Billy notou Janine também?

- E não só naquela tarde. Ela sempre tem aquele olhar no rosto quando está perto de você.

Eu não posso deixar de sorrir um pouco, só de pensar nisso - Ela sempre dá uma olhada.

- Você realmente se importa com ela também, certo? Então, encontre uma maneira de recuperá-la. Rapidamente.

Eu me sento, pensando nas palavras de Billy. Eu me importo com Janine. Eu sempre tenho, agora, mais do que nunca. E não é só porque ela é a mãe do meu filho.

Eu a quero de volta. Eu vou pegá-la de volta.

Eu me levanto, olhando para Billy - Você sabe, eu senti saudade das nossas conversas.

Billy sorri - Eu também.

Volto para o quarto principal, na esperança de encontrar uma pista sobre o paradeiro dela.

- Está tudo bem, Dash? - Mamãe pergunta, espiando da creche com um Brandon berrando nos braços.

- Eu não sei onde Janine foi - Confesso, olhando para a mesa vazia.

- Aqui está um velho truque, de uma mulher com um marido desobediente; verifique o cartão de crédito - Sugere minha mãe - Se ela está passando, você pode encontrá-la.

- Mãe, você é um gênio - Digo a ela. Sento-me em frente à mesa de Janine, abro meu laptop e checo imediatamente as contas conjuntas.

Em poucos segundos, encontro o que estou procurando e solto um suspiro de alívio, embora isso desapareça rapidamente - Ela está no aeroporto.

23

Janine

- Portão 12 Chamando todos os passageiros para o vôo 227 com destino a Tóquio, Japão. Por favor, prossiga para o embarque.

Esse é meu voo.

Levanto-me, pego minha mala e começo a andar.

Digo a mim mesma que não estou saindo realmente. Estou apenas dando um tempo, indo para algum lugar distante para poder pensar com clareza.

De qualquer forma, é a lua de mel que eu nunca tive a chance de fazer. Eu não achei que ficaria sozinha, no entanto.

Eu faço fila, tirando o bilhete da minha bolsa. Apenas quando é quase a minha vez de embarcar no avião, eu ouço uma voz familiar chamando meu nome.

- Janine!

Minha respiração fica presa. É o Dash. O que ele está fazendo aqui?

Como ele sabe que estou aqui?

De qualquer forma, isso não importa. Estou indo embora. O atendente me acena e marcho em direção ao corredor que me conduzirá finalmente a esse avião.

- Janine! - Dash pega meu braço - Fale comigo!

Ele agarra meu braço por trás, torcendo-me para encará-lo, mas eu me contorço e olho para ele. Não estou preparada para o quão estranhamente

apaixonado meu marido se parece agora - seus olhos azuis gelados nadam de emoção, e seu cabelo castanho-claro, normalmente arrumado, está despenteado, mas tenho que permanecer forte. Ele vai ganhar todas as batalhas se eu pensar em como ele é bonito. Eu me forço a dizer - Não há nada para falarmos, Dash.

Dash se recusa a soltar meu braço, olhando profundamente nos meus olhos - Você sabe que não é verdade.

- Não importa o que você diz - Balanço minha cabeça, tirando meus olhos dele - Eu não acredito mais em você.

Dash me afasta da multidão do terminal e do corredor que leva ao avião - Eu sei que guardei algo importante de você, e me desculpe. Você foi completamente honesta e eu não fui. Somos uma equipe e deixo você para baixo.

Eu bufo, cruzando os braços sobre o peito - Você sempre disse que não era um jogador de equipe.

- Sinto muito, Janine.

Ele tenta esfregar meus braços, mas eu recuo e, dessa vez, ele me deixa ir. Eu não confio em mim mesmo para não cair em seus braços, se ele me tocar de novo, ou se eu olhar em seus olhos por muito tempo.

- Eu sei que não mereço o seu perdão. Se você realmente quiser sair, eu vou entender. Eu vou respeitar sua decisão. Vou até te dar o divórcio se você quiser. Até te darei a custódia de Brandon.

A tristeza em seus olhos, quando ele diz que as palavras, são tão dolorosas para mim quanto devem ser para ele.

Eu não posso acreditar que estou ouvindo isso - Você está me deixando ir? Eu sussurro.

- Se é isso que você quer - Responde, esticando uma palma para patinar suavemente sobre o lado do meu rosto - Porque é o que as pessoas fazem, se realmente amam alguém. Eles os deixam ir.

Minhas sobrancelhas se torcem com simpatia. Ele realmente me ama?

- Mas, se você ficar, eu prometo, que nunca mais vou mentir para você - Dash continua, seus dedos passando suavemente pela minha bochecha - E nosso casamento não será um negócio. Nosso casamento não será um ato. Não tem sido um ato há muito tempo.

Olho em seus olhos, procurando pela verdade - Mesmo?

- Sim. Eu te amo. Eu quero ser seu enquanto eu viver - Ele pega minha mão agora, segurando-a nas suas.

Engulo o nó na garganta. Eu sei que Dash pode ser um mestre manipulador quando ele quer ser. Afinal, ele convenceu a todos de que éramos marido e mulher, até eu.

- Como posso confiar em você de novo? - Sussurro.

- Você sabe que pode - Dash responde, ainda segurando minhas mãos - Se você olhar dentro do seu coração, saberá que merecemos outra chance. Nós podemos fazer funcionar.

Eu pressiono meus lábios e olho para longe.

Eu quero me jogar em seus braços fortes e reconfortantes.

Eu faço. Mas ainda estou ferida, e com medo.

E se Dash ainda tiver segundas intenções? E se tudo isso, ainda estiver relacionado à herança dele?

De repente, um telefone interrompe nossa conversa. Dash ignora, mas continua tocando. Um músculo em sua mandíbula corre e ele tira o telefone do bolso, respondendo com uma carranca.

- O que é isso, mãe? – Pergunta - Estou no meio de algo importante agora.

- Isso é importante! - Posso ouvir o grito histérico da Sra. Siegel pelo

telefone - Você tem que voltar, agora mesmo. Meu Deus, eu não posso acreditar nisso, eu apenas - foi um segundo.

Meu coração martela fora do meu peito imediatamente - O que está errado? - Pergunto a Dash, como se estivesse ao telefone com a mãe dele, como se pudesse falar através dele - Aconteceu alguma coisa? Brandon está bem?

Dash franze a testa para mim e acena com a cabeça - O que há de errado, mãe? - Ele parece calmo e forte, e sou eternamente grata por ele neste momento - Desacelere. O que é isso?

- É Brandon - Meu coração vai batendo nas minhas costelas, me estrangulando na garganta. Ela está gritando as palavras, então eu as ouço através do celular tão claro quanto o dia - Ele foi sequestrado.

* * *

Dash e eu encontramos sua mãe na sala de estar. Eu quero agarrá-la. Sacudi-la. Gritar com ela por perder meu filho, mas paro, assim que vejo seu rosto mortalmente pálido, suas mãos tremendo em torno de sua xícara de chá.

Eu aperto minhas próprias mãos trêmulas em punhos como meu lado - Onde está meu filho?

- Não sei o que aconteceu -Diz a mãe de Dash, não encontrando o meu olhar - Um minuto, eu estava segurando-o no jardim, estávamos rindo, ele estava correndo, e então, ele se foi. Alguma mulher estava na propriedade.

Fecho minha mão sobre a minha boca, outra sobre o meu estômago enquanto gira. Uma mulher?

- Que mulher? - Dash pergunta - O que ela parecia?

- Eu não sei. Magra, mas peituda - Responde a Sra. Siegel - Loira, sua idade.

Aperto minha boca com mais força, enquanto solto um suspiro de terror,

meus joelhos, finalmente muito fracos para me sustentar, cedendo para que eu desmorone no chão.

Há apenas uma mulher em quem posso pensar que gostaria de levar meu bebê para longe de mim.

- Porra - Dash soca a parede.

Ele sabe. Ele sabe quem é, assim como eu.

Lembrando que ainda tenho a foto de Marissa - aquela foto dela no casaco de Dash. Busco-a, mostrando para a mãe de Dash.

- É ela? - pergunto.

Ela coloca a xícara de café e segura a foto. Ela olha de volta para mim, com os olhos vidrados pelo choque - É ela.

Eu caio de joelhos no carpete.

- Ela parecia um pouco familiar - Acrescenta a Sra. Siegel. Enterro meu rosto em minhas mãos.

- Não sei quanto tempo ela estava nos observando. Pensei que era uma amiga sua, Dash - A Sra. Siegel coloca a foto no chão, olhando fixamente para a distância - Pensei que a conhecia. Então ela o pegou e, eu pensei que estava tudo bem. Pensei que ela era uma amiga da família.

Levanto-me, pegando a foto e sacudindo no rosto dela - Você deixou ela levar o bebê? Meu bebê? Anna, você deveria cuidar dele!

Ela só olha para mim.

- Isso é o suficiente, Janine - Dash coloca uma palma quente no meu ombro e massageia-a, meio que me acalmando e me socando.

Mas eu não suporto ser tocada agora. Eu levanto a mão dele, girando para encará-lo e prendendo a foto de Marissa em seu peito com meus dedos.

- Encontre o nosso filho - Ordeno com uma voz áspera e lacrimosa. Saindo da sala. Cubro minha boca com a mão novamente. Mais lágrimas caem, e meu peito se ergue tanto que mal posso respirar. Eu realmente vou vomitar. Um milhão de estrelas se amontoam na minha cabeça enquanto ando. Eu posso desmaiar.

Marissa tem nosso filho.

Estou indo para o andar de cima, não sei bem por que, me sinto cega de pânico - quando dobrei ao pé da escada, agarro o corrimão e começo a soluçar. A dor no meu peito é insuportável.

-Janine - A voz de Dash flutua da cozinha, onde estávamos, tentando ouvir a história de sua mãe sobre o que aconteceu. Não suporto olhar para ele. Não posso suportar pensar ou sentir qualquer coisa agora, exceto uma frieza que tudo consome, um ódio, um terror. As mãos de Dash descem ao redor dos meus ombros e ele me puxa para os meus pés, envolvendo-me em seus braços quentes e fortes.

- Eu não posso, Dash - Balanço a cabeça contra seu peito, e tremendo enquanto choro - Temos que encontrá-lo. E se ela o machucar? Ele é apenas um bebê. Oh, Deus.

- Shh - Dash pressiona minha cabeça contra seu peito, passando os dedos pelo meu cabelo - Vamos pegar Brandon de volta, prometo. Nós vamos encontrar Marissa, e eu juro que a faremos pagar pelo que fez.

24

Dash

- Sinto muito Sr. Siegel, mas ainda não encontramos Marissa Reynolds - Informa o detetive Egbert pelo telefone - Mas, tenha certeza, estamos fazendo tudo o que podemos para encontrá-la.

- Eu não quero garantias, detetive. Eu quero ação - Grito no telefone - Encontre-a. - Eu desligo o telefone, batendo com os punhos na mesa em frustração.

Marissa não é tão inteligente e o marido não é tão rico assim.

Como na terra a polícia ainda não conseguiu encontrá-la?

Coloco meus sobre a braços na mesa, correndo as mãos pelo cabelo.

Aquela cadela. Nunca deveria ter me envolvido com ela, deveria saber que Marissa não estava bem, deveria tê-la trancado em uma instalação mental.

Janine está certa. Isso é tudo culpa minha, e se alguma coisa acontecer com Brandon, eu nunca vou me perdoar.

Corro os dedos pelo cabelo novamente.

Por favor, que nada aconteça com meu garotinho.

- O que ele disse? - Janine pergunta, entrando no meu escritório, olhos sombrios e. Sei que ela estava ouvindo. Temos nos apegado aos nossos esforços de pesquisa, como se fossem oxigênio. É a única coisa que podemos fazer.

Seus olhos estão vermelhos, sobrecarregados pelos profundos círculos da privação do sono. Ela não dormiu ou comeu. Ela parece um fantasma, uma casca de seu antigo eu. Sei que pareço o mesmo. Já faz quase quarenta e oito horas.

Cada hora que passa, parece um ano em si.

- Nenhuma notícia - Grito, enxugando as lágrimas enquanto me sento na minha cadeira - Ainda não.

Janine se aproxima lentamente da minha mesa. A voz dela se torna histérica quando ela pressiona - E a casa dela? Casa dos pais dela? Casas de suas amigas? O escritório do marido? Qualquer casa de férias?

Eu sacudo minha cabeça - Ela não está em nenhum lugar.

Janine pega a foto na minha mesa, a que ela roubou do bolso do meu casaco sem que eu percebesse, e mostrou a minha mãe. Não é a foto que está sendo tirada da notícia agora - a polícia escolheu uma foto tirada no ano passado com uma visão mais próxima do rosto, mas é a foto que Janine não consegue parar de olhar.

Ela olha demoradamente. Sinto vontade de tirar das suas mãos, e pedir para que descanse um pouco, mas então, seus olhos vidrados viram-se em minha direção - E quanto a este apartamento? – Sussurra.

Balanço a cabeça, colocando as mãos nos braços da cadeira - Ela não mora mais lá.

- Bem, ela deve estar em algum lugar - Janine grita, batendo a foto de volta. Aperto meu queixo exalando. Entendo exatamente como se sente, então, é impossível guarda-lhe mágoa. Na verdade, nunca me senti mais próximo dela, que agora.

Janine cai em uma das cadeiras de frente à mesa.

- Nós vamos encontrá-la, baby - Pego sua mão, apertando-a - Vamos pegar ela e Leon. E então, vamos pegar Brandon e trazê-lo para casa.

- Leon - Repete suavemente, suas sobrancelhas se enrugando.

- O que? - Pergunto curiosamente.

Ela toca o queixo - Marissa mencionou na festa da empresa que Leon era

dono de um iate. Que tal?

Solto sua mão, para levantar-me - Não. Eu não sei - Admito.

- Então você deveria contar para a polícia.

Pego meu telefone, mas pouco antes de discar o número do detetive Egbert, uma ideia me ocorre.

- O que está errado? - Janine me pergunta, saindo de sua cadeira.

- Se ele estava naquela festa, e tem um iate, talvez tenha comprado um dos nossos sistemas de segurança - Digo, movendo o dedo indicador para frente e para trás - E se o fez, então, posso encontrá-lo. Assim que o fizer, posso pular em um barco e – Mas não consigo terminar.

- Estou indo com você - Janine se aproxima de mim.

- Janine.

- Você não vai me deixar para trás.

Respiro fundo. Ela passou pelo inferno. Não. Ela está passando pelo inferno, e precisa descansar. Mas não posso negar-lhe isso.

- Bem, deixe-me conseguir essa localização, e vamos entrar no barco mais rápido que podemos encontrar.

* * *

Enquanto o Renegade, a lancha de Billy, cruza o oceano em alta velocidade, seguro o volante, meus olhos constantemente vasculham o horizonte em busca de um sinal da Stella Marissa. O ar quente do oceano puxa meu cabelo, mas não sinto nada. Nossos arredores são lindos - o oceano até onde os olhos podem ver. Mas não consigo enxergar beleza alguma. Tudo o que posso pensar é

em Brandon e tê-lo de volta.

Isso não pode ir mais rápido?

- Tem certeza de que estamos indo pelo caminho certo? - Janine pergunta.

Ela está sentada ao meu lado, segurando seu colete salva-vidas, seu cabelo vermelho flutuando na brisa salgada.

Pego sua mão, outro nó se forma no meu estômago quando percebo o quão frio seus dedos estão.

Não há nada que eu possa dizer para aliviar seu sofrimento?

Aperto sua mão com mais força - Quando voltarmos, compraremos a casa que prometi a você. Duas, se você quiser.

- Se conseguirmos Brandon de volta em segurança - Diz - Nós vamos.

Lentamente, ela vira a cabeça, nossos olhares se encontram. Puxo-a para seus pés, colocando o braço em sua cintura - E um dia, nós três vamos velejar.

Ela acena com a cabeça no meu ombro - Isso seria legal.

Beijo o lado da sua testa - Tudo ficará bem. Eu prometo.

* * *

- É isso aí - Aponto para o barco no horizonte, abrindo o par de binóculos em minhas mãos, tendo finalmente encontrado - Essa é a Stella Marissa.

Eu tenho você, Marissa.

- Brandon está lá. - Diz Janine, ao meu lado.

- Eu acho que sim.

- Eu posso sentir. Ele está tão perto.

- Eu também - Pego a mão de Janine - Vamos pegá-lo de volta.

Nós paramos ao lado do iate, embarcando nele, através de um passadiço estendido entre nossos dois barcos. Tenho certeza de que eles podem nos ver, se Marissa está neste barco, e se ela realmente seqüestrou Brandon, deve estar observando o horizonte como um falcão.

O alarme soa.

Porra.

Consigo puxar Janine para o barco, momentos depois, ouço a voz de Marissa logo atrás.

- Querido, temos convidados – Viro-me para encontrá-la, com seu marido emergindo do convés inferior, Leon, com uma arma tremulante diretamente no meu peito. Marissa sorri para nós, por trás do seu ombro. Parece que ele é seu fantoche - Realmente, não teriam que ter vindo por este caminho. Especialmente você, Dash. Você poderia ter ligado.

- Estávamos esperando por você - Diz Leon - Agora solte suas armas.

Abaixo minha arma, levantando as mãos, ainda pensando apenas em Brandon, mesmo com esse idiota apontando sua arma em minha direção - Onde está meu garoto? - Pergunto, voz fria como pedra.

- Onde está o nosso bebê? - Janine ecoa trêmula, as mãos levantadas ao lado das minhas.

- Oh, ele está bem - Diz Marissa. Então ela sorri - Eu nunca machucaria nosso precioso menino, Dash.

Olho para ela - Você está fora do seu maldito juízo.

- Uh-uh - Leon acena com a arma para me silenciar - Nós que vamos conversar, eu acho.

Olho para Marissa. Ela vai falar comigo - O que você quer, Marissa?

- Eu quero o que toda mãe jovem quer, Dash - Marissa sorri para mim, como uma coquete, completamente inconsciente do fato de que ela não é uma jovem mãe - A cabeça do papai no palito.

- Leon - Janine implora ao marido de Marissa - Por favor, ela é louca. Não faça isso.

Marissa ri e Leon dá de ombros - Eu tenho uma esposa feliz. Se minha Marissa diz que aquele bebê é dela, então esse bebê é dela. Vocês dois são aqueles que roubaram.

- Aww - Marissa sorri para ele sonhadoramente - Isso é doce.

- Vocês dois estão doentes - Percebo.

- Cale a boca, menino bonito - Leon se aproxima de mim - Você não sabe a vontade que tenho de atirar em você. Eu o faria se pudesse.

- Duvido você conseguir – Zombo - Você não tem as bolas.

Ele se aproxima, assim como eu quero que faça. Ele cutuca meu peito com o cano da arma.

- Por favor - Janine implora a Leon, com lágrimas nos olhos - Por favor, não faça isso.

Os olhos de Leon se movem para Janine, e ele engole, mas logo depois estreitam-se - Eu quero que você cale - Mas ele não termina.

Balanço minha perna, varrendo a dele para baixo. A arma cai fazendo barulho no convés. Vou para cima dele e o soco. Para minha surpresa, ele me dá um soco de volta, diretamente no queixo. Fico atordoado, afrouxando meu aperto, apenas uma fração. Leon me empurra.

- Dash - Janine grita.

Leon fica de pé, com os lábios sangrando - Você não é o único que sabe lutar, menino bonito.

Ele tenta me socar novamente, mas está exausto com o ataque, e consigo me esquivar facilmente, acertando um soco profundamente em seu estômago, enviando-o de volta.

Leon desmorona, ofegando, sua arma perto da cabeça no chão.

É suposto ser um movimento vencedor, mas Leon vai para a arma. Mergulho em direção à minha própria arma, mas não fui rápido o bastante. Sinto a quente picada repentina da bala afundar no meu ombro.

- Dash - Janine e Marissa gritam.

Sim, eu fui fodidamente baleado. Mas não muda nada. Meu filho ainda está em algum lugar neste barco.

Quando Leon grita, mas não consigo entender, meus dedos envolvem minha arma, e aperto o gatilho. Um estalo alto ecoa no céu sobre o Atlântico, e a arma de Leon dispara para longe de sua mão, deslizando pelo convés, para longe do seu alcance. Mas isso não importa. Sua mão de disparo está aleijada, quando ele cai no chão, pegando a arma na outra mão, soluçando como uma mulher.

Movo-me em sua direção e o golpeio no rosto com força, apenas uma vez. Ele desmorona inconsciente, e eu encaro sua fraqueza.

Conheço o tipo dele. Ele só está aqui por causa de sua esposa. Ela está apoiando-o todo o caminho, enchendo-o de vapor como um balão de ar quente, mas um rasgo, foi o suficiente para esvaziá-lo. Dois rasgos, se contar meu punho.

- Não - Marissa grita, caindo de joelhos.

Janine corre para dentro do barco, assim que Leon é desabilitado, desviando-se em torno de Marissa facilmente. Passo atrás dela, para apontar minha arma para Marissa.

Ela levanta as mãos, mostrando-me as palmas enquanto chora - Eu não sei como cheguei aqui - Ela geme.

Possivelmente para si mesma.

- Você sequestrou meu filho - A lembro.

- Lembra como você disse que me achou melhor? - Ela coloca as mãos no peito e balança a cabeça, os olhos brilhando. Não parecendo temer a arma, suponho que seja, porque ela sabe que não vou atirar, enquanto estiver na posição defensiva - Eu fiquei melhor - Continua, respirando fundo para se firmar - Mas então você voltou para a cidade, e, todo o meu progresso simplesmente desapareceu - Ela balança a cabeça para si mesma e sussurra - Talvez tudo esteja bem.

Mantenho minha arma apontada para ela, inabalável - Provavelmente não para você - Ela sequestrou meu filho. É difícil, para mim, sentir algo além do ódio, que sinto por ela agora.

Marissa se dissolve em soluços profundos no chão, eu me viro ao som dos passos de Janine que se aproximam no convés.

- Dash - Ela chora, seus olhos arregalados enquanto ela corre para mim, ainda sem Brandon - Não consigo abrir a porta.

- Oh, foda-se - Coloco a mão na cabeça e massageio, meu músculo dolorosamente exercitado - É o sistema de segurança.

- Você pode desativá-lo?

- Vou tentar - Digo a ela - Amarre dois.

Janine vai para um rolo de corda que está um banco.

Coloco a arma na minha calça, enquanto eu procuro o mainframe do sistema de segurança, que certamente está no cockpit.

Toco todos os códigos de substituição, as telas piscando de vermelho para verde, vermelho para verde, até que eu ouço Janine chamar meu nome. Estava tão envolvido naquele monitor, que quase me esqueci de tudo ao meu redor, concentrando-me apenas na última tranca, da última porta do maldito iate.

- Sim? - Respondo. Assim que a vejo, um peso esmagador é aliviado do meu peito. Ela está segurando Brandon em seus braços. Seu rosto está marcado por lágrimas, sua boca larga em um sorriso.

- Eu peguei ele, baby - Exalta - Eu peguei ele.

Janine está a distância, mas Brandon parece bem. Ele está agarrado ao pescoço de Janice chorando, mas ela também está chorando. Antes que possa alcança-la, ela diminui o passo e se curva de joelhos, embalando-o e chorando em gratidão. Meu coração dói com a visão. Nunca deveria ter deixado Marissa voltar para nossas vidas, nem por um segundo. Eu sabia, quando ela encontrou-me no restaurante do hotel, que ela ainda não estava bem.

Vou até eles, meu próprio coração transbordando de alegria - por ver Brandon de novo, e por ver Janine feliz de novo – curvo-me e os envolvo em meus braços. Lágrimas cobrem meus olhos também, não posso segura-las.

Janine muda de posição, para pressionar seu corpo contra o meu, e agora, nós dois seguramos Brandon como um, como se fôssemos uma só entidade. E, de muitas maneiras, nós somos - Oh, Dash, ele está bem - Ela chora contra o meu peito.

- Ele parece bem - Pressiono um beijo na testa do meu filho - Tudo está bem.

Janine funga contra o meu peito e planto um beijo em seus cabelos.

Nosso pior pesadelo acabou.

25

Janine

Julho de 2022

Tudo parece um sonho.

De pé, na varanda da nossa nova cabana de madeira, às margens do Lago Michigan, vejo Brandon e Dash, correndo pelo gramado sob o luar, e o brilho das lâmpadas de jardim cuidadosamente colocadas. O pastor alemão de Brandon, Wolf, corre com eles, abanando o rabo.

Parece que foi ontem que ele era um cachorrinho mastigando tudo. Parece que foi ontem que Brandon era um bebê, rastejando pelo chão. Agora ambos estão crescidos.

Bem, Brandon ainda tem muito a crescer, mas não é mais um bebê. Ele está começando a ler e escrever agora, o que Dash e eu temos ensinado. Ele vai estar no jardim de infância em breve. Às vezes, quando converso com meu filho, ele se mantém com a maturidade de um adulto.

Então, menciona que o trabalho do pai seria ainda melhor, se foguetes pudessem se envolver, e lembro que, por apenas mais alguns anos, ele ainda é um bebê.

Deixei-os jogar um pouco mais, depois Brandon vai para cama. Vejo-o escovar os dentes. Ele veste seu pijama, e então, o coloco para dormir, depois de ler uma história e dar um beijo no topo de sua cabeça.

- Boa noite querido. Eu te amo - Sempre digo isso a ele. Não posso segurar.

- Boa noite, mamãe. Amo você também - Meu coração derrete, toda vez

que ouço.

Brandon se vira de lado, e eu aliso minhas mãos pelas costas minúsculas, depois apago a lâmpada. Ando em direção à porta, acariciando Wolf quando passo por ele.

- Boa noite, Brandon - Dash chama da porta, inclinando-se sobre a moldura com as mãos nos bolsos.

Brandon boceja e vira o rosto mais fundo em seu travesseiro, aconchegando-se - Noite, papai.

Fecho a porta do seu quarto, deslizando o braço ao redor da cintura de Dash, descansando minha cabeça contra seu ombro - Acho que vou para a cama cedo hoje à noite - Murmuro baixinho.

- Algo está errado? - Dash pergunta, seu braço em minha volta.

- Não - Sussurro, ficando um pouco engasgada, só de pensar em como todos nós somos sortudos - Tudo está bem.

Não é só o Brandon. A empresa de Dash está prosperando, enquanto Billy completa sua residência. Nós fomos tão abençoados.

- Eu sei de algo que poderia melhorar - Dash ronrona, levantando meu queixo para me beijar.

Sorrio - Eu disse que ia ir para a cama cedo - Ronrono de volta.

Ele ri – Então, devemos nos apressar.

Dash me surpreende, pegando-me nos braços e caminhando rapidamente para nosso quarto.

Empurro a porta do quarto depois de passarmos por ela, bloqueando-a. Dash me coloca contra ele, suas mãos envolvendo minha cintura, enquanto sua boca devora a minha, roubando-me o ar, enviando calor até os dedos dos pés. Sim, nós ainda temos isso.

Dash tira meu cabelo do meu ombro, para beijar meu pescoço, sua outra mão envolvendo um dos meus seios.

Gemo, mas o afasto - Espere aqui - Digo a ele - Tenho algo novo.

Desapareço no banheiro, deixando-o intrigado, emergindo minutos depois com um roupão. Eu acho Dash na cama, já nu, duro como uma rocha, deitado de lado. Meus olhos percorrem seu pênis, contemplando-lhe mais duas vezes. Essa coisa ainda me assusta, mas minha calcinha ainda fica molhada. Só parece que vai doer - Isso me lembra da nossa segunda vez - Dash diz com um sorriso travesso, uma visão tão rara em seu rosto - Ou a nossa primeira vez em doze anos.

Brinco com a faixa do meu roupão, fazendo beicinho sedutor para ele - Já éramos homem e mulher - Lembro-lhe.

- E eu ainda preciso ver o que está sob esse manto - Me lembra seriamente.

Sorrindo, solto a faixa e tiro o roupão dos meus ombros. Um azul escuro, estampa de leopardo, seda chemise baby doll, com uma fita na frente corresponde a tanga de renda preta.

Os olhos de Dash se arregalam, enquanto eles descem pelo meu corpo. Eu guardo meus lábios, dando um giro - Você gosta disso?

- Eu já disse isso antes e vou dizer de novo – Responde - Seu corpo só fica melhor - Vejo seu pênis pulsar de acordo, enviando uma onda de calor através do meu corpo - Acho que você está overdressed, no entanto.

- Este não é um código de vestimenta de tanga preta? - Subo em seu colo, com um pequeno sorriso tímido.

- Correção fácil - Dash rosna, puxando a fita da frente. Meus seios balançam livremente em seu rosto, ele chupa um empurrando minha blusa. Assim que se vai, a mão livre se torna ocupada novamente, movendo o tecido fino da minha tanga para o lado. Seus dedos roçando meu clitóris, antes de

deslizassem dentro de mim.

Suspiro.

Liberando meu seio, ele captura minha boca para engolir meus gemidos, ainda me acariciando, sua outra mão na bochecha da minha bunda. Coloco minhas mãos atrás de sua cabeça, dedos se perdendo em seus cabelos. Beijo-o de volta ferozmente, girando meus quadris contra ele.

Os dedos de Dash se movem de novo, para esfregar o nó sensível, e eu tremo, me agarrando a ele. Ele chupa meu outro seio, braços em volta da minha cintura, enquanto move seus dedos mais rápido.

Como de costume, essa parte de mim se submete a ele completamente, inchando, enviando ondas de prazer por todo o meu corpo. Eu puxo seu cabelo, pressionando meu corpo contra ele enquanto o prazer toma conta.

- Oh, sim.

A essa altura, meu corpo responde com tanta força, mesmo quando me recupero do meu primeiro orgasmo da noite, posso sentir a excitação zumbindo em minhas veias, sabendo que é apenas o começo.

- Já? - Dash brinca, envolvendo seus braços em minha volta.

- Cale a boca - Digo a ele, beijando-o, colocando minhas mãos em seus ombros - É sua culpa.

- Então, eu aceito sua punição.

Dou um sorriso orgulhoso, antes de empurrá-lo para baixo.

Beijo seus mamilos, em seguida, circulo com a minha língua, puxando um suspiro dele. Então, desço lentamente, segurando o olhar ardente de Dash, até que seu pau duro, está na minha frente, segurando suas mãos, começo a lamber.

Ele aperta minhas mãos enquanto seus olhos se fecham.

Continuo passando minha língua para cima e para baixo, o comprimento

dele, debaixo da ponta e através dele, fazendo-o ofegar e se arrepiar, o que por sua vez, me faz tremer de excitação. De fato, quando ele fica molhado, eu também fico, meu corpo antecipando os resultados de meus esforços.

Eventualmente, solto suas mãos, para que elas possam encontrar meu cabelo, envolvo os dedos em torno de seu pênis, para dar alguns golpes antes de levá-lo dentro da minha boca. É uma tarefa que eu me tornei boa e que aprendi a gostar, especialmente, quando ouço os suspiros e gemidos escapando de seus lábios, enquanto seu pênis treme entre em minha boca.

- Janine - Dash avisa, puxando meu cabelo.

Compreensão, eu me afasto. Mas não estou prestes a abandonar o controle.

Volto para seu colo, movendo a fina tira de tecido entre as minhas pernas, para fora do caminho, pegando seu pênis e lentamente deslizo dentro de mim.

- Foda-se - A maldição escapa dos lábios de Dash.

Fecho meus olhos, prendendo a respiração, tomando um momento para saborear a sensação de ser preenchida. Começo a mover meus quadris, em círculos a princípio, depois subindo e descendo lentamente.

Dash coloca seus braços atrás da cabeça, sem fôlego, olhando-me, enquanto movo-me em cima dele, meu cabelo esvoaçando pelos meus ombros, meus seios saltando com cada movimento que faço, meu pingente balançando entre eles.

- Bonita.

- Não olhe - O repreendo e me inclino para beijá-lo - Bem. Não apenas olhe.

Quando me inclino para trás, suas mãos finalmente se movem, estendendo a mão para segurar meus seios e esfregar os mamilos.

Gemo, jogando a cabeça para trás.

Meus braços apoiados nas pernas dele, movo-me mais rápido, querendo sentir mais dele. Agarrando meus quadris, Dash e começa a mover o seu próprio ritmo, empurrando para o meu corpo.

- Tão bom - Digo a ele, montando-o.

- Você gosta de estar no topo, não é? - Ele pergunta.

- Eu gosto de todas as maneiras com você - Ofereço a ele.

- Boa - Dash inverte as nossas posições - Porque é a minha vez agora.

Ele desliza para fora do meu corpo, apenas por alguns momentos, para se livrar da minha tanga, em seguida, desliza de volta, envolvendo um braço em minha cintura, quando ele começa a bater em mim, o outro, acariciando minha bochecha.

Ele segura meu olhar, seus olhos meio fechados. Então ele pega meu pingente, beijando-o.

- Eu te amo.

- Eu te amo - Digo a ele, acariciando sua bochecha por sua vez.

Envolvo meus braços ao redor dele, enquanto ele me beija, entrando e saindo de mim ao mesmo tempo. Quando ele se move mais rápido, porém, eu me afasto, virando a cabeça para o lado para que eu possa ofegar por ar - Dash.

Posso sentir o prazer aumentando com cada impulso. Estou perto. Tão perto.

- Janine.

Dash move seus quadris ainda mais rápido, compartilhando o mesmo sentimento. Capturando minha boca novamente, nossos gemidos se misturam, seu corpo treme contra o meu, dentro de mim, e sou varrido com ele, tremendo ao redor dele.

Ele se esvazia dentro de mim, ficando ainda mais imóvel. O som da nossa respiração irregular pontua o silêncio. Ele se afasta, e me aconchego contra ele, beijando sua bochecha antes de descansar minha cabeça em seu peito. Ele por sua vez beija minha testa.

Sorrio - Você acha que teremos uma menina? - Pergunto.

- Eu não sei - Ele acaricia meu cabelo - Você quer uma?

Eu concordo - Você e Brandon jogam o tempo todo. Eu quero uma garota para brincar.

- Ah, mas você e Brandon compartilham os melhores momentos - Dash lembra - Como quando você o coloca na cama e beija seus joelhos raspados.

- Você faria o mesmo com a nossa garotinha ruiva.

- Provavelmente.

Olho para ele - Nós formamos uma grande equipe, você e eu.

- Isso nós fazemos - Dash concorda.

Enquanto descanso minha bochecha em seu peito, ele beija o topo da minha cabeça novamente, sorrio contra sua pele.

Fim